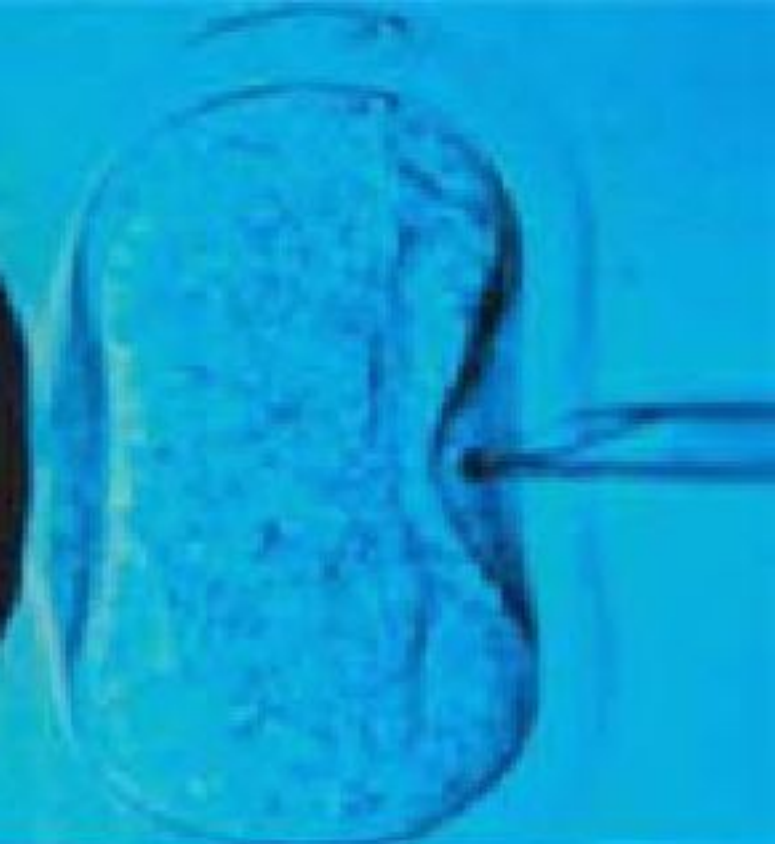
CRISE MUNDIAL
Gordon Brown diz a VEJA que a saída pelo protecionismo seria ruinosa

MEMÓRIA
A inédita e demolidora entrevista de Clodovil

FERTILIZAÇÃO
Os benefícios da nova técnica da maturação in vitro

Abril

Editora ABRIL
edição 2105
ano 42 - nº 12
25 de março de 2009

veja

www.veja.com.br

PEDOFILIA
QUANDO O INIMIGO É DA FAMÍLIA

Índice

veja
EDIÇÃO 2105 | ANO 42 | Nº 12
TIRAGEM 1 244 638 EXEMPLARES

T. S., 17 anos: estuprada pelo padrasto. PÁG. 78

RENATO VELASCO

PANORAMA

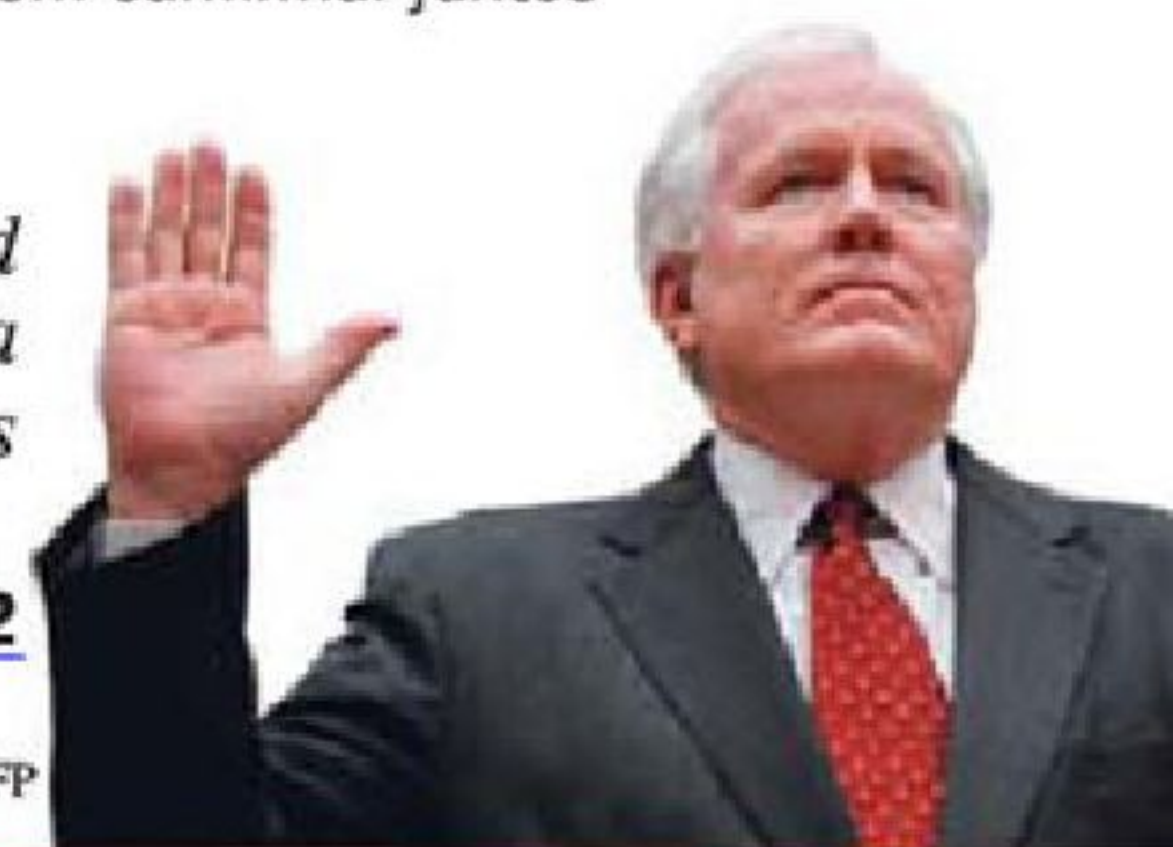
Heráclito Fortes: "Nem jornalista escapa!" PÁG. 60

BRASIL

José Sarney: contra os abusos da máquina. PÁG. 64

CELSO JUNIOR/AE

ECONOMIA

Edward Liddy, da AIG: bônus milionário. PÁG. 72

SOMODEVILLA/AFP

veja.com

GALERIA DE FOTOS
Personagens da atriz Dira Paes, que atualmente está na novela das 8. www.veja.com.br/galerias

RAFAEL FRANÇA/TV GLOBO

A FÓRMULA 1 E SEUS ÍDOLOS

O brasileiro é apaixonado por Fórmula 1. O esporte, que combina o mais sofisticado engenho mecânico-eletrônico com o cérebro e as emoções humanas, já produziu alguns dos maiores ídolos nacionais. Às vésperas do início de mais uma temporada, VEJA.com traz a história desse esporte desde sua origem, na década de 50, até os dias de hoje. Ao lado, os destaques da nova página na seção **Cronologia**. www.veja.com.br/cronologia

DE 1950 A 1969 Começa a competição internacional e surge o argentino Juan Manuel Fangio

DE 1970 A 1984 O Brasil chega ao topo do pódio, com Emerson Fittipaldi e Nelson Piquet

DE 1985 A 1994 A era Ayrton Senna: a rivalidade com Alain Prost e a conquista dos três títulos

DE 1995 A 2009 A vez de Michael Schumacher. E Felipe Massa, a esperança do Brasil

REGRAS EM DISCUSSÃO

Às vésperas de começar a temporada deste ano, a organização da Fórmula 1 desistiu das mudanças de regras que provocaram forte reação em muitos pilotos. Leia sobre as propostas que ficaram para 2010 em www.veja.com.br/perguntas

BERTRAND GUAY

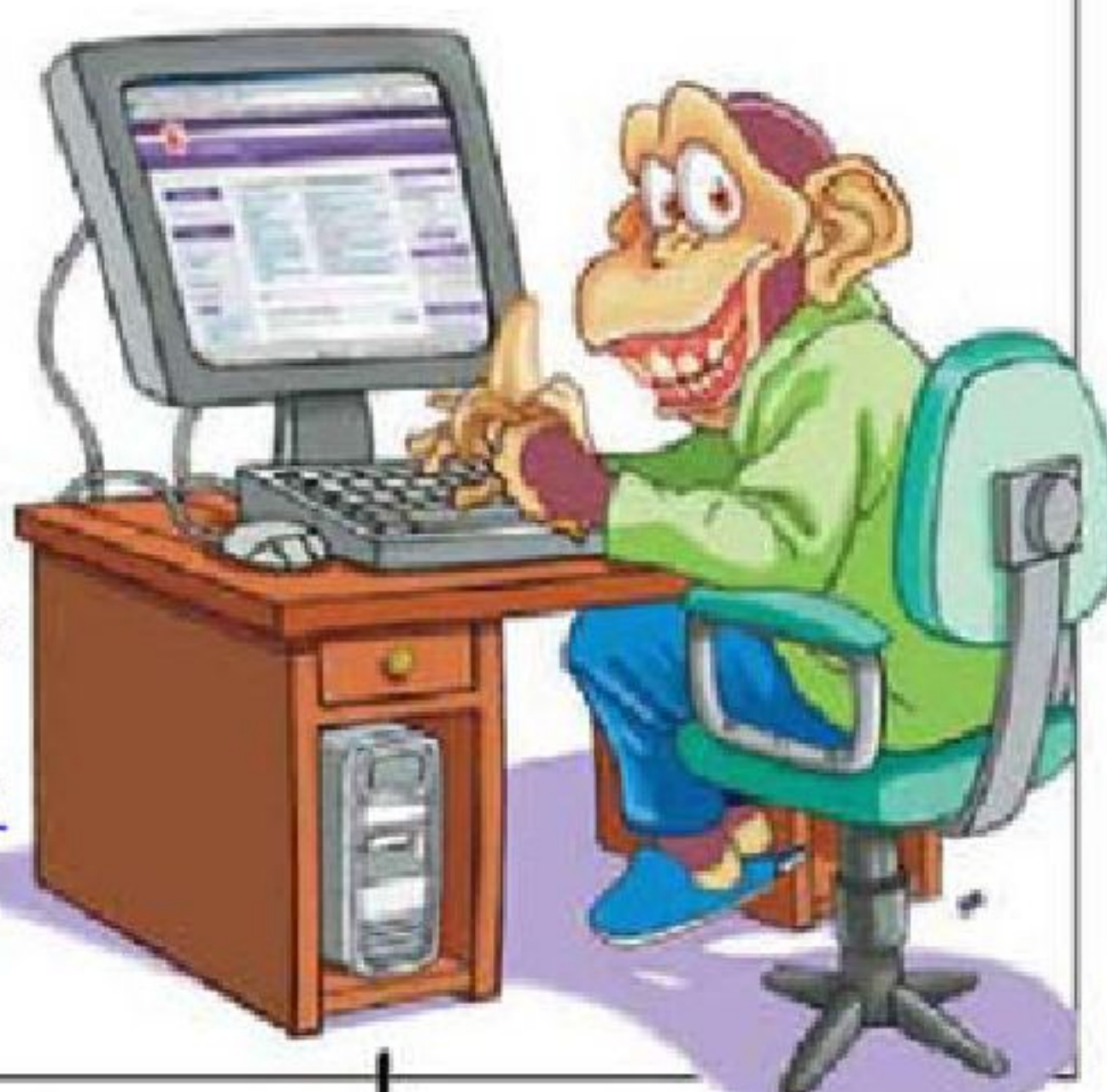
FABIANO ACCORSI

Nancy com Camila: fertilização. PÁG. 104

GERAL

GUIA

ARTES & ESPETÁCULOS

Internet: uma rede de bobagens. PÁG. 130

EDITADO POR KÁTIA PERIN kperin@abril.com.br

MUDANÇA NA POUPANÇA

O governo estuda a possibilidade de mudar o cálculo de rentabilidade da poupança — a mais popular aplicação do país. Com os cortes nos juros promovidos pelo Banco Central, a boa e velha caderneta tornou-se uma aplicação vantajosa se comparada aos fundos de investimento. Entenda por que isso é um problema para o governo na seção Perguntas & Respostas. www.veja.com.br/perguntas

PEDRO RUBENS

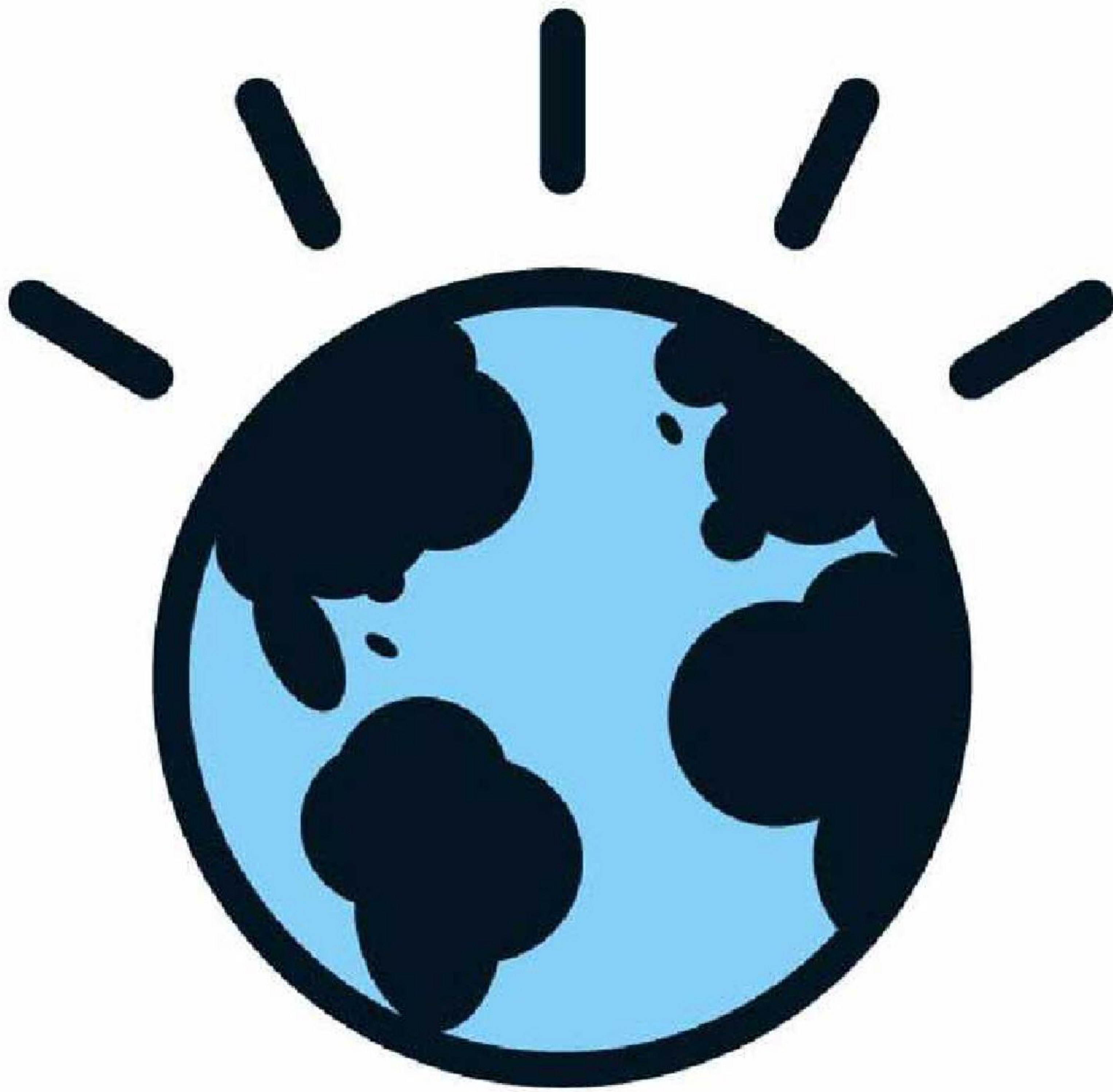
EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Lidar com o orçamento pessoal é algo que se pode aprender desde pequeno. Em vídeo, especialistas ensinam como mostrar o valor do dinheiro às crianças. Em www.veja.com.br/videos

MCMILLAN/GETTY IMAGES

COMO ANDA SEU NÍVEL DE STRESS?

O stress não é uma doença nem um sintoma, mas um processo que, se não for cuidado, poderá evoluir para uma situação grave de dano à saúde do corpo e da mente. Faça o teste e confira se você é do tipo controlado ou está sempre à beira de um ataque de nervos. Em www.veja.com.br/saude

MONTAGEM SOBRE FOTOS DE JACOBS STOCK PHOTOGRAPHY/GETTY IMAGES/RF E OTAVIO DIAS DE OLIVEIRA

Uma demanda por mudança é uma demanda por inteligência.

Uma coisa está clara: o mundo está preparado para mudar.

O planeta em que vivemos está se tornando menor e mais plano. Mas a verdadeira mudança virá porque o mundo está ficando mais inteligente. Sistemas mais inteligentes têm o potencial de melhorar a maneira de o mundo funcionar numa dimensão que antes só podia ser imaginada na ficção científica. A capacidade computacional está sendo colocada em coisas que nós não reconheceríamos como computadores - carros, ruas, medicamentos e até nos animais em granjas e fazendas.

Todas essas coisas inteligentes, conectadas umas às outras, através de uma nova geração de supercomputadores, permitem que empresas e instituições no mundo todo possam repensar seus sistemas e aplicar a tecnologia de maneiras novas e surpreendentes.

Estocolmo é apenas a primeira de muitas cidades ao redor do mundo a desenvolver sistemas inteligentes de trânsito, reduzindo congestionamentos diários em 20%. Sistemas inteligentes de alimentos com tecnologia RFID também estão sendo aplicados, permitindo que as novas cadeias de suprimento sejam monitoradas. E sistemas inteligentes de saúde estão ajudando a diminuir os custos dos tratamentos em até 90% para milhões de pacientes.

Os benefícios dessa mudança serão colhidos não só por grandes empresas, mas também por pequenas e médias, que são o motor do crescimento econômico em toda parte. Num planeta mais inteligente, a questão não é o que podemos fazer. A questão é: o que vamos fazer?

Junte-se a nós em **ibm.com**/think/br

Carta ao Leitor

A ética e os m

Desde o estouro da bolha americana, em setembro do ano passado, e a feroz crise financeira mundial que se seguiu, uma questão anda cada vez mais presente na cabeça das pessoas: afinal, a iniciativa privada e seu modo de produção, o capitalismo, baseado na perseguição individualista da riqueza, são o mal do mundo? Quatro matérias da presente edição — duas reportagens, a entrevista das Páginas Amarelas com Gordon Brown, primeiro-ministro da Inglaterra, e a coluna do economista Maílson da Nóbrega — abordam essa

J.SCOTT APPLEWHITE/AP

O britânico Brown *Ele falou a* VEJA *sobre a crise financeira e seu impacto no funcionamento do capitalismo, tema que é debatido em diversas reportagens desta edição*

ercados

perplexidade e, cada uma a sua maneira, dão a ela respostas realistas e satisfatórias. Brown diz com sabedoria que "os mercados devem ser livres, mas não livres dos valores éticos". Maílson lembra que toda a discussão atual visa a restituir a função essencial do capitalismo, "que é direcionar os recursos da sociedade aos fins mais produtivos".

Uma reportagem da editoria de Economia trata da indignação geral com o pagamento de bônus milionários por parte de empresas falimentares dos Estados Unidos salvas com dinheiro público. O texto discute se a "santidade dos contratos", um dos pilares da economia de mercado, deve prevalecer sobre a ética do senso comum, que, agravada nesse caso, exige a punição dos executivos com a suspensão de seus prêmios em dinheiro, mesmo que isso lhes tenha sido garantido contratualmente antes da eclosão da crise. Casos semelhantes no passado arrastaram-se sem solução até chegar à Suprema Corte americana. Para evitar — ou apenas adiar — uma batalha constitucional, o governo dos Estados Unidos decidiu, na quinta-feira passada, simplesmente taxar aqueles bônus em 90%. A outra reportagem foi feita com base em uma pesquisa do Núcleo de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP) com membros das elites econômica, política e intelectual de países sul-americanos. Os números da pesquisa indicam que, ao contrário do que ocorre na maioria dos vizinhos, empresários e autoridades no Brasil tendem a convergir para a ideia de que a economia funciona melhor quando os governos regulam os mercados, mas é um desastre quando pretendem substituí-los.

Temporada
Dell Anno
style

Imagem meramente ilustrativa.

Passe em uma de nossas autorizadas* e descubra
o que preparamos para você **presentear a sua mãe**
com o melhor do Lifestyle Dell Anno.

Dell Anno

Lifestyle
Isabelli Fontana

*Acesse www.dellanno.com.br/temporadadellanno e confira a relação das autorizadas participantes da campanha. Validade de 20 de março a 30 de maio de 2009.

DUDA TEIXEIRA

Protecionismo é ruína

O primeiro-ministro britânico quer encontrar uma solução de consenso para a crise econômica e diz que todo mundo perde com o aumento de tarifas

O primeiro-ministro da Inglaterra, Gordon Brown, foi um dos primeiros governantes a acusar a grandeza da crise econômica e carrega nos ombros a responsabilidade de ajudar a debelá-la. Ele é o articulador da Cúpula de Londres, que no próximo dia 2 reunirá os dirigentes das vinte maiores economias, representantes de 85% do PIB mundial. No encontro de um único dia, Brown pretende forjar uma ação conjunta para retomar o crescimento e a estabilidade econômica. Parlamentar trabalhista desde 1983, esse escocês de 58 anos assumiu o cargo de primeiro-ministro em junho de 2007, substituindo Tony Blair, de quem foi ministro das Finanças por dez anos. Enquanto se preparava para uma viagem a São Paulo, onde se encontrará com o presidente Lula, Brown deu a seguinte entrevista a VEJA.

O senhor tem advertido que a adoção de medidas protecionistas seria contraproducente no combate à crise econômica. Por que ações que visam a preservar empregos e fortalecer o mercado consumidor doméstico atrapalhariam a recuperação da economia global? Considero incompreensível que alguns países possam ceder à tentação de recorrer a políticas que põem em primeiro lugar o interesse de suas empresas nacionais, produtoras e exportadoras. Isso pode ser muito perigoso. Estima-se que um aumento na aplicação de tarifas em todo o planeta poderia encolher o mercado mundial em 728 bilhões de dólares. Restringir importações ou subsidiar a produção nacional acaba por elevar as despesas para os consumidores e para quem paga impostos. Isso deixa a população com menos dinheiro para gastar na compra de bens e serviços. Devemos manter nosso compromisso com o livre mercado e continuar a trabalhar para

HARRY BORDEN/CORBIS OUTLINE/LATIN STOCK

"Quando os países atuam de forma unida, o impacto nos negócios e na confiança do consumidor é muito maior do que quando agem separadamente"

concluir a Rodada Doha das negociações sobre a liberação do comércio mundial. Também precisamos nos esforçar para que a Organização Mundial do Comércio tenha um papel maior em monitorar e fortalecer os compromissos com o mercado. Em tempos de dificuldade econômica, argumentos protecionistas sempre voltam à tona, mas não podemos nos deixar levar por eles.

A crise econômica pode pôr em risco a integridade da União Europeia? A situação tem demonstrado que os membros da União Europeia podem trabalhar juntos para atuar em harmonia e com impacto real na vida dos trabalhadores europeus, de suas famílias e nos seus negócios. Uma política conjunta da União Europeia promoveria também maior transparência na regulação dos serviços financeiros europeus e mundiais. Essa é uma questão crucial, uma vez que estamos todos empenhados em não deixar que a crise financeira atual se repita no futuro.

O que a Europa está fazendo para sair da crise? A União Europeia tem um papel-chave a desempenhar nos preparativos para a Cúpula de Londres. Três meses atrás, os 27 países-membros do grupo concordaram em dar uma resposta coordenada à crise, agindo com rapidez para aumentar os gastos e acelerar as reformas. Trata-se, sobretudo, de ações nas áreas de educação, emprego, eficiência energética e infraestrutura digital. Esse tipo de política é crucial. Quando os países atuam de forma unida, o impacto nos negócios e na confiança do consumidor é muito maior do que quando agem separadamente.

O governo britânico gastou bilhões de libras para salvar os bancos nacionais. Medidas com perfil estatizante como essa sinalizariam o fracasso do capitalismo e do livre mercado? Acredito firmemente que as economias baseadas no livre mercado oferecem melhorias reais no padrão de vida das pessoas. Seria um erro grosseiro desistir desse modelo apenas por causa da crise econômica. Os problemas com que estamos lidando, porém, podem reforçar a necessidade de uma regulação mais efetiva dos mercados financeiros para que consigam funcionar adequadamene e produzir crescimento econômico. Os mercados devem ser livres, mas não podem ser livres de valores éticos. O governo britânico interveio no setor bancário para garantir que ele continue a apoiar as famílias e os empresários. Os bancos têm de prover as fundações para que a economia possa crescer no futuro. Isso é algo com que o presidente Lula e eu concordamos firmemente, e devemos conversar sobre o assunto durante minha visita.

> **“Uma ideia em discussão é criar normas para garantir que, em todo o mundo, os bancos administrem melhor seu capital. Os mercados devem ser livres, mas não podem ser livres de valores éticos”**

O Fundo Monetário Internacional (FMI), que estava esquecido, deveria ganhar mais poderes para auxiliar economias à beira da falência? Todos os países estão sentindo os impactos da crise, e é necessário que eles possam contar com o FMI para estabilizar suas economias em dificuldades. Não usar esse instrumento seria impingir sofrimento desnecessário a seus habitantes e também pôr a todos em risco, pois os problemas econômicos hoje facilmente transbordam pelas fronteiras. Defendo um aumento substancial dos recursos do FMI, para que essa instituição esteja apta a apoiar todos os países que precisem de socorro.

Os bancos brasileiros estão menos expostos aos riscos que arruinaram instituições ao redor do mundo. As leis que regulam o sistema bancário brasileiro poderiam servir de modelo para o sistema europeu? Uma das ideias que estão sendo discutidas atualmente é a criação de normas para garantir que os bancos em todo o mundo administrem melhor seu capital. Caso essa sugestão seja acatada, as instituições terão mais dinheiro em caixa em momentos de crise e, desse modo, serão capazes de despejar aos poucos essas reservas no mercado. Seria possível, assim, prevenir desabamentos no setor financeiro. Quebras, como as que vimos, comprometem os interesses das pessoas e de suas famílias, que podem não conseguir pagar ou pedir empréstimos. O Brasil, por outro lado, tem um grande, moderno, lucrativo e bem capitalizado setor bancário. Os bancos brasileiros têm conseguido um desempenho muito bom nos últimos meses, e não há dúvida de que podemos tirar lições desse modelo. Essa é uma das razões pelas quais convidamos o Brasil e outros países emergentes a se tornar membros do Fórum de Estabilidade Financeira, um espaço criado em 1999 para que diretores de bancos centrais, ministros e autoridades de órgãos internacionais troquem informações.

Estabelecer laços mais fortes com o Brasil e com países como a China e a Índia pode ajudar a Inglaterra e a Europa a sair mais rapidamente dessa crise? Os problemas atuais afetam a economia mundial como um todo, não apenas países ou regiões. À medida que a crise se aprofundou, seus impactos se espalharam e contaminaram os emergentes também. Nenhuma nação está totalmente isolada de suas consequências. Assim, todos devem fazer sua parte

para reformar e melhorar os sistemas internacionais. Muitos países já agiram para minimizar os impactos, mas há também políticas coordenadas que podem ser tomadas em conjunto pelos bancos centrais em relação às taxas de juro. Todas as nações que estarão na Cúpula de Londres têm um papel substancial a desempenhar no soerguimento da economia global e no fortalecimento do aparato financeiro.

Medidas para reduzir as emissões de carbono na atmosfera e diminuir os efeitos do aquecimento global não se tornariam um peso a mais para a economia mundial? Não seria melhor adiar esse tipo de política até que o mundo se livrasse dessa crise? Preocupar-se com as mudanças climáticas é uma necessidade, não um luxo. Não é algo que possa ser adiado até que as previsões econômicas se mostrem otimistas. Investimentos em negócios e tecnologias verdes serão a garantia de uma recuperação resistente e sustentável, pois não correríamos o risco de um renascimento dos elevados preços de energia. Essas medidas podem ainda criar empregos a curto e médio prazo. É de nosso total interesse, portanto, que o mundo ingresse em uma trajetória mais limpa de crescimento. Um passo importante para isso é traçar um ambicioso acordo global sobre mudanças climáticas no encontro em Copenhague, capital da Dinamarca, em dezembro deste ano.

As ameaças terroristas na Inglaterra e nos Estados Unidos parecem ter diminuído, enquanto os ataques dão a impressão de ter se transferido para países periféricos, como o Paquistão. Isso deve levar a uma mudança na estratégia de combate ao terror? Embora a Inglaterra e os Estados Unidos não tenham sofrido ataques recentes de terroristas internacionais, nossas agências de segurança e de inteligência continuam rastreando a pista de inúmeras ameaças. Os últimos ataques contra turistas em Mumbai, na Índia, e contra a equipe de críquete do

> **“Preocupar-se com as mudanças climáticas é uma necessidade, não um luxo. Não é algo que podemos adiar até que a economia melhore. O investimento em tecnologia verde será a garantia de uma recuperação sustentável”**

Sri Lanka em Lahore, no Paquistão, demonstram que a ameaça é grande e é preciso manter a vigilância. Nossa abordagem para combater o terrorismo deve ser abrangente. Em seu cerne, tem de incluir uma estratégia baseada na cooperação internacional entre as polícias e as forças de segurança. Devemos fazer esforços de grande amplitude para combater os extremistas, sem para isso abrir mão do respeito pelos direitos humanos fundamentais.

Como o senhor se define ideologicamente? Sempre fui um progressista. Um membro do governo deve se perguntar a todo momento o que ainda pode fazer para melhorar a vida das pessoas comuns. Temos a obrigação de promover prosperidade e crescimento econômico e ao mesmo tempo construir uma sociedade mais justa. Quando deparamos com uma crise econômica como a atual, essa postura fica mais importante do que nunca. Se olharmos para o passado, para os momentos de instabilidade, veremos que foram os pobres, os idosos e os trabalhadores comuns que sempre pagaram o preço mais alto pelas crises. Eles são sempre a parte mais vulnerável. Nessa ocasião, temos o dever de pôr esses grupos em primeiro lugar e protegê-los dos piores e mais prolongados efeitos da crise.

Qual será o foco de suas conversas em São Paulo? O Brasil é a décima economia do mundo e será um dos participantes da Cúpula de Londres, no dia 2 de abril. Esse evento reunirá os governantes das vinte maiores economias, que representam 85% do PIB mundial. Nesse único dia, teremos uma oportunidade vital para elaborar uma ação internacional com o objetivo de restaurar o crescimento e a estabilidade da economia. Em minha visita ao Brasil, vou conversar com o presidente Lula sobre as respostas que brasileiros e britânicos estão dando à crise e trocar ideias sobre políticas prioritárias que poderão entrar na agenda da reunião em Londres. Outra meta da visita é ampliar as excelentes relações de negócios que meu país mantém com o Brasil. Nunca tivemos tantas companhias brasileiras e britânicas comprando e vendendo produtos e serviços entre si. O comércio bilateral está crescendo muito rapidamente, em um ritmo sem paralelo com outros períodos históricos. Apenas no ano passado, nossas exportações aumentaram mais de 50%.

O senhor acompanha o futebol brasileiro? O Brasil ocupa um lugar especial no coração dos torcedores de todo o planeta. Sempre fui um grande fã, dos tempos de Pelé e Jairzinho, do grande time de 1970, aos grandes nomes que hoje atuam no campeonato inglês e na Copa dos Campeões da Europa. A primeira Copa do Mundo a que assisti ao vivo foi na Espanha, em 1982, quando o Brasil enfrentou a Escócia na primeira fase. Claro, o Brasil venceu por 4 a 1, e realmente deveria ter ganho a Copa do Mundo naquele ano. O time de Sócrates, Zico e Falcão era magnífico. Nunca me esquecerei de vê-los ao vivo. O Brasil sempre jogou do jeito que deve ser jogado. Os atletas brasileiros são o que há de especial no futebol. ■

Luft
Lya

A mentirosa liberdade

Comecei a escrever um novo livro, sobre os mitos e mentiras que nossa cultura expõe em prateleiras enfeitadas, para que a gente enfie esse material na cabeça e, pior, na alma — como se fosse algodão-doce colorido. Com ele chegam os medos que tudo isso nos inspira: medo de não estar bem enquadrados, medo de não ser valorizados pela turma, medo de não ser suficientemente ricos, magros, musculosos, de não participar da melhor balada, do clube mais chique, de não ter feito a viagem certa nem possuir a tecnologia de ponta no celular. Medo de não ser livres.

Na verdade, estamos presos numa rede de falsas liberdades. Nunca se falou tanto em liberdade, e poucas vezes fomos tão pressionados por exigências absurdas, que constituem o que chamo a síndrome do "ter de". Fala-se em liberdade de escolha, mas somos conduzidos pela propaganda como gado para o matadouro, e as opções são tantas que não conseguimos escolher com calma. Medicados como somos (a pressão, a gordura, a fadiga, a insônia, o sono, a depressão e a euforia, a solidão e o medo tratados a remédio), cedo recorremos a expedientes, porque nossa libido, quimicamente cerceada, falha, e a alegria, de tanta tensão, nos escapa.

"Liberdade não vem de correr atrás de 'deveres' impostos de fora, mas de construir a nossa existência"

Preenchem-se fendas e falhas, manchas se removem, suspendem-se prazeres como sendo risco e extravagância, e nos ligamos no espelho: alguém por aí é mais eficiente, moderno, valorizado e belo que eu? Alguém mora num condomínio melhor que o meu? Em fileira ao longo das paredes temos de parecer todos iguais nessa dança de enganos. Sobretudo, sempre jovens. Nunca se pôde viver tanto tempo e com tão boa qualidade, mas no atual endeusamento da juventude, como se só jovens merecessem amor, vitórias e sucesso, carregamos mais um ônus pesadíssimo e cruel: temos de enganar o tempo, temos de aparentar 15 anos se temos 30, 40 anos se temos 60, e 50 se temos 80 anos de idade. A deusa juventude traz vantagens, mas eu não a quereria para sempre: talvez nela sejamos mais bonitos, quem sabe mais cheios de planos e possibilidades, mas sabemos discernir as coisas que divisamos, podemos optar com a mínima segurança, conseguimos olhar, analisar e curtir — ou nos falta o que vem depois: maturidade?

Parece que do começo ao fim passamos a vida sendo cobrados: O que você vai ser? O que vai estudar? Como? Fracassou em mais um vestibular? Já transou? Nunca transou? Treze anos e ainda não ficou? E ainda não bebeu? Nem experimentou uma maconhazinha sequer? E um Viagra para melhorar ainda mais? Ainda aguenta os chatos dos pais? Saiba que eles o controlam sob o pretexto de que o amam. Sai dessa! Já precisa trabalhar? Que chatice! E depois: Quarenta anos ganhando tão pouco e trabalhando tanto? E não tem aquele carro? Nunca esteve naquele resort?

Talvez a gente possa escapar dessas cobranças sendo mais natural, cumprindo deveres reais, curtindo a vida sem se atordoar. Nadar contra toda essa louca correnteza. Ter opiniões próprias, amadurecer, ajuda. Combater a ânsia por coisas que nem queremos, ignorar ofertas no fundo desinteressantes, como roupas ridículas e viagens sem graça, isso ajuda. Descobrir o que queremos e podemos é um bom aprendizado, mas leva algum tempo: não é preciso escalar o Himalaia social nem ser uma linda mulher nem um homem poderoso. É possível estar contente e ter projetos bem depois dos 40 anos, sem um iate, físico perfeito e grande fortuna. Sem cumprir tantas obrigações fúteis e inúteis, como nos ordenam os mitos e mentiras de uma sociedade insegura, desorientada, em crise. Liberdade não vem de correr atrás de "deveres" impostos de fora, mas de construir a nossa existência, para a qual, com todo esse esforço e desgaste, sobra tão pouco tempo. Não temos de correr angustiados atrás de modelos que nada têm a ver conosco, máscaras, ilusões e melancolia para aguentar a vida, sem liberdade para descobrir o que a gente gostaria mesmo de ter feito.

LYA LUFT é escritora

ILUSTRAÇÃO ATÔMICA STUDIO

EDITORA Abril

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

veja

Às Suas Ordens

ASSINATURAS

Serviço de Vendas de Assinaturas (SVA)
Ligue Grátis: **0800-7752828**
Grande São Paulo **(11) 3347-2121**
De segunda a sexta, das **8 às 22 horas**. Sábado, das **9 às 16 horas**.

Internet: **www.assineabril.com**
Fax: **(11) 5087-2100**

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) (renovação de assinatura, mudança de endereço, alteração na forma e/ou data de pagamento e outros serviços):

Ligue Grátis: **0800-7752112**
Grande São Paulo **(11) 5087-2112**
De segunda a sexta, das **8 às 22 horas**.

Internet: **www.abrilsac.com**

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. *Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.*

REPRINTS EDITORIAIS

Você pode solicitar reimpressões das melhores reportagens de VEJA com a capa da edição (mínimo de 500 cópias).

Fax: **(11) 3037-5101**

E-mail: **reprint.veja@abril.com.br**

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse:

www.conteudoexpresso.com.br

ou ligue para: **(11) 3089-8853.**

PARA ANUNCIAR

ligue **(11) 3037-5748/4610**

e-mail: **publicidade.veja@abril.com.br**

PROGRAMA *VEJA NA SALA DE AULA*

Para conhecer melhor:
www.vejanasaladeaula.com.br

Para assinar ligue grátis: 0800-7752828
Grande São Paulo: (11) 3347-2121
De segunda a sexta, das 8 às 20 horas. Sábado, das 9 às 16 horas.

NA INTERNET

http://www.veja.com.br

TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

Editor: Roberto Civita
Presidente Executivo: Jairo Mendes Leal
Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Giancarlo Civita, Jairo Mendes Leal, José Roberto Guzzo
Diretor de Assinaturas: Fernando Costa
Diretora de Mídia Digital: Fabiana Zanni
Diretor de Planejamento e Controle: Auro Luís de Iasi
Diretora Geral de Publicidade: Thais Chede Soares
Diretor Geral de Publicidade Adjunto: Rogerio Gabriel Comprido
Diretor de RH e Administração: Dimas Mietto
Diretor de Serviços Editoriais: Alfredo Ogawa

Diretor Comercial e Administrativo: Claudio Ferreira

veja

Diretor de Redação: Eurípedes Alcântara
Redator-Chefe: Mario Sabino

Editores Executivos: Carlos Graieb, Jaime Klintowitz, Marcio Aith, Vilma Gryzinski **Editores:** Anna Paula Buchalla, Carlos Rydlewski, Diogo Xavier Schelp, Fábio Portela Saviettto, Felipe Patury, Giuliano Guandalini, Isabela Boscov, Jerônimo Teixeira, Julio Cesar de Barros, Karina Pastore, Lizia Bydlowski, Monica Weinberg, Okky de Souza, Thaís Oyama **Editores Especiais:** Lauro Jardim, Roberto Pompeu de Toledo **Subeditores:** Gabriela Carelli, Marcelo Marthe **Editores Assistentes:** Camila Pereira, Eduardo Gracioli Teixeira, Isabel Moherdaui, Thomaz Favaro **Repórteres:** Adriana Dias Lopes, Benedito Sverberi, Cíntia Cancian Borsato, Juliana Linhares, Kalleo Coura, Laura Diniz, Laura Ming, Leandro Narloch, Naiara Magalhães do Carmo, Paula Neiva, Raquel Salgado, Sandra Brasil, Sérgio Martins **Sucursais:** ***Belo Horizonte*** - José Edward Vieira Lima ***Brasília*** - **Chefe:** Policarpo Junior **Editor:** Alexandre Oltramari **Repórteres:** Diego Escosteguy, Expedito Filho, Otávio Cabral ***Porto Alegre*** - Igor Paulin ***Rio de Janeiro*** - **Chefe:** Lucila Teixeira Soares **Editor:** Ronaldo França **Repórteres:** Marcelo Bortoloti, Ronaldo Soares, Silvia Rogar ***Salvador*** - Leonardo Coutinho ***Nova York*** - **Correspondente:** André Petry **Checadores - Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Andressa Tobita, Daniela Macedo, Eny Elisa Souto Caldo, Simone Aparecida Costa **Fotografia - Editora Visual:** Gilda Castral **Coordenador:** Alexandre Reche **Fotógrafos:** ***Rio de Janeiro*** - Oscar Cabral ***Brasília*** - Ana Araújo **Pesquisa:** Paulo José Bianchi (coordenador) Ana Paula Galisteu, Gilson de Souza Passos, Ismael Carmino Canosa **Diretor de Arte:** Carlos Neri **Editor de Arte:** Reinaldo Antunes de Moura **Designers:** Daniel Marucci, Edson Diogo, Eduardo Lunghin Junior, Leonardo Eichinger, Marcos Vinícius Rodrigues, Mario José Carvalho, Maurício Cioffi, Tadeu Nogueira **Infografia - Editora:** Andreia Caires **Infografistas:** Adriano Pádua Pidone, Alexandre Akermann, André L. Araujo de Oliveira, Ewerton dos Santos Gondari, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial: Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Felice Morabito, Jô de Melo, Marcos Prestes **Secretários de Produção:** Ana Faustino, Júlio Yamamoto, Shirley Souza Sodré, Vera Fedschenko **Coordenadores:** Marcelo Silvestre dos Santos, Marco Antonio Alvarez Salvador, Ricardo Horvat Leite **Revisão:** Ana Elisa Camasmie, André Luís Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Célia Regina Rodrigues de Lima, Elvira Gago, Marina de Souza, Selma Corrêa, Sergio Campanella, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Tratamento de Imagem:** Danilo A. Ferreira **Preparadores Digitais:** Eduardo Henrique Conde Salomão, Edval Moreira Vilas Boas, Fabio Martins Makiyama, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Ferrari, Roberta de Donno, Rubens Antonio Melo de Paula, Silvio Felix **Atendimento ao Leitor:** Eduardo Tedesco, Loraine Gonçalves dos Santos **Estagiários:** Carolina Romanini, Eduardo Lopes, Jacqueline Manfrin, Marana Silva Borges, Natalia Manczyk, Suzana Villaverde **Colaboradores:** Claudio de Moura Castro, Diogo Mainardi, Lya Luft, Millôr Fernandes, Reinaldo Azevedo e Stephen Kanitz **VEJA.COM - Editor Executivo:** Roberto Gerosa **Editora:** Katia Perin **Repórteres:** Giancarlo Lepiani, Isadora Pamplona, Jadyr Magalhães Pavão Jr., Paulo Celso Pereira, Raquel Hoshino, Silvio Nascimento **Estagiárias:** Aline Estela de Moura Banzato, Érica Pontes de Faria, Julia Rodrigues, Marina Dias **Webmasters:** Adriano Ramos de Oliveira, Ana Azevedo, Dalva Azevedo **Webdesigner:** Alexandre Hoshino **Assistente:** Andre Fuentes **Arte e Imagens:** Alexandre Ortiz Ramos **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com.br

SERVIÇOS EDITORIAIS

Apoio Editorial: Carlos Grassetti (Arte), Luiz Iria (Infografia) **Apoio Técnico e Difusão:** Bia Mendes Dedoc e Abril Press: Grace de Souza **Treinamento Editorial:** Edward Pimenta

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Baisi Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Gerentes:** Andrea Veiga, Edson Melo **PUBLICIDADE VEJA Diretora:** Márcia Soter **Gerentes:** Adriano Chrisostomo, João Paulo Pizarro **Executivos de Negócios:** Ailze Cunha, Alexandre Resende, Ana Paula Teixeira, Daniela Serafim, Eliane Pinho, Emiliano Hansenn, Fernando Pompeu, José Castilho, Juliana Erthal Leonardo, Karine Thomaz, Leda Costa, Leticia Moreira, Lucia Veiga, Luciano Almeida, Luciene Ribeiro, Marcelo Cavalheiro, Marcelo Pezzato, Marcia Torres, Marcio Bezerra, Maria Angélica Gois, Maria Lucia Strotbek, Pedro Bonaldi, Renata Mioli, Rodrigo Toledo, Selma Costa, Silzer Daghi, Sueli Fender, Sueli Mello, Susana Vieira, Thiago Ricco, Vanessa Ferreira, Viviane Martos **Coordenadores:** Airton Soré (SP), Sérgio Oliveira (RJ) **Planejamento, Controle e Operações: Gerente:** José Paulo Rando **Processos: Gerente:** Luís Augusto Castex **Controle e Gestão:** Mirtes C. A. Santos **MARKETING E CIRCULAÇÃO Diretor de Marketing Publicitário:** Ricardo Packness de Almeida **Diretor de Marketing Leitor:** Simone Sousa **Gerente de Circulação Assinaturas:** Marcia Simone Donha **Gerente de Circulação Avulsas:** Andréa Abelleira **Gerente de Publicações:** Angelica Garcia **ASSINATURAS Operações de Atendimento ao Consumidor:** Malvina Galatovic **RH Diretora:** Claudia Ribeiro **Consultora:** Marizete Ambran

Em São Paulo: Redação e Correpondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 **Publicidade São Paulo** www.publiabril.com.br **Classificados** 0800-701-2066, Grande São Paulo tel. (11) 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL:** Central-SP tel. (11) 3037-6564; **Bauru** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378; **Belém** Midiasolution Belem, tel. (91) 3222-2303; **Belo Horizonte** Escritório tel. (31) 3282-0630; Triângulo Mineiro F&C Campos Consultoria e Assessoria Ltda., tel. (16) 3620-2702; **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820; **Brasília** Escritório tel. (61) 3315-7554, Representante Carvalhaw Marketing Ltda., tel. (61) 3426-7342; **Campinas** CZ Press Com. e Representações, tel. (19) 3251-2007; **Campo Grande** Josimar Promoções Artísticas Ltda., tel. (67) 3382-2139; **Cuiabá** Agronegócios Representações Comerciais, tel. (65) 8403-0616; **Curitiba** Escritório tel. (41) 3250-8000, Representante Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., tel. (41) 3234-1224; **Florianópolis** Interação Publicidade Ltda., tel. (48) 3232-1617; **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc. tel. (85) 3264-3939; **Goiânia** Middle West Representações Ltda., tel. (62) 3215-5158; **Manaus** Paper Comunicações, tel. (92) 3656-7588; **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, tel. (44) 3028-6969; **Porto Alegre** Escritório tel. (51) 3327-2850, Representante Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., tel. (51) 3328-1344; **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., tel. (81) 3327-1597; **Ribeirão Preto** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (16) 3911-3025, **Rio de Janeiro** tel. (21) 2546-8282; **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel. (71) 3311-4999 **Vitória** Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura e Construção, Atividades, Aventuras na História, Boa Forma, Bons Fluidos, Bravo!, Capricho, Casa Claudia, Claudia, Contigo!, Disney, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Frota S/A, Gloss, Guia do Estudante, Guias Quatro Rodas, Info Corporate, Info, Loveteen, Manequim, Manequim Noiva, Men's Health, Minha Novela, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Quatro Rodas, Recreio, Revista A, Revista da Semana, Runner's World, Saúde!, Sou Mais Eu!, Superinteressante, Tititi, Veja, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vida Simples, Vip, Viva! Mais, Você S/A, Women's Health **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

VEJA 2 105 (ISSN 0100-7122), ano 42/nº 12. Veja é uma publicação semanal da Editora Abril S/A. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. VEJA não admite publicidade redacional.

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: UNITED STATES: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062. World Media, 19 West 36th Street, New York, New York, 10018, tel.: 1-212-244-5610, fax: 1-212-213-8836, Charney/Palacios & Co. 5201 Blue Lagoon Drive, Suite 200, Miami, Florida 33126, tel.: 1-786-388-6340, fax: 1-786-388-9113 JAPAN: Shinano Internation, Inc., Akasaka Kyowa Bldg. 2F, 1-6-14, Akasaka, Minato-Ku, Tokyo 107-0052, tel.: 81-3-3584-6420, fax: 81-3-3505-5628 TAIWAN: Lewis Int'l Media Service Co. Ltd. Floor 11-14 Nº 46, Sec. 2 Tun Hua South Road Taipei, tel.: 02-707-5519, fax: 02-709-8348. VEJA is published weekly by EDITORA ABRIL S/A (av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil). A Yearly subscription abroad costs US$ 280. Except for Asia the subscription costs US$ 380. To subscribe call: 55-11-5087-2112, or write to: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC FIPP ANER

Abril
Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita
Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Arnaldo Tibyriçá, Douglas Duran, Marcio Ogliara, Sidnei Basile

www.abril.com.br

Experimente dois cubos de
Caldo de Picanha
Knorr na sua
carne de panela.

Knorr

Não vai sobrar
nada.

Knorr

Sem conservadores

LIVRE
DE GORDURAS
TRANS

caldo de
picanha

Leitor

Assuntos mais comentados

Dom José C. Sobrinho (Entrevista) – **238**
Netbooks – **80**
O poder do PMDB – **32**
O "socialista" Obama (capa) – **26**
Claudio de Moura Castro – **14**

CAMARADA OBAMA

O "socialismo" americano

"Somos todos socialistas agora" foi a chamada de capa da revista americana *Newsweek*, há cerca de um mês, e apenas uma das muitas confusões de articulistas que se apressam em apontar um início de planificação econômica nos Estados Unidos. Análises sensatas, que indicam os limites das ações coordenadas pelo estado pivô da crise econômica mundial, não são só bem-vindas; são necessárias ("Socialismo? Qual? Onde?", 18 de março).

GABRIEL ROMERO
Brasília, DF

Barack Obama chegou à Presidência dos Estados Unidos com a desafiante missão de viabilizar a concretização de uma alternativa para o falido modelo de desenvolvimento do capitalismo financeiro. O trabalho é árduo, pois vivemos uma verdadeira crise de valores nas dimensões financeira, econômica, ambiental, social e humana. Os padrões de produção e consumo da sociedade de massa precisam ser remodelados, dentro de uma linha de gestão pública sem nuances ideológicas, voltada para um progresso sustentável que inclua todos os países e cidadãos do nosso combalido planeta Terra.

GUSTAVO GOMES DE MATOS
Rio de Janeiro, RJ

"A intervenção do presidente Barack Obama na economia não vem para acabar com o sistema capitalista, mas para ajudá-lo a se reafirmar. Da mesma forma que na crise de 1929. Mesmo em um sistema liberal, às vezes é necessária a intervenção do governo para impedir um colapso."

CLARA BASTOS MARCONDES MACHADO
São Paulo, SP

Socialismo? *Obama: "Operamos de modo inteiramente consistente com o livre mercado"*

JONATHAN ERNST/REUTERS

Há demonstrações de que a maior parte do antiamericanismo atual é dirigida contra as políticas, e não contra a cultura. Afortunadamente, é mais fácil mudar políticas que mudar a cultura. Acredito que o governo Obama pode, sobretudo, combinar sua rigorosa economia a uma política social que seja caridosa a curto prazo e altamente produtiva a longo prazo.

HUGO LINS COELHO
Recife, PE

A inépcia da "mão invisível", a autorregulação, no mercado financeiro americano levou a meca do liberalismo a uma situação sui generis: na bonança temos a privatização dos lucros, mas na crise prevalece a socialização dos prejuízos.

JOSÉ ANTONIO DA SILVA PINHEIRO
Rio de Janeiro, RJ

O poder do PMDB

É impressionante como as antigas atrações do nosso governo conseguem transformar o Senado num constante picadeiro ("O Senado perde a compostura", 18 de março).

VIVIANE CARRILHO
Araras, SP

Com toda a certeza ainda teremos surpresas desagradáveis. Essa turma não vai perder tempo, pois o governo Lula está terminando e dificilmente Dilma Rousseff será eleita. Nada se fará em favor do país, mas sim daqueles que entrarem no esquema, ou melhor, dos que assumirem os cargos que o senador Renan Calheiros distribuirá a quem lhe deu apoio quando teve de renunciar ao cargo de presidente do Senado.

UBIRACY SILVA
Manaus, AM

Dom José Cardoso Sobrinho

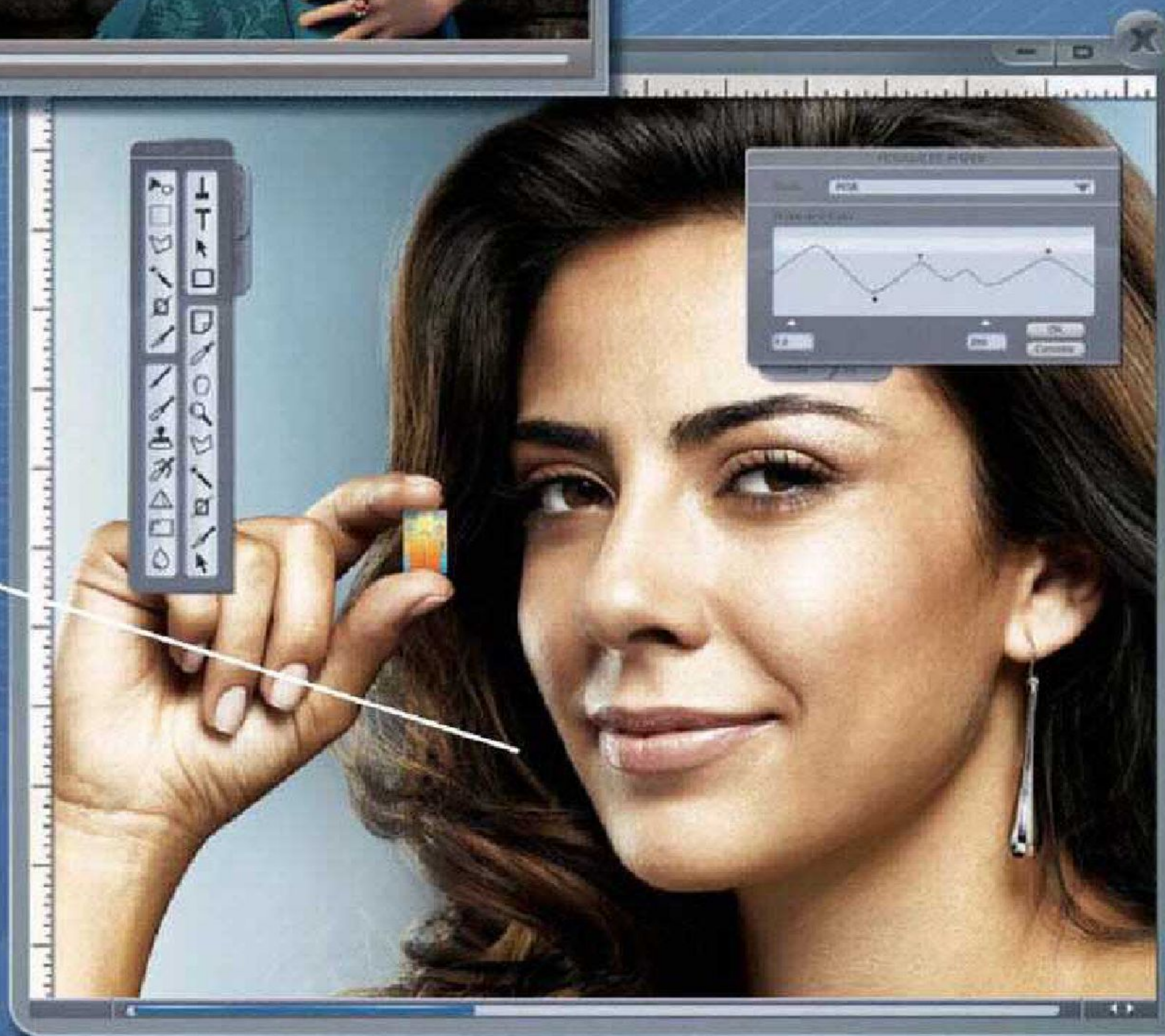
A vida é feita de escolhas. Entre a vida de uma menina de 9 anos, constantemente abusada sexualmente pelo pai, e a cega obediência às incontestáveis regras da Igreja, escolho a vida da criança. Dom Cardoso, fique à vontade para me excomungar

DM9 É DDB

"Antes, eu ficava esperando no castelo e nada do príncipe aparecer... Também, o desenho demorava horas pra carregar!"

Cara, princesa de um reino distante.

"Sou outra depois do processador Intel® Core™ 2 Quad. Antes, eu demorava um tempão pra ficar bonita. Isso quando ficava..."

Fernanda Ferrary, modelo.

O processador Intel® Core™ 2 Quad eleva a experiência de multitarefas*, multimídia* e jogos 3D* para um novo patamar.

Você merece um computador com Intel® Core™ 2 Quad.

intel Core 2 Quad inside

www.intel.com.br/eumereco

por apostasia! Deus está vendo (Amarelas, 18 de março).

DMITRI NÓBREGA AMORIM
Campina Grande, PB

Continuo achando abomináveis e paradoxais as excomunhões. Mas convenhamos que a Igreja Católica fez o que lhe é de ofício, ainda que isso atente contra nosso próprio tempo. Nada de estranhar, muito a criticar.

RICARDO SANTORO NOGUEIRA
Brasília, DF

Expresso meu apoio ao bispo de Olinda e Recife, que excomungou os médicos que realizaram o aborto. Ora, a Igreja Católica possui suas regras. Se a pessoa quer participar de uma organização, tem de seguir as suas regras. E os médicos não seguiram as regras da Igreja. Portanto, nada mais natural que a Igreja expulsar essas pessoas.

ERICO MENDONÇA TACHIZAWA
Rio de Janeiro, RJ

A resposta do arcebispo é totalmente coerente com os dogmas da Igreja e as leis de Deus. "Quem não aceita esses dogmas está fora." Nada mais coerente e claro. Muito esclarecedor. Não significa que eu concorde. Pela minha visão, Deus ofereceu ao homem a capacidade de pensar, aprender, evoluir e refletir para o exercício de suas escolhas. O homem exercita o livre-arbítrio de acordo com as leis do estado, da sua fé e da sua consciência.

JEFFREY ABRAHAMS
São Paulo, SP

O equívoco de dom José Cardoso Sobrinho está na compreensão do direito canônico. Assim como qualquer outra lei, o código deve ser contextualizado e interpretado à luz dos elementos que compõem cada situação. No caso do aborto realizado pela equipe médica, a interpretação literal do código se mostra injusta e inoportuna.

RICARDO CAMARGO BARIONI
Recife, PE

Drogas

A reportagem "A solução 'menos pior'" (18 de março) mostra que a humanidade está perdendo as batalhas que trava contra o consumo de drogas. Para que 5% da população adulta mundial satisfaça a sua necessidade de fugir da realidade através das falsas ilusões provocadas por tais substâncias, o restante da sociedade paga um preço demasiado alto. Os gastos com segurança e com tratamento de usuários são pagos com o dinheiro dos impostos de todos. Seria uma grande aberração continuar atendendo aos "caprichos" de quem usa drogas se aceitássemos que elas fossem liberadas. Como médico, tenho um compromisso com a saúde e não aceitaria nunca que produtos nocivos a ela fossem legalizados.

JOSÉ ELIAS AIEX NETO
Médico psiquiatra
Foz do Iguaçu, PR

Netbooks

Intrigante a reportagem sobre os netbooks. Temos certeza de que muitas pessoas não sabiam dessa "nova" tecnologia e agora estão mais informadas. Mas o netbook não ultrapassa o notebook, pois é muito lento e chega a ter quase a metade da memória do notebook. Ele não é aconselhável para uso em viagens de negócios nem serve para arquivar imagens.

ANA PAULA R. CRISTOFOLINI
E FERNANDA C. FERREIRA
Blumenau, SC

VEJA.com

Queria cumprimentar VEJA pela reportagem sobre o vinho Pêra-Manca e a sua importância para a história ("Pêra-Manca: o vinho que descobriu o Brasil", VEJA.com). Espero que a revista continue surpreendendo os seus leitores.

HYGOR GAMA AZEVEDO
Por e-mail

Correção: o crédito correto das fotos que ilustraram as três categorias de sistema de pouso por instrumentos na página 106 da edição passada de VEJA é, da esquerda para a direita: Manuel Mueller/airliners.net, Ismael Jorda/airliners.net e Matheus Barbosa/airliners.net.

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA: as cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação**, VEJA – Caixa Postal 11079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP; **Fax:** (11) 3037-5638; e-mail: **veja@abril.com.br.**
Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

EDITADO POR KATIA PERIN kperin@abril.com.br

O LEITOR OPINA

CONSULTÓRIO SENTIMENTAL

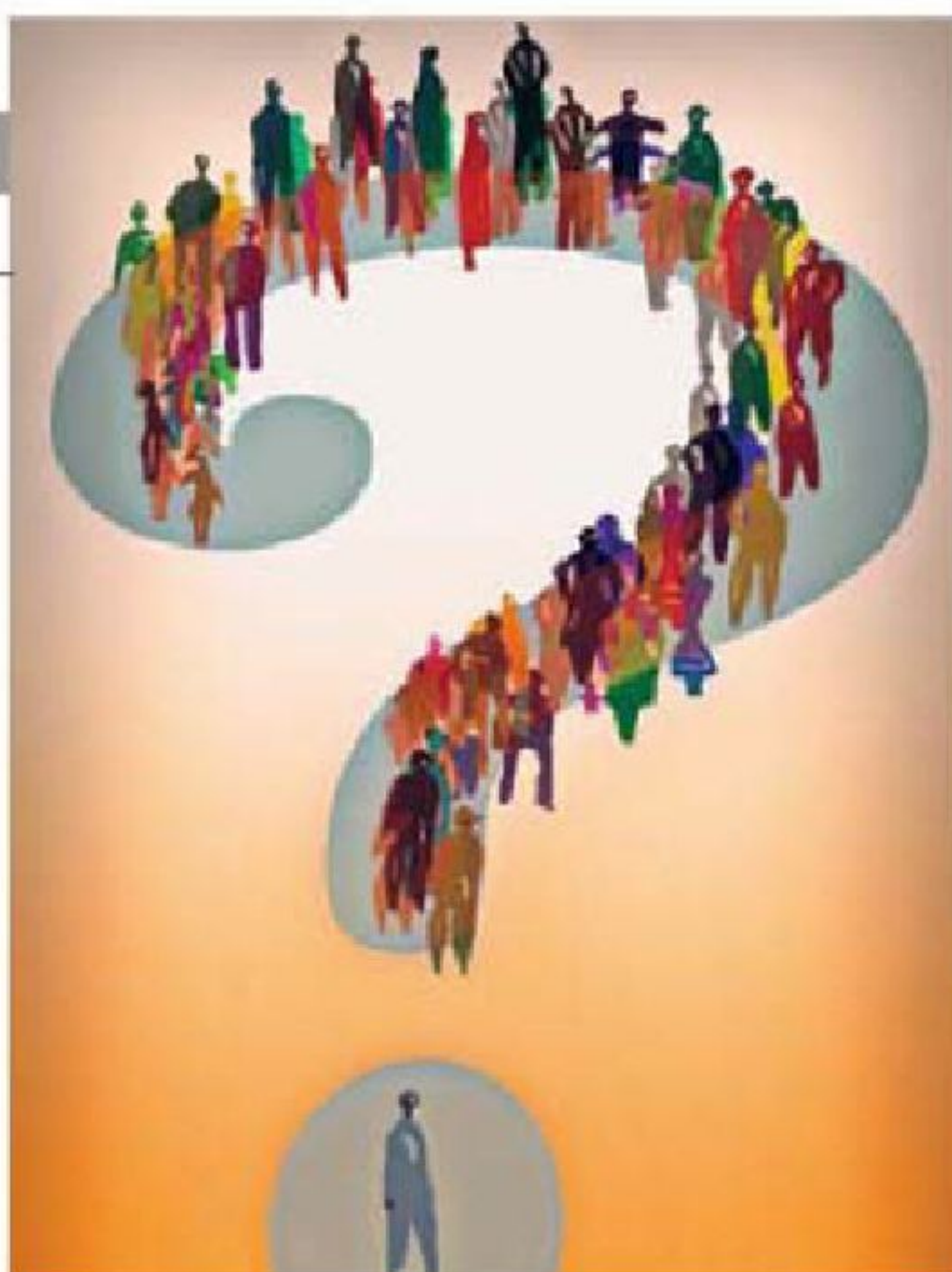
BETTY MILAN

Dúvida

O fato de o analista ou o psicoterapeuta ser médico ou psicólogo não tem a menor importância. O que interessa é a competência com que ele exerce a sua prática.
É preciso escolher o profissional procurando saber como ele se formou e encontrando-o pessoalmente para ver como ele é no consultório e se existe afinidade.

COMENTÁRIO DO LEITOR:
Tive uma experiência com um palpiteiro, que se dizia "psiquiatra freudiano". Foi desastrosa. Hoje sempre recomendo a meus amigos: não deixem de pesquisar onde o analista se formou, com quem e se tem trabalhos publicados.

(Ana)

Assista em www.veja.com.br/bettymilan

TODD DAVIDSON/GETTY IMAGES

Em recente encontro com seus leitores, a psicanalista e escritora Betty Milan respondeu a questões sobre seu trabalho em VEJA.com, a experiência com o psicanalista Jacques Lacan e seus caminhos pela literatura. O encontro foi gravado em vídeo.

GENÉTICA

MAYANA ZATZ

Desautorizando o sofrimento

A história de Fátima e seu filho Diogo, portador de distrofia muscular de Duchenne, é a personalização de uma hipótese clínica proposta pelo médico psicanalista Jorge Forbes: a desautorização do sofrimento padronizado. A ideia vai contra a tendência social de as pessoas se acomodarem duplamente: as que sofrem, na resignação, e as que cuidam, na compaixão.

COMENTÁRIO DO LEITOR:
Essa parceria inédita entre a genética e a psicanálise dá bons frutos. O filme (assista em VEJA.com) é uma demonstração da eficácia da hipótese proposta para "desautorizar o sofrimento".

(Teresa)

www.veja.com.br/genetica

veja 40 anos

Parques ecológicos

Leitores de VEJA enviaram propostas para valorizar os parques ecológicos do país. A seguir alguns destaques:

VALÉRIA GONÇALVEZ/AE

Os parques nacionais deveriam ter rotas e trilhas com pontos estratégicos onde famílias e amigos poderiam fazer caminhadas.

(Guilherme)

Ecoturismo, extrativismo racional e desenvolvimento sustentável são algumas das soluções.

(Mateus)

www.veja.com.br/40anos/ambiente

■ Esta página é editada a partir dos textos publicados por blogueiros e colunistas de VEJA.com

FOTOS AP

Suástica mais apagada

Preso há quarenta anos, Charles Manson, chefe da "família" de assassinos que aterrorizou a Califórnia, mostra a cara

■ As marcas são as que se esperam de um senhor de 74 anos com pouco acesso a benefícios estéticos: barba grisalha, careca, rugas. E um pouco mais: a tatuagem meio apagada de uma suástica entre as sobrancelhas. Assim é hoje Charles Manson, o assassino que, com lábia, violência e boa dose de loucura, liderou um bando de hippies numa seita — a "família Manson" — que matou a tiros, facadas e por enforcamento sete pessoas em duas noites na Califórnia, em 1969. Uma das vítimas foi a atriz Sharon Tate, mulher do diretor Roman Polanski, então com 26 anos e grávida de oito meses. O objetivo da seita, em sua dupla jornada de trucidamento de desconhecidos, era apressar o juízo final instaurando uma guerra entre negros e brancos, tudo avalizado por mensagens que Manson distinguia em músicas dos Beatles.

Apressou, isso sim, o fim do movimento dos jovens cabeludos, meio sujos e sem compromissos, que nunca mais se encaixou na legenda paz e amor. Manson e quatro seguidores — três deles mulheres, maioria na seita — acabaram condenados à cadeira elétrica, mas a pena de morte foi suspensa na Califórnia meses depois (voltou, sem afetá-los) e a sentença mudou para prisão perpétua. Nestes quarenta anos, sempre cabeludo, desafiador e com ar lunático, Manson deu entrevistas, compôs algumas músicas e cultivou a preservação do mito em certos círculos sombrios. Quando a idade apagou a imagem, sumiu — para reaparecer agora nesta foto de rotina para atualização dos arquivos da penitenciária Corcoran que o jornal *Los Angeles Times* pediu e recebeu. Irreconhecível. A não ser pela suástica.

LIZIA BYDLOWSKI

CAPA: FOTO GETTY IMAGES; SPL/LATINSTOCK

FELIPE PATURY

CLAYTON DE SOUZA/AE

■ A vantagem de Alckmin

Uma pesquisa do PSDB mostra o acachapante favoritismo que o tucano **Geraldo Alckmin** pode ter na eleição para governador de São Paulo em 2010. Ele foi testado contra os petistas Marta Suplicy, Aloizio Mercadante, Antonio Palocci e Fernando Haddad. No pior cenário, Alckmin tem 48% das intenções de voto. No melhor, bate em 53%. De acordo com a apuração do Instituto Pesquisa e Opinião, 39% dos paulistas querem que o PSDB continue a governar São Paulo e 44% acreditam que Alckmin merece o posto.

ALAOR FILHO/AE

■ No PP, o fim da reeleição

O senador **Francisco Dornelles** (RJ) será reeleito presidente do PP neste mês. Será a última vez que isso acontecerá. O próprio Dornelles proporá que o partido acabe com a reeleição para os cargos da executiva da agremiação. Uma inovação: nenhum dos grandes ou médios partidos brasileiros, como o PP, adotou mecanismos de oxigenação semelhantes.

GERMANO LUDERS

■ Padrão SEC

A Gol, de **Constantino Júnior**, é a primeira empresa aérea do mundo a adotar as regras de balanço que serão exigidas no mercado americano a partir de 2010. Ao comentar as contas de 2008 nesta semana, Júnior tentará convencer os investidores a não olhar só as perdas da empresa, provocadas pela alta do dólar. Chamará atenção para o lucro de 110 milhões de reais obtido no último semestre, sinal de que o prejuízo da Varig teria sido absorvido.

RAFAEL NEDDERMEYER/AE

■ São Paulo X Santa Catarina

Nos próximos dias, o governo paulista desferirá um golpe em um programa do governador de Santa Catarina, **Luiz Henrique**. O Pró-Emprego reduziu de 12% para 3% o ICMS de alguns produtos importados pelos portos catarinenses. O problema é que essas mercadorias são consumidas em outros estados, que são obrigados a conceder-lhes um crédito tributário correspondente a 9%. A partir de abril, São Paulo não só deixará de dar os tais créditos como ainda passará a aplicar uma multa de 200% sobre todos os produtos importados pelos portos de Santa Catarina.

ORLANDO BRITO

■ Agora, é na Justiça

Amparado pelo corporativismo de seus colegas, o senador **ACM Júnior** jamais prestou contas pelo fato de empregar em seu gabinete Siméa Antun, amante de seu irmão, o deputado Luís Eduardo Magalhães, morto em 1998. Siméa alega ter tido um filho de Luís Eduardo. Depois que ele morreu, foi abrigada no gabinete do senador Antonio Carlos Magalhães e, por treze anos, evitou requerer a pensão a que a criança teria direito. Júnior manteve a situação a partir de 2007, quando ACM morreu. Agora, enfrenta uma ação civil pública para devolver ao Erário os salários que pagou a Siméa. O processo, iniciado por uma ação popular, corre na Justiça Federal de Sergipe.

Não existe livre acesso ao céu

O passaporte diplomático era um documento restrito ao presidente da República, ministros, governadores e, é claro, diplomatas. Há três anos, o governo estendeu o benefício a líderes religiosos. O bispo **Edir Macedo**, da Igreja Universal, começou a usá-lo no início de 2007. Por causa do documento, ele causou um salseiro no Aeroporto de Guarulhos. O delegado da Polícia Federal Mário Menin Junior relata que três bispos da Universal, todos deputados paulistas, o pressionaram a liberar Macedo dos trâmites de imigração e alfândega em uma viagem que ele fazia ao exterior. Para tanto, invocaram o passaporte diplomático do chefe. Liderados por Gilmaci Santos (PRB), avisaram que o bispo chegaria ao aeroporto em um helicóptero e embarcaria, em seguida, em um de seus quatro jatos. Nada, portanto, de controles. Se a polícia ou a Receita insistissem na verificação, o bispo os receberia em seu avião. A insistência dos policiais e dos fiscais em submeter Macedo aos procedimentos legais provocou uma reação intempestiva dos deputados. Depois, o próprio Edir reclamou: "Sou um enviado de Deus. Vocês estão atrapalhando meu trabalho", disse o bispo, segundo o delegado. Um esclarecimento: o passaporte diplomático não dá direito a escapar da imigração ou da alfândega. Ele apenas facilita a entrada em outros países.

RAFAEL ANDRADE/FOLHA IMAGEM

Com reportagem de Leonardo Coutinho e Raquel Salgado

Morreram

■ a atriz inglesa **Natasha Richardson**. Filha da aclamada atriz Vanessa Redgrave e neta de Michael Redgrave, um renomado ator inglês, Natasha se consagrou nos Estados Unidos, onde conheceu o marido, o também ator Liam Neeson. Em 1998, conquistou o Tony com *Cabaret* e caiu no gosto do grande público com o filme *Operação Cupido*. Aprendiz de esqui, ela dispensou o capacete enquanto tomava aulas no nível de principiantes, no dia 16. Caiu e bateu a cabeça. Riu do acidente e recusou tratamento, mas, uma hora depois, foi hospitalizada com dores causadas por hemorragia no interior do crânio. Não resistiu e morreu dois dias depois. A autópsia indicou que o impacto da queda rompeu uma artéria entre o crânio e a membrana dura-máter, que recobre o cérebro. Dia 18, aos 45 anos, em Nova York.

■ **Francisco Cunha Pereira Filho**, presidente da Rede Paranaense de Comunicação (RPC), o maior conglomerado de mídia do Paraná. Advogado e professor, Pereira Filho ingressou no jornalismo em 1962, quando adquiriu a *Gazeta do Povo*. Três anos depois, comprou a TV Paranaense, hoje afiliada da Rede Globo. Ambos os veículos são líderes locais. Dia 18, aos 82 anos, de parada cardiorrespiratória.

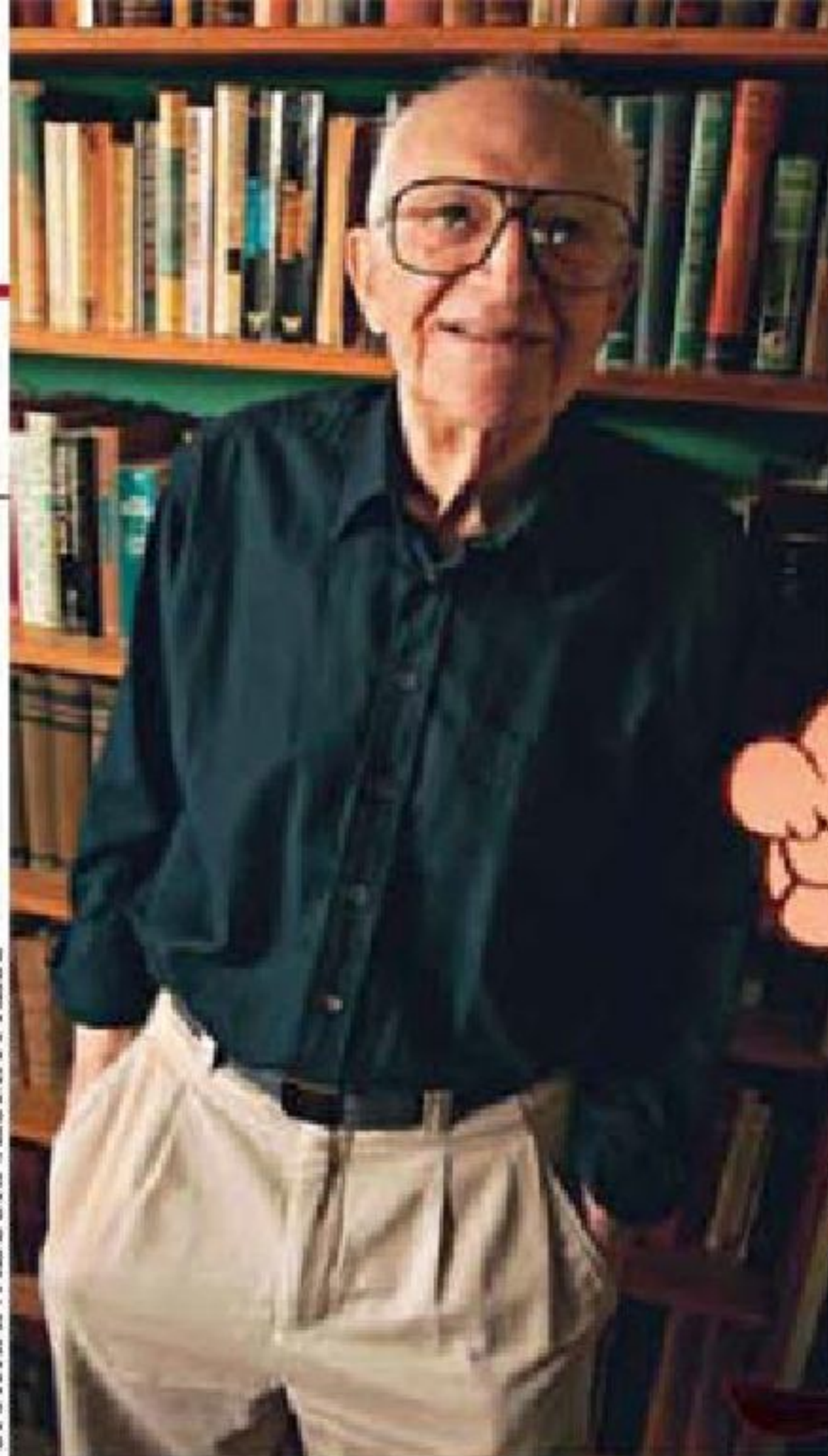
■ o roteirista americano **Millard Kaufman**, criador de Mr. Magoo, o velhinho míope dos desenhos animados. Inspirado em um dos tios de Kaufman, o personagem apareceu pela primeira vez em 1949, na animação *Ragtime Bear*. Em 1954 e 1956, Kaufman concorreu ao Oscar de melhor roteiro por produções com atores. Dia 14, aos 92 anos, de infarto, em Los Angeles.

RODRIGO ARANGUA/AFP

Ingrid e Lecompte *Ela alega "separação de corpos". Ele, sua união com outro*

TIZIANA FABI/AFP

Natasha Richardson *Vítima de um acidente de esqui*

JONATHAN ALCORN/ZUMA PRESS

O pai de Mr. Magoo *Kaufman inspirou-se no tio para criar o personagem*

EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE

■ DOM|15|MAR|2009

Divulgado

o pedido de divórcio feito à Justiça por **Ingrid Betancourt**, refém das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) de 2002 a 2008. Na ação, Ingrid alega como motivo a "separação de corpos" por mais de seis anos entre ela e seu marido, Juan Carlos Lecompte. Nesse período, ele moveu uma campanha internacional para libertá-la. Lecompte também quer o divórcio, mas por outro motivo. Com base em relatos de ex-reféns americanos, alega que Ingrid o traía com um de seus companheiros de cativeiro.

■ TER|17|MAR|2009

Substituído

o secretário de Segurança Pública de São Paulo, Ronaldo Marzagão. Depois de 27 meses, ele se inviabilizou no cargo devido ao acúmulo de denúncias de corrupção envolvendo seus auxiliares. A pior delas atingiu o ex-secretário adjunto Lauro Malheiros Neto, que é acusado de cobrar propina para anular processos de punição contra policiais corruptos. Marzagão foi substituído por Antonio Ferreira Pinto.

■ QUA|18|MAR|2009

Libertado

o ator **Dado Dolabella**. Ele passou um dia na cadeia por desrespeitar uma ordem do Juizado de Violência Doméstica do Rio, que o impede de chegar a menos de 250 metros da atriz Luana Piovani, sua ex-namorada. A infração ocorreu no Carnaval carioca. Dolabella assistiu ao desfile das escolas de samba no mesmo camarote em que Luana estava. Fez fotos mostrando uma trena, para indicar que estava longe da ex. O artista foi indiciado por agredir, em outubro, Luana e a camareira Esmeralda de Souza, de 62 anos.

SOBE

Mensaleiros
Nove ministros foram ao aniversário de José Dirceu, e Delúbio Soares quer refiliar-se ao PT para tentar eleger-se deputado

Cheque sem fundo
Sua emissão aumentou 20% nos primeiros dois meses deste ano em relação ao mesmo período de 2008

Airbag
Em cinco anos, todos os carros novos fabricados no Brasil deverão ter o dispositivo no assento do motorista e no de seu carona

DESCE

Roseana Sarney
Usou dinheiro do Senado para pagar viagens de parentes e amigos e paga salário de diretora da Casa a uma assessora

Orçamento
A crise econômica já levou o governo a anunciar cortes no valor de 21,6 bilhões de reais

Carteira do torcedor
Até o presidente do Clube dos Treze, Fábio Koff, bombardeou o projeto esdrúxulo do Ministério do Esporte

"Vou perfumada"

Quando a bandeirinha paulista Maria Eliza Barbosa, de 29 anos, entra em campo, a torcida só tem olhos para ela. Maria Eliza, que sonha em bandeirar na Copa de 2014, já foi assediada para mostrar o que o uniforme esconde. Mas recusou

Qual é seu time? Não torço nem para o Brasil. No mundial feminino sub-17 do fim do ano passado, torci para o Brasil perder para que eu pudesse estar na final.

Você quis ser bandeirinha? Nunca fui ligada em futebol.

SANDRA BRASIL

Aprendi a gostar na faculdade de educação física. Depois, fiz um curso de árbitro. Nesse tempo, namorava um engenheiro, que não gostou e acabou a relação.

OTAVIO DIAS DE OLIVEIRA

Ele foi substituído? Estou há um ano e quatro meses com um dentista, que é árbitro central e comenta muito minha atuação.

Que cuidados você tem com a beleza? Sou discreta, mas só entro em campo com maquiagem completa. Uso produtos à prova d'água para que não borrem com o suor. E vou perfumada.

MARIA ELIZA:
"Só entro em campo com maquiagem completa"

E o que faz para manter esse corpão? Treino pesado duas horas e meia por dia. Tenho muito músculo. A CBF quer que a gente tenha o mesmo preparo que os homens.

Já levou bolada? Em um Santos e Corinthians, tomei uma na perna. Doeu muito, mas não podia chorar na frente da torcida.

O preconceito é muito grande? Só torcedor é que xinga e diz gracinhas do tipo "vai para o fogão, que seu lugar é na cozinha". Os colegas e jogadores respeitam.

Você recusou 350 000 reais para posar nua? Era uma grana legal, mas eu tenho vergonha. Ia desmaiar se alguém pedisse para eu autografar a revista.

Números

4,2% foi a queda da demanda por crédito dos consumidores brasileiros em fevereiro deste ano, em relação ao mesmo mês do ano passado

138 bilhões de reais é quanto a Receita prevê que perderá em 2009 com isenções tributárias. Parte desses benefícios foi concedida para aquecer a economia

405% foi quanto aumentaram os gastos com cartões corporativos oficiais nos primeiros setenta dias deste ano em relação ao mesmo período de 2008

8,2 bilhões de reais foram movimentados pelo comércio via internet no Brasil em 2008, um incremento de 30% em relação ao ano anterior

50 milhões de dólares é quanto a família da americana Charla Nash, que teve as mãos amputadas e o rosto desfigurado por um chimpanzé, quer de indenização da dona do animal

57,3% dos portugueses rejeitam a reforma ortográfica acertada com o Brasil e outros países de língua portuguesa

E UM NÚMERO AINDA MAIS GRANDIOSO:

EIXÃO DAS ÁGUAS. É o Governo do Ceará inaugurando a

É com muito orgulho que o Governo do Ceará acaba de concluir o segundo e o terceiro trechos do Eixão das Águas, um verdadeiro marco na história do Nordeste e do Brasil. Essa obra monumental vai levar água do Açude Castanhão direto para Fortaleza e região metropolitana, garantindo por 30 anos a oferta de água e o abastecimento para a região, para os grandes projetos do Porto Pecém e para a agricultura irrigada.

Ao todo são 256,2 km de extensão, divididos em 5 trechos. O trecho 1 e parte do trecho 2 foram construídos ao longo de 5 anos. Agora, o Governo do Ceará conclui o trecho 2 e todo o trecho 3 em apenas 2 anos. Ou seja: mais da metade da obra foi concluída em menos da metade do tempo.

TUDO NESTA OBRA É GRANDIOSO. A vazão da água, por exemplo, vai chegar a 22 m^3 por segundo. A obra é grande e o impacto na realidade do Estado é ainda maior: mais de 4 milhões de pessoas serão beneficiadas.

EIXÃO DAS ÁGUAS. UMA OBRA HISTÓRICA QUE VAI LEVAR MAIS ÁGUA E MAIS DESENVOLVIMENTO PARA O CEARÁ.

LAURO JARDIM ljardim@abril.com.br

■ PETRÓLEO

O Brasil na Opep?

Parece brincadeira, mas não é: na quinta-feira passada, o Brasil foi convidado oficialmente a integrar a lendária Organização dos Países Exportadores de Petróleo, a Opep, pela Arábia Saudita, Catar, Venezuela e Irã. O convite foi feito diretamente ao ministro Edison Lobão, que participava de um encontro da organização, em Viena. O mais provável é que o Brasil agradeça e recuse. Segundo Lobão disse a um interlocutor, é preciso que haja mais excedente na produção de petróleo do país para pensar nisso. Do contrário, haveria o risco de, numa crise, a Opep determinar aos seus associados uma redução da produção, e o Brasil acabaria tendo de importar petróleo.

Diferenças dentro do Salão Oval

No primeiro encontro de Lula e Obama, apareceram diferenças entre os dois presidentes, quando deram entrevista no Salão Oval da Casa Branca. Eis algumas:

■ Enquanto Lula fala, Obama olha-o fixamente. Quando Obama fala, Lula olha para o teto, a plateia, o chão, o tradutor — para qualquer coisa, menos para o interlocutor.

■ Obama entende algumas palavras em português, anuindo com a cabeça antes que o tradutor entre em ação. Ou finge entender. Lula não pesca nada de inglês. Ou finge não pescar.

■ Lula e Obama gostam de descontrair o ambiente. Lula expressa sua informalidade em gracejos e piadas. Obama acompanha, mas sua descontração está na linguagem corporal.

■ Atenção, atenção, itamaratecas de punhos de renda: os sapatos pretos de Obama brilhavam mais que os sapatos pretos de Lula.

Os presidentes *Obama e Lula: gracejos, piadas e sapatos brilhantes*

■ PT

"Gilbertinho fica"...

Num jantar há duas semanas com governadores petistas, Lula descartou a possibilidade de seu faz-tudo, Gilberto Carvalho, deixar o Planalto para ser o novo presidente do PT. "Vocês vão ter de arranjar outro. O Gilbertinho vai ficar aqui para ajudar o começo do governo Dilma", disse Lula, num acesso de otimismo pré-queda de popularidade verificada nas últimas pesquisas.

MARCELO SAYÃO/EFE

No mar *Plataforma da Petrobras: convite*

...e Berzoini também

O barco do PT navega em direção à reeleição de Ricardo Berzoini à presidência do partido.

■ ELEIÇÕES 2010

Cenário estrelado

No mesmo jantar descrito anteriormente, um governador ficou

notas diárias em www.veja.com.br
Com Paulo Celso Pereira
Colaborou Ronaldo França

PABLO MARTINEZ/AP

impressionado ao ver como o otimismo de Lula resiste, mesmo numa conversa a sós. Lula até admite que a eleição será difícil, que a crise vai atrapalhar, mas não fala da hipótese da derrota. Para Lula, "(*José*) Serra sai de São Paulo com uma grande vantagem, mas o Nordeste vai inteiro para a Dilma". Por ter nascido em Minas Gerais e feito carreira no Rio Grande do Sul, Dilma teria boa votação nos dois estados, ainda segundo Lula, que conta com Sérgio Cabral para levar os eleitores fluminenses para a sua ministra.

Descrença de Lula

Em nenhuma das suas avaliações Lula citou a possibilidade de Aécio Neves vir a ser o candidato do PSDB.

■ FUTEBOL

Uma jogada misteriosa

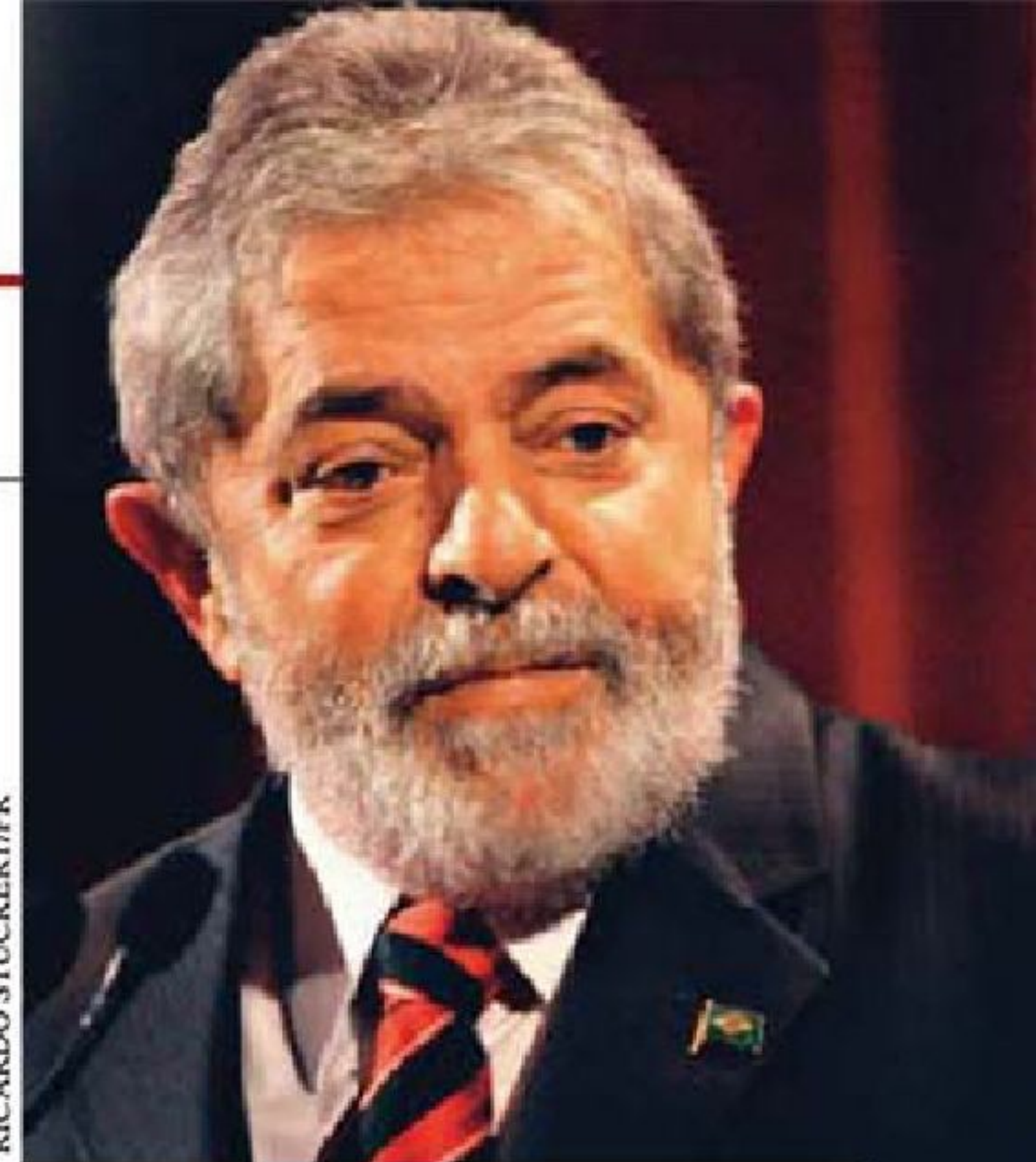
Foi descoberto um depósito nebuloso que interessa à torcida do Flamengo e, mais do que isso, à Receita Federal: quem é o titular da conta bancária de número 680442040811 da agência do Barclays Bank, em Genebra? O Flamengo depositou ali 647 000 reais, em dezembro de 2007, a título de comissão pela negociação do meia Kléberson. O problema é que o único documento de comprovação não identifica os beneficiários. Fala apenas em uma empresa, a Deporte Marketing Ltd, que não existe oficialmente no endereço citado, em Londres. A Deporte também não é credenciada junto à Fifa para intermediar jogadores. E, ainda que fosse, Kléberson já era dono do próprio passe quando foi comprado. Não havia, portanto, necessidade do pagamento de comissão.

ANDRÉ MOURÃO/AGIF

Gol contra
Kléberson: depósito na Suíça

"Eu me retiro dos EUA com a convicção de que a eleição do presidente *Obrama* é uma oportunidade para os EUA fazerem coisa diferente do que fizeram no século passado."

Do presidente **LULA**, nos EUA, mas com saudade das coisas do Brasil

RICARDO STUCKERT/PR

"Não sei por que agora resolveram tirar todos os esqueletos do armário."

JOSÉ SARNEY, presidente do Senado, comentando a sucessão de escândalos revelados na Casa

"A guerra política no Congresso está ficando muito parecida com uma briga de bugio: ganha quem jogar mais lama no outro."

ROBERTO JEFFERSON, presidente do PTB

"Se tivesse outra chance, não teria bloqueado a poupança."

FERNANDO COLLOR DE MELLO, ex-presidente da República, que confiscou a poupança e a conta-corrente dos brasileiros no mais tresloucado plano da história econômica mundial

"Aí, então, está na hora de fechar o Congresso. Se forem atrás de pagamento de passagem, não escapa nem jornalista."

HERÁCLITO FORTES (DEM-PI), primeiro-secretário da Mesa do Senado, fazendo ironia ao falar dos gastos dos parlamentares com passagens

ILUSTRAÇÃO DALCIO

LUCIANA CAVALCANTI/FOLHA IMAGEM

Foto: Lost Art

"É como se a minha mãe tivesse um namorado da minha idade. Madonna é uma mala velha ridícula, que fica pulando pelo palco com aquela idade."

CATHARINA FRANCA, ex-namorada do modelo Jesus Luz, o atual namorado da cantora, em entrevista a um jornal inglês

"Não vamos mais ficar dependentes do bom humor de ninguém."

Do presidente **LULA**, ao inaugurar um terminal de gás, no Rio de Janeiro, temeroso da dependência de fornecedores instáveis, como a Bolívia

"O presidente brasileiro sempre ataca a imprensa e lança críticas desmedidas quando o enfoque do noticiador ou de um comentário não lhe agrada."

Do relatório da Sociedade Interamericana de Imprensa, **SIP**

THOMAS COEX

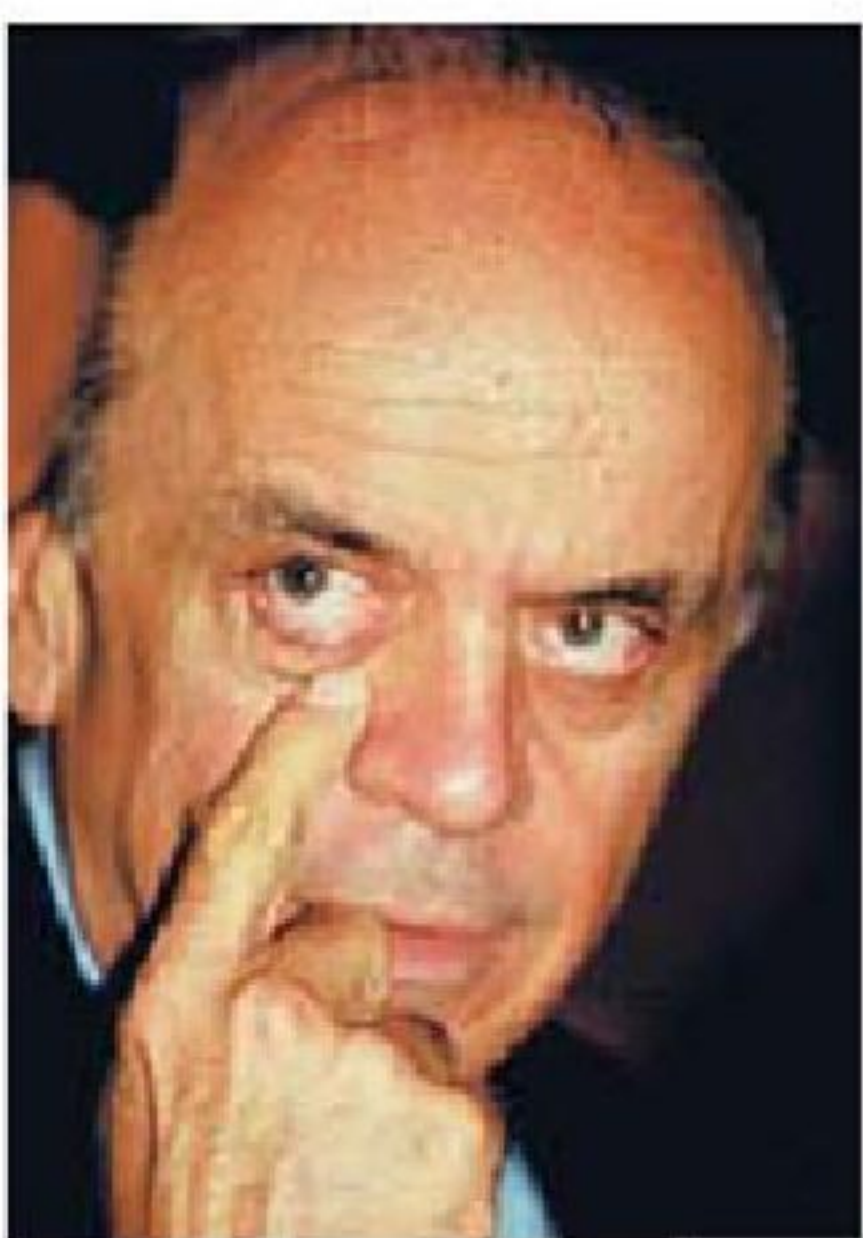
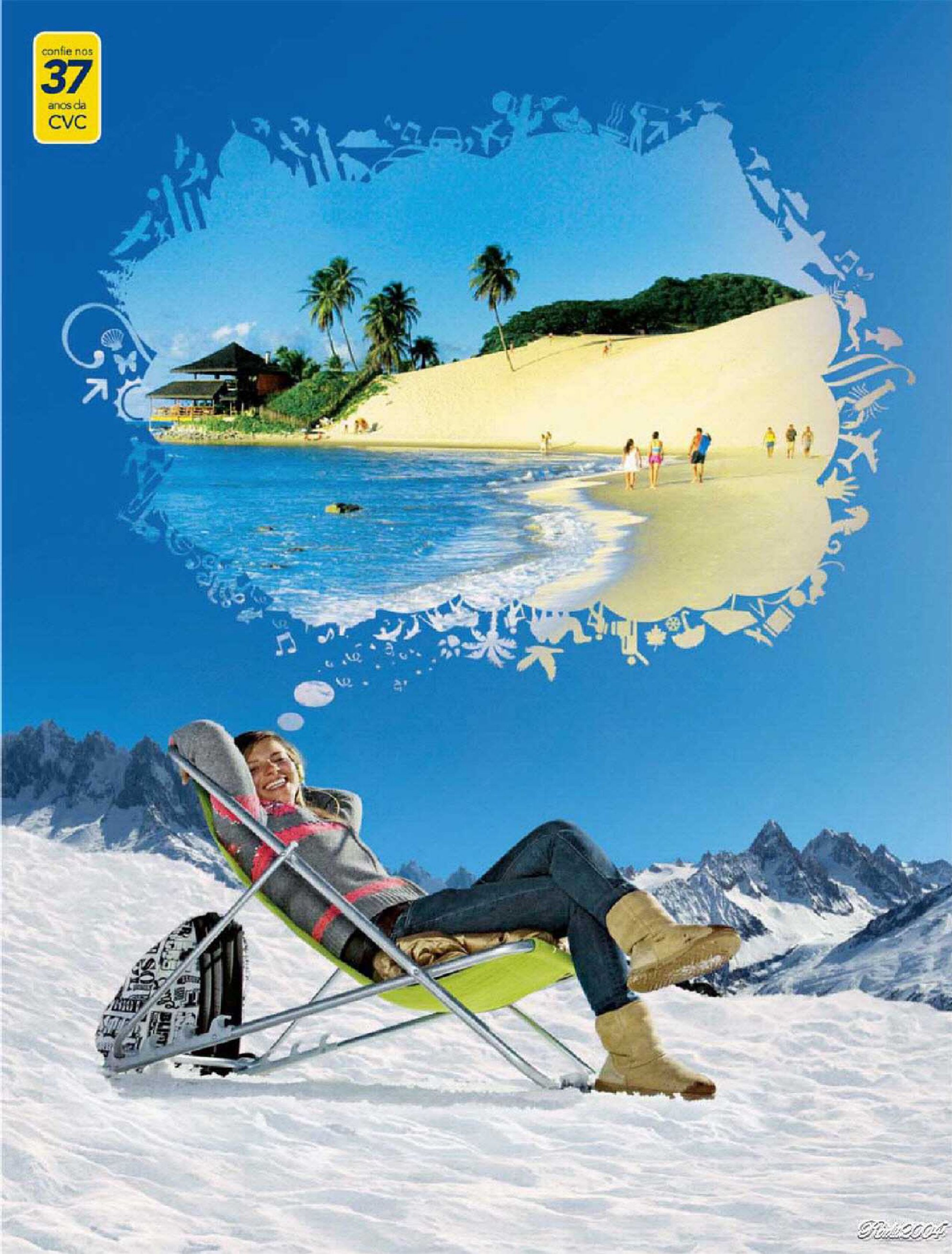
"Veremos a recessão chegando ao fim provavelmente neste ano. Veremos uma recuperação começando no próximo ano."

BEN BERNANKE, presidente do Federal Reserve, o banco central americano

"Se alguém me vir um dia com o dedo no olho de Aécio, é porque estou tirando um cisco; brigando, jamais."

JOSÉ SERRA, governador paulista

"Os efeitos da crise para o Brasil serão terríveis, mas muito piores para os países mais pobres."

PASCAL LAMY, diretor-geral da Organização Mundial do Comércio

GP7

VIAGENS SÃO SONHOS QUE VOCÊ APROVEITA DE OLHOS ABERTOS.

PARA TODO SONHO EXISTE UMA CVC.

NATAL 8 dias

Hotel Parque da Costeira .... 10x R$ 149,80

Localizado de frente para o mar, na via costeira, e a 5 minutos da Praia dos Artistas. Possui um incrível parque aquático, restaurantes, serviço de spa, fitness center, sauna, salão de jogos, bar de praia, kid's club, quadras de tênis e poliesportivas e decoração requintada. Apartamentos amplos, equipados com TV, ar-condicionado, frigobar e telefone. Inclui passagem aérea voando TAM, traslados aeroporto/hotel/aeroporto, hospedagem com café da manhã, passeios pela cidade visitando as principais praias, Forte dos Reis Magos e o litoral sul, com parada na Praia de Pirangi, onde está o maior cajueiro do mundo, com assistência especializada CVC. À vista R$ 1.498, Preço p/ saídas 25 e 26/abril.

FORTALEZA 8 dias

Hotel Praiano .... 10x R$ 149,80

Localizado na Praia de Meireles, de frente para o mar. Possui piscina, bar e restaurante. Apartamentos amplos e equipados com TV, ar-condicionado, frigobar e tefefone, todos com vista para o mar. Inclui passagem aérea voando TAM, traslados aeroporto/hotel/aeroporto, hospedagem com café da manhã, passeios pela cidade e praia do Beach Park com assistência especializada CVC. Não inclui ingresso. À vista R$ 1.498, Preço p/ saídas 25 e 26/abril.

Informações: acesse **www.cvc.com.br**

visite uma de nossas lojas nos melhores shoppings ou consulte seu agente de viagens.

Prezado cliente: os preços publicados são por pessoa em apto. duplo partindo de São Paulo, sujeitos a reajustes sem prévio aviso e válidos para compras até 1 dia após esta publicação. Oferta de ugares limitada e reservas sujeitas a confirmação. Taxa de embarque não incluída. Parcelamento em 10x mensais, sendo a primeira paga no ato e as demais mensais. Imagens meramente ilustrativas.

CVC

Sonhe com o mundo.
A gente leva você.

APARÊNCIAS QUE NÃO ENGANAM

O governo patrocina acordo entre PT e PMDB e tenta pôr fim à disputa que revelou aos eleitores a caixa-preta e as espantosas diretorias do Senado Federal

OTÁVIO CABRAL

Parecia que a disputa de poder entre o PT e o PMDB caminhava para uma fissura de consequências imprevisíveis. Parecia que as rusgas entre os senadores Tião Viana e José Sarney faziam parte de um processo de expurgo de velhos vícios incrustados no Parlamento. Parecia até que as sucessivas e recentes denúncias de mordomias, nepotismo e fisiologismo no Senado ajudariam a catalisar uma onda de moralização de práticas e costumes. Em Brasília, porém, as aparências enganam — e enganam muito. Na semana passada, PT e PMDB se reuniram e combinaram um pacto de não agressão. Como a briga tinha raízes em disputa de espaços, nada tão simples para atender a quem reclamava quanto ceder um pouco mais de espaço, ou seja, uns cargos e umas verbas a mais. Assim foi feito, e selou-se o acordo de paz. O litígio entre Sarney e Tião também foi contornado da maneira mais pragmática possível no universo dos políticos. Tião denunciava Sarney por práticas fisiológicas. Sarney denunciou Tião por práticas fisiológicas. Como a troca de acusações chamusca a imagem de ambos,

combinou-se um conveniente cessar-fogo. Dessa forma, a única coisa que vai continuar parecendo exatamente o que é é a imagem do próprio Senado — péssima e, mais grave, sem nenhuma perspectiva de mudança.

Tome-se como exemplo apenas o último escândalo. Descobriu-se que no Senado há 181 diretores — dois para cada senador — com salários que ultrapassam os 18 000 reais. É diretor de garagem, diretor para cuidar do check-in nos aeroportos, diretor de programa de ondas curtas. Diretorias bizarras que servem apenas para aumentar o salário dos servidores em cascata. A notícia provocou protestos no Parlamento a ponto de o presidente do Congresso, José Sarney, anunciar, sem pestanejar, que acabaria de imediato com metade dos cargos. Passados alguns dias, ele reduziu o corte para cinquenta e há quem aposte que pouca coisa vai mudar. Sarney, afinal, foi o responsável pela criação de 70% das tais diretorias. As demais saíram da caneta perigosa dos ex-presidentes Renan Calheiros e Jader Barbalho, ambos também especialistas em fazer caridade privada com dinheiro dos contribuintes. Nas últimas semanas foram várias as denúncias de uso de recursos públicos para fins pessoais *(veja o quadro na pág. 68)* sob as mais diversas formas de abuso. O presidente José Sarney, porém, prometeu que as distorções serão corrigidas.

A crise no Senado tem preocupado muito o governo, mas por outros motivos. Nada a ver com as fraudes, os desvios, o desperdício dos senhores senadores. Horas depois de retornar dos Estados Unidos, onde se encontrou com o presidente Barack Obama, Lula pediu a seu chefe-de-gabinete, Gilberto Carvalho, e ao ministro das Relações Institucionais, José Múcio, um informe detalhado sobre a situação. Na avaliação do presidente, a experiência mostra que uma briga entre dois partidos aliados tem mais poder destrutivo do que qualquer embate com a oposição. O risco, segundo o presidente, é a disputa extrapolar o limite do Congresso, contaminar os ministérios e inviabilizar a aliança em torno da candidatura de Dilma Rousseff. Cumprindo ordens do presidente, Múcio reuniu em um jantar os petistas Aloizio Mercadante e Ideli Salvatti, os peemedebistas Renan Calheiros e Romero Jucá, além do senador Gim Argello, do PTB. O PMDB se comprometeu a encerrar os ataques a Tião Viana e a ceder ao PT a liderança do governo no Senado. O PT garantiu que cessarão os ataques a Sarney e concordou com a entrada de um representante do PMDB na coordenação de governo. "Os dois lados se comprometeram a segurar seus exércitos. Os partidos, o Executivo e o Legislativo só têm a perder com essa disputa", afirma Múcio. O governo comemorou o desfecho e acredita que tudo voltará ao normal já a partir desta semana.

Em nome da tranquilidade — sempre ela —, o governo dá um jeito de empurrar para dentro do armário os problemas, desta vez no Senado. Na semana passada, a disputa ganhou ares de guerrilha. Aliados de Tião e de Sarney passaram a dar estocadas certeiras contra os rivais. Foi descoberto, por exemplo, que Sarney escalou sete policiais do Senado para vigiar sua casa em São Luís, e que sua filha, a senadora Roseana Sarney, utilizou passagens pagas pelo Senado para trazer amigos, familiares e aliados políticos do Maranhão para Brasília, além de hospedá-los na residência oficial da presidência da Casa. O contra-ataque veio no mesmo território com a revelação de que Tião Viana emprestou um celular do Senado para sua filha levar a uma viagem de

FOTOS LULA MARQUES-FOLHA IMAGEM E CELSO JUNIOR

ELE AGRADECE
Por orientação do presidente Lula, os senadores Tião Viana e José Sarney se comprometeram a cessar as denúncias de fisiologismo

SHANNON STAPLETON/REUTERS

quinze dias pelo México. "Se pretendem me intimidar com isso, quero deixar claro que, pela minha filha, respondo eu. Felizmente, ela não tem sobre a mesa 2 milhões de reais nem a Polícia Federal à sua volta", afirmou, em uma clara referência a Roseana, que teve esse montante apreendido na sede da empresa Lunus, que mantinha em sociedade com seu marido, quando era candidata à Presidência da República, em 2002. Tião tentou sem sucesso mostrar que cometera apenas um equívoco, e não um erro grave. Após o caso do celular ter explodido, um assessor de Sarney procurou Tião e o provocou: "De filha para filha".

Se, por um lado, esse surto de moralidade desgasta a imagem do Congresso, por outro também serve para resgatá-la. É em crises que se revelam os desvios da instituição e surgem as possibilidades de mudança. "Os políticos são pragmáticos e reagem quando são descobertos. E hoje em dia a sociedade cobra mais, pois está cada vez com mais escolaridade e mais acesso à informação. A leniência com a corrupção é menor", avalia o cientista político Alberto Carlos Almeida, do Instituto Análise. "De escândalo em escândalo, as instituições vão se reformando e melhorando. A velocidade é menor do que a necessária, mas é assim que as coisas mudam." Apesar do esforço federal em contrário, é improvável que a crise no Senado desapareça. Há uma disputa entre grupos de funcionários em torno da sucessão dos diretores que caíram por corrupção. E esses grupos de interesse são incontroláveis. Além disso, o clientelismo é da natureza de grande parte dos políticos. "Há uma tradição patrimonialista, o dinheiro público dos impostos dos contribuintes é apropriado privadamente pelos políticos", analisa o filósofo Denis Rosenfield, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. "Junte-se ao patrimonialismo a certeza da impunidade e chega-se ao quadro vivido hoje no Congresso." ■

ARMÁRIOS ABERTOS

A disputa de poder entre o PT e o PMDB tem um lado positivo: os eleitores estão tomando conhecimento de detalhes da farra promovida com o dinheiro dos contribuintes

HORA EXTRA – O Senado pagou **6,2 milhões de reais** em horas extras a **3 883** funcionários em janeiro, quando os senadores estavam em férias e o Congresso em recesso

NEPOTISMO – Há **1 800** funcionários terceirizados trabalhando no Senado. Para burlarem a lei que proíbe o nepotismo, parentes de senadores e diretores são contratados através de empresas prestadoras de serviços

MILAGRE – **Agaciel Maia**, diretor-geral do Senado desde 1995, foi exonerado após ter sido revelado que ele não declarou à Receita a propriedade da casa onde mora, avaliada em **5 milhões de reais** e comprada em nome do irmão

DIRETORIAS – O Senado tem **181** diretorias. Há cargos inacreditáveis, como o de diretor de garagens, o de diretor de check-in e o de diretor de transmissões em ondas curtas. Cada diretor ganha mais de **18 000 reais**

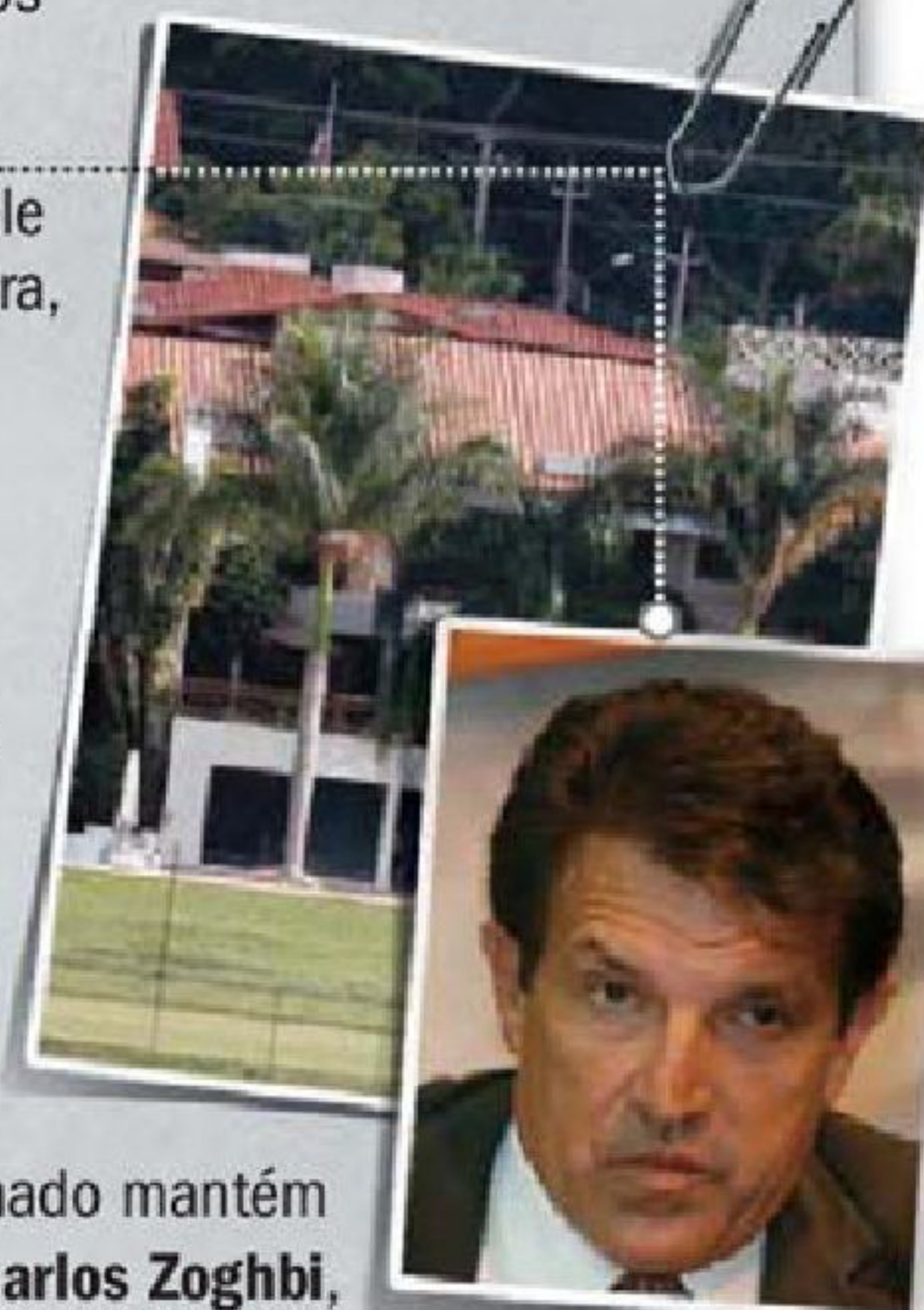
APARTAMENTO FUNCIONAL – Além de pagar **3 800 reais** de auxílio-moradia aos senadores, o Senado mantém **72** apartamentos funcionais. **João Carlos Zoghbi**, diretor de recursos humanos e cotado para a diretoria-geral, foi exonerado após a revelação de que cedeu um deles para seu filho recém-casado

PASSAGENS – Os senadores gastam **20 milhões de reais** por ano com passagens aéreas. A senadora Roseana Sarney (PMDB-MA) utilizou algumas delas para levar amigos, parentes e aliados políticos de São Luís para Brasília em um fim de semana. Os convidados ainda ficaram hospedados na residência oficial do presidente do Senado

CELULAR – Os senadores têm direito a um pacote ilimitado de minutos. Tião Viana (PT-AC) emprestou o seu à filha que estava em férias no México. Depois da revelação, ele pagou a conta

SEGURANÇA – O Senado tem um corpo de **120** seguranças. O senador **José Sarney** (PMDB-AP) recentemente escalou sete deles para vigiar a casa de sua família no Maranhão. Apenas em passagens e diárias foram gastos **30 000 reais**

LICITAÇÕES – Com um gordo orçamento de **2,7 bilhões de reais**, o Senado faz curiosas opções. Três licitações, que representariam **30%** de economia na contratação de terceirizados, foram canceladas. A presidência preferiu assinar aditivos, com data retroativa, e continuar pagando mais caro às antigas concessionárias

QUEIMA DE ARQUIVO – Quatro dias antes da posse de José Sarney, o Senado destruiu **965** caixas de documentos referentes ao período 1965-2003. Entre os papéis, estavam notas fiscais, processos, sindicâncias, inquéritos e comprovantes de despesas de gastos de senadores

FOTOS DIDA SAMPAIO/AE, ALAN MARQUES, LULA MARQUES/FOLHA IMAGEM, RONALDO DE OLIVEIRA/CB/D.A. PRESS E MÁRCIA KALUME

RICARDO LEONI/AG. O GLOBO

A BATALHA PELA ORDEM

A prefeitura do Rio tenta demolir um prédio construído por empresário na Rocinha. A pobreza serve de fachada para a especulação imobiliária que tomou conta das favelas

O INFILTRADO
O prefeito do Rio, Eduardo Paes, vistoria o prédio na Rocinha. O vereador Claudinho da Academia (à dir.) o acompanha, mas seus assessores trabalham para os especuladores

MARCELO PIU/AG. O GLOBO

O edifício horizontal, em final de construção, que se vê na foto acima fica na favela da Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ele está sendo erguido como investimento, para aluguel de suas 22 unidades — quatro apartamentos e dezoito cubículos, estes com 16 metros quadrados cada um. O prédio tem vista privilegiada. Das janelas, avistam-se o Morro Dois Irmãos, a Praia de São Conrado e a Pedra da Gávea. A prefeitura não deu licença para a obra e chegou a multá-la quatro vezes. Com razão. Esse tipo de empreendimento naquele local configura especulação imobiliária e incentiva a expansão da favela. Também contou na decisão a insalubridade dos cômodos minúsculos. Na semana passada, o prefeito Eduardo Paes anunciou sua demolição, mas a Justiça entrou em cena para impedi-lo. A juíza Regina Passos concedeu uma liminar suspendendo a derrubada e afirmou que de nada adiantaria a "atuação midiática de demolição de um prédio, isoladamente, no universo de construções irregulares daquele bairro sui generis". Traduzindo, se tudo é irregular e insalubre, não há por que proibir mais um empreendimento nos mesmos moldes.

Levado ao extremo, esse mesmo argumento poderia ser usado para impedir a prisão de um bandido, visto que a "ação isolada" não acabará com a violência de uma cidade inteira. O prefeito Eduardo Paes afirmou a VEJA que o responsável pelo empreendimento é o comerciante Rodrigo Carvalho, dono de uma lanchonete no campus da Pontifícia Universidade Católica e morador da Gávea, bairro de classe média alta na Zona Sul do Rio. Até aqui, quem se apresentava como dona do imóvel era Maria Clara dos Santos, conhecida como MC Boquinha. Por ser moradora da favela, ela dava a capa de legitimidade (social, é claro) à construção. Diante da ameaça de demolição, descobriu-se que os advogados que assinam o pedido de liminar são assessores do gabinete do vereador local, Claudinho da Academia (PSDC). Ainda há quem considere a expansão das favelas no Rio de Janeiro um problema decorrente apenas da má distribuição de renda. O episódio revela que ela ocorre, também, por uma perversa distribuição de lucros. ■ **RONALDO SOARES**

DIDA SAMPAIO/AE

AINDA MAIS ENROLADO

Protógenes Queiroz é indiciado e documentos revelam outros alvos de espionagem ilegal

EXPEDITO FILHO

O delegado Protógenes Queiroz foi indiciado na semana passada pela corregedoria da Polícia Federal por vazamento de informações sigilosas e violação da lei de interceptações telefônicas, crimes praticados durante a operação que resultou na prisão e na condenação do ex-banqueiro Daniel Dantas. Durante um ano e meio, o delegado comandou uma ousada máquina de espionagem clandestina contra políticos, jornalistas, advogados e autoridades — como demonstram documentos apreendidos em seu computador pessoal —, entre as quais figuras notórias da República, como os ministros Mangabeira Unger e Dilma Rousseff, além do presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Gilmar Mendes. Em depoimento à CPI dos Grampos, o corregedor Amaro Ferreira também confirmou a participação ilegal de arapongas da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) em ações de espionagem e disse aos parlamentares que há suspeitas do uso de grampos clandestinos no curso da operação. A comprovação ainda depende de perícia do material apreendido. Cada novo documento analisado consolida a bisbilhotagem desmedida patrocinada pela equipe do delegado. Em Brasília, Fernando César Mesquita, assessor do presidente do Congresso, senador José Sarney, foi espionado durante mais de um mês.

Acuado pelo indiciamento e pela CPI dos Grampos, que o convocou mais uma vez para depor, e pode acareá-lo com o ex-diretor da Abin, Paulo Lacerda, o delegado Protógenes partiu para o ataque a seu modo destrambelhado. Num site de apoio ao seu "trabalho contra a corrupção", ele divulgou uma carta ao — pasme — presidente americano Barack Obama. Na carta, com versões em inglês e, sabe-se lá por que motivo, em francês, o delegado afirma que o Judiciário brasileiro está na folha de pagamentos do ex-banqueiro Daniel Dantas, dá a entender que Lula também está a soldo do dono do Opportunity (antes disso, ele já havia pedido o impeachment do presidente) e, como se não bastasse, solicita ao órgão de inteligência de uma potência estrangeira (a CIA) que investigue os arquivos digitais de Dantas. Convenha-se que, a menos que suas acusações sejam levadas a sério, Protógenes deveria ser afastado de suas funções na PF. No mínimo porque nem mesmo os militares que deram o golpe em 1964 recorreram aos americanos para resolver um problema interno.

A ação dos espiões da Abin contra o assessor de Sarney foi descoberta por meio de um relatório de cinco páginas encontrado no computador do delegado. Aparentemente sem saber o que buscavam, os agentes vigiaram os passos de Mesquita, tido pela equipe de Protógenes como suspeito de alguma coisa — embora ele nunca tenha aparecido no rol dos investigados no caso do ex-banqueiro. No documento preparado pelos espiões, porém, Mesquita é cha-

A LENDA

O delegado Protógenes: agora ele sugere que Lula está no bolso de Daniel Dantas e pede ajuda a... Barack Obama!

mado de "lobista", e fotos de sua casa e de seus amigos estão anexadas ao relatório dos arapongas. Quem visitou o assessor do presidente do Congresso entre 1º de abril e 9 de maio do ano passado, o período que abrange o relatório, não escapou das lentes dos espiões e, automaticamente, acabou de uma forma ou de outra envolvido no braço clandestino da investigação. O relatório traz o nome e as imagens dos visitantes. É o caso de um almoço registrado pelos arapongas no qual estavam o presidente do Superior Tribunal de Justiça, ministro Cesar Asfor Rocha, o ministro do Tribunal de Contas Ubiratan Aguiar e o presidente do Banco do Brasil, Antonio Lima Neto. "Fernando Mesquita transita em ambientes de alto nível social e entre pessoas importantes. Seu comportamento sugere que atue como lobista político no Senado, embora sua vinculação exata à Casa não tenha sido aferida", afirma o relatório da equipe de Protógenes. Percebe-se aonde os espiões queriam chegar.

"Isso é um absurdo. Estou indignado. Fui secretário de imprensa do presidente da República e governador de estado. Não podem invadir minha privacidade dessa forma apenas por causa de minhas amizades", diz Mesquita. Protógenes afirmou que os documentos que revelam a espionagem contra autoridades são uma armação de alguém interessado em desqualificar sua investigação. O depoimento do delegado à CPI dos Grampos está marcado para o dia 1º de abril — data bastante sugestiva. Além de explicar suas atividades clandestinas, ele promete fazer surpreendentes revelações sobre a extensão dos tentáculos do ex-banqueiro Daniel Dantas. Obama e a CIA certamente estarão atentos. Afinal de contas, persiste até hoje o mistério sobre o paradeiro do terrorista Osama bin Laden. ■

...VISÃO DE OPERAÇÕES DE INTELIGÊNCIA ... SOCIAL ESPECIALIZADA

RELATÓRIO

Data: 1. abr a 07 mai. 2008

Tipo de Conhecimento: INFORMAÇÃO

Assunto: Informações obtidas em levantamento realizado na residência do lobista Fernando César de Moreira Mesquita.

Destinatário: DIP

Anexo:

Residência de Fernando Mesquita

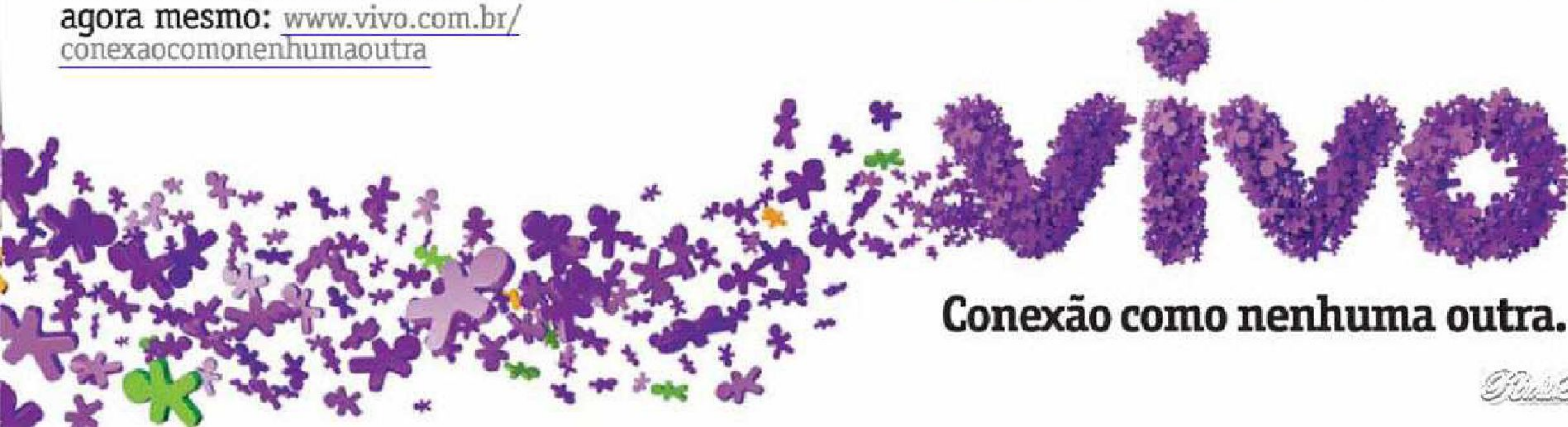
Ministro Humberto Gomes de Barros, o anfitrião Fernando César Mesquita, Wilson Ibiapina e o ministro César Ásfor Rocha

... realizado no dia 1º abr. 08, na residência de FERNANDO CÉSAR

FERNANDO MESQUITA transita em ambientes de alto nível social e entre pessoas importantes. Seu comportamento sugere que atue como lobista político no senado embora sua vinculação exata à casa não tenha sido aferida.

No dia 09 de Maio, por volta das 15h55 FERNANDO MESQUITA chegou à sua residência de carona no veículo Renault Megane, placa JHD-9477, cor preta, ano 2007, registrado em nome de ALEXANDRE PAES DOS SANTOS, CPF 102.446.201-30, Identidade 029682515 – IFP/RJ, nascido em 17 mar. 1954, residente no Setor de Mansões Dom Bosco, Conjunto 11, Lote 02, Lago Sul/DF.

INVASÃO DE PRIVACIDADE

Relatório encontrado no arquivo pessoal do delegado Protógenes Queiroz mostra que Fernando César Mesquita (sem gravata), *assessor do presidente do Congresso, senador José Sarney, foi espionado por agentes da Abin*

IMORAL, SIM. MAS ILEGAL?

Bônus pagos aos executivos da AIG provocam clamor popular. Mas eles estão de acordo com a tradição americana de respeito aos contratos

BENEDITO SVERBERI

Em 2008, os americanos descobriram que parte da exuberância financeira exibida por sua economia na última década era de fato irracional. Depositava-se em uma mentira criada pela falta de regulação adequada, pela irresponsabilidade de Wall Street e pelo estelionato puro e simples perpetrado por um punhado de escroques — sendo o maior deles o investidor Bernard Madoff, que há pouco admitiu, candidamente, ter roubado 65 bilhões de dólares de seus clientes. Não bastasse a indignação ini-

SUSAN WALSH/AP

cial produzida por essas revelações, descobre-se agora que a seguradora americana AIG, então à beira da falência, pagou 165 milhões de dólares em bônus a um grupo de executivos neste mês, com a crise em seus momentos mais dramáticos, poucas semanas após a empresa ter recebido uma boia de salvação de 180 bilhões de dólares de dinheiro público. Enquanto as famílias americanas viam no bolso o gosto amargo do desastre financeiro, premiaram-se os diretores da empresa que produziu o maior prejuízo trimestral da história corporativa americana — um desastre equivalente a 465 000 dólares evaporados por minuto. Pior: a unidade contemplada da AIG foi justamente sua divisão financeira, aquela que transformou a saudável seguradora quase num cassino.

A notícia despertou a ira dos americanos. Debaixo de protestos, o novo presidente da AIG foi chamado às pressas ao Congresso. Edward Liddy limitou-se a afirmar que não havia outra saída legal a não ser efetuar os pagamentos, prometidos contratualmente. Os americanos só se sentiriam minimamente vingados na quinta-feira passada, quando a Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei para recuperar, por vias transversas, a quase totalidade dos bônus pagos. O ponto central da medida foi a instituição de um tributo de 90% sobre esses prêmios. A taxa incidirá não só sobre a AIG, mas também sobre qualquer empresa que tenha recebido, desde 1º de janeiro, mais de 5 bilhões de dólares em ajuda federal. Caberá ao Senado opinar sobre a questão.

Ao contrário do que parece, não se trata de uma decisão simples — ao menos para as civilizações acostumadas ao império das leis. Ao longo da história americana, o respeito aos contratos, um dos pilares básicos do capitalismo nos Estados Unidos, sobreviveu a episódios ainda mais constrangedores do que o oferecido pelo pagamento dos bônus da AIG. O primeiro julgamento da Suprema Corte a confirmar o respeito sagrado aos contratos deu-se em 1810, no caso Fletcher versus Peck. A discussão girava em torno da validação de títulos de propriedade de terras obtidas de forma fraudulenta dos índios e com a comprovada corrupção de deputados do estado da Geórgia que, por meio de uma lei estadual, haviam autorizado inicialmente o loteamento. O caso chegou à Suprema Corte por um comprador de terras que, motivado pelo preço excessivo que pagou a um intermediário, pretendia anular o contrato de aquisição. Ele alegou a origem obscura do negócio e a corrupção dos deputados, da qual só soube depois. Como ele, muitas outras pessoas haviam protestado, em um clamor popular que obrigou o estado da Geórgia a anular todos os contratos de compra e venda. A Suprema Corte, em Washington, julgou se a lei de um estado poderia anular acordos privados. A decisão final, tomada pelo juiz John Marshall, baseou-se no argumento de que, a despeito da podridão do episódio, as partes agiram de boa-fé, dentro da formalidade. E que, portanto, o governo da Geórgia não poderia ter violado a santidade dos contratos. Ou seja, a venda foi um ato espontâneo, de cumprimento obrigatório. Outras decisões da Suprema Corte também protegeram acertos privados. Em todos esses casos, o princípio da santidade dos contratos prevaleceu sobre o clamor popular. Resta saber se algum executivo da AIG terá a coragem de contestar na Justiça a interferência do governo americano no pagamento dos bônus. E se o clamor popular terá eco na Suprema Corte dos Estados Unidos. ■

JIM YOUNG / REUTERS

PEGOU MAL *O presidente da AIG, Edward Liddy* (à esq.), *enfrenta protestos durante audiência no Congresso; diante da ira popular, Obama pediu ao secretário do Tesouro, Tim Geithner* (à dir.), *que bloqueasse o pagamento dos bônus*

O BOM DESAFIO

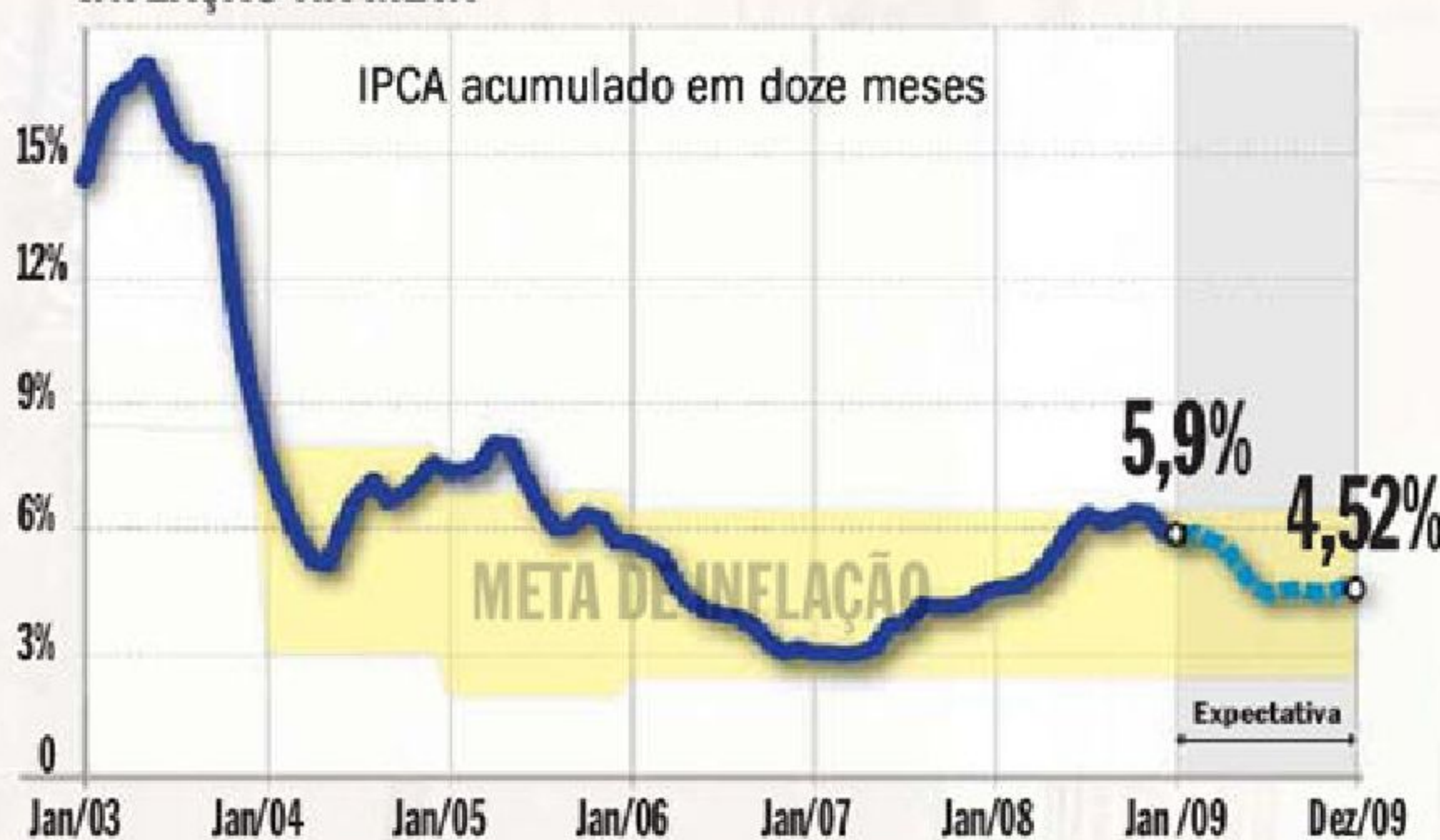
Os juros do governo caem ao menor valor da história do real. Falta agora fazer essa redução chegar a consumidores e empresas

GIULIANO GUANDALINI

Crise econômica e juros altos sempre andaram juntos. Foi assim em 1999, quando a taxa básica do governo, a Selic, atingiu 45% ao ano após a desvalorização do real. Ou em 2002, quando os juros foram a 25% durante a campanha que elegeu o presidente Lula. Os brasileiros veem-se agora diante de um dilema novo. Com a inflação sob controle e a necessidade de estimular a economia, o Banco Central está prestes a reduzir a Selic para um patamar inédito. Dá-se como certo que a taxa, hoje em 11,25% ao ano, cairá para menos de 10% nos próximos meses — o que seria a menor da história. Descontada a inflação, os juros reais estão em 5%, algo nunca visto. É no mínimo curioso que o país esteja perto de chegar a níveis de juros considerados normais justamente durante a maior turbulência do capitalismo financeiro moderno. Essa contradição advém de dois fatores. Um deles é a estagnação econômica, que mantém a inflação em um nível baixo. O outro é a estabilidade conquistada nos últimos quinze anos e mantida de forma exemplar no atual governo. Esses fatos estiveram no centro das apresentações feitas na semana passada em Nova York pelo presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, e pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega.

Ao lado do presidente Lula, ambos participaram de um seminário sobre a promoção comercial do Brasil. Os dois listaram motivos para acreditarmos que o país vai resistir à crise. Falaram dos desafios. O principal deles: os juros do governo caem, mas os juros bancários permanecem elevadíssimos. Por que isso ocorre? De acordo com fontes da equipe econô-

O QUE DEU CERTO...

Mesmo em meio à turbulência, o país conseguiu manter a inflação ancorada e diminuir os juros

mica, porque falta cada vez mais concorrência no sistema financeiro. Segundo os bancos, há muitos impostos sobre o crédito, e o risco de emprestar ainda é alto. Seja qual for a causa, o problema agravou-se após os bancos estrangeiros terem cortado suas linhas a empresas brasileiras. E depois que as instituições nacionais de pequeno porte passaram a ter restrição de capital. Como consequência, uma meia dúzia de grandes instituições locais sentiu-se confortável para aumentar suas taxas.

O governo prepara duas medidas para forçar os bancos a baratear o custo do dinheiro na economia. Uma das iniciativas será o uso das reservas internacionais como garantia para empréstimos de bancos estrangeiros a empresas brasileiras. Outra é estimular a capitalização dos bancos pequenos para que eles voltem a emprestar. Uma opção seria ampliar o valor assegurado pelo Fundo Garantidor de Créditos (FGC) — fundo esse que, atualmente, cobre depósitos de até 60000 reais, mesmo que um banco fique insolvente. Com mais garantias, os poupadores voltariam a pôr recursos em bancos menores, que, por sua vez, voltariam a emprestar a empresas e consumidores, restabelecendo a concorrência no sistema financeiro.

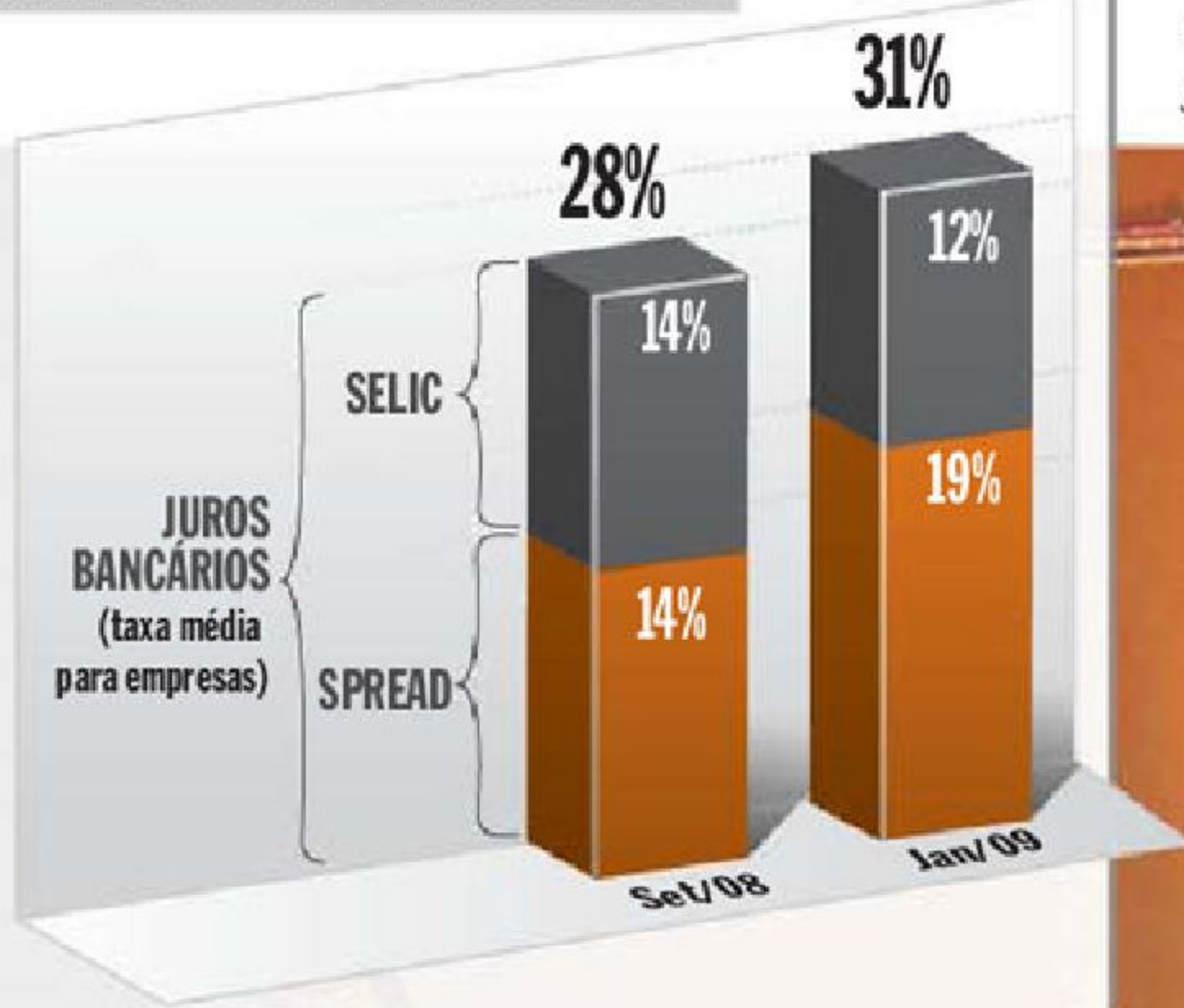
Outro desafio na agenda do governo será alterar a fórmula de cálculo dos rendimentos da poupança. Se nada for feito, as cadernetas, que hoje rendem algo em torno de 7% ao ano, passarão a oferecer um retorno mais atraente do que a maioria dos fundos de investimento. Isso fará com que os recursos migrem maciçamente para a poupança. E por que isso é ruim? Porque o lastro desses fundos são títulos públicos e privados. Se ninguém mais investir nessas aplicações, faltará dinheiro para financiar as empresas, os bancos e até mesmo o governo — uma tragédia impensável, especialmente neste momento de crise financeira. A solução passará inescapavelmente por uma decisão impopular de reduzir a rentabilidade da poupança. Esse desafio revela a dificuldade inerente à administração da política econômica. Uma queda abrupta da Selic, por exemplo, traria mais problemas do que soluções se o terreno não tivesse sido preparado antecipadamente. ■

AS MUDANÇAS NA POUPANÇA EM veja.com
www.veja.com.br/perguntas

...E O QUE FALTA MELHORAR

A queda dos juros do BC não chegou ao consumidor. Resta agora reduzir o spread, a diferença entre a Selic e o valor adicional cobrado pelos bancos

JUROS BANCÁRIOS (taxa média para empresas)

	Set/08	Jan/09
SELIC	14%	12%
SPREAD	14%	19%
Total	28%	31%

Fontes: *BM&F Bovespa, Banco Central e IBGE*

VENDENDO CONFIANÇA *Meirelles, presidente do BC, em palestra no Plaza de Nova York: nova ação para forçar os bancos a diminuir o custo do crédito*

RICARDO STUCKERT/PR

O CONSE

Empresários e governos da América Latina convergem, em geral, sobre vários temas. O Brasil está nesse bom caminho

DIOGO SCHELP

Enquanto a crise financeira se avolumava ao redor do mundo, no fim do ano passado, a aprovação do governo Lula parecia imune aos seus efeitos. Bastou a recessão global se refletir nos empregos dentro do Brasil para o inevitável acontecer: na semana passada, duas pesquisas de opinião registraram a primeira queda na avaliação positiva do governo desde o início do segundo mandato. No Datafolha, o índice caiu 5 pontos percentuais. Na pesquisa CNI/Ibope, a redução foi de 9 pontos. O fenômeno deve interferir na lua-de-mel entre o governo Lula e os empresários brasileiros, o que foi identificado por uma pesquisa do Núcleo de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (Nupri/USP). Segundo essa pesquisa — para a qual foram entrevistadas, entre julho e outubro do ano passado, 829 personalidades influentes de países latino-americanos —, nada menos que 79% dos empresários aprovam a

IMUNE, MAS NEM TANTO
Os sinais de recessão afetaram a popularidade do presidente

RICARDO STUCKERT/PR

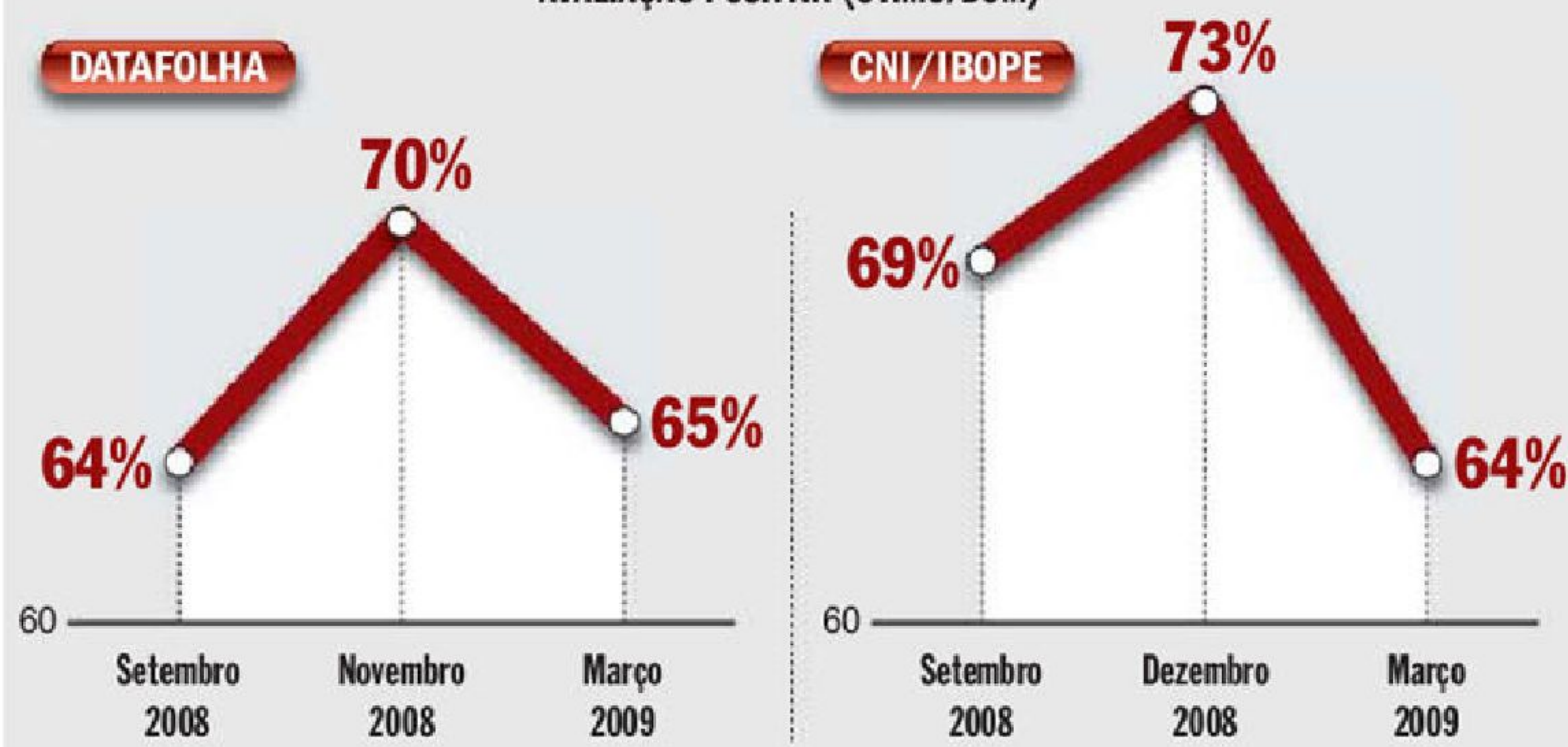
EFEITO DA CRISE A popularidade do governo Lula caiu em duas pesquisas de opinião divulgadas na semana passada

AVALIAÇÃO POSITIVA (ÓTIMO/BOM)

DATAFOLHA

Setembro 2008	Novembro 2008	Março 2009
64%	70%	65%

CNI/IBOPE

Setembro 2008	Dezembro 2008	Março 2009
69%	73%	64%

COMO PENSAM REPRESENTANTES DO GOVERNO E EMPRESÁRIOS

Um estudo do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da USP revela as opiniões das elites econômicas e políticas de países latino-americanos sobre democracia e economia

Fonte: *Nupri/Fapesp/Finep*
As entrevistas foram feitas entre os meses de julho e outubro de 2008

BRASIL
VENEZUELA
ARGENTINA
CHILE

NSO DAS ELITES

administração Lula. É uma aprovação, ainda assim, reticente. Apenas 30% deles acham que o governo está conseguindo resolver os problemas do país. Deixando de lado o aspecto circunstancial, os dados também indicam que há, no Brasil, maior convergência de ideias entre empresários e representantes do governo do que em países como a Venezuela e o Chile. Por que isso é relevante? Em uma democracia, é saudável o governo agir sempre atento às concepções da elite — aquela parcela da sociedade formada por empresários, líderes políticos, sindicalistas, intelectuais e representantes da sociedade civil. Quando um governo atua sozinho, sem dar ouvidos aos que formam o setor produtivo e pensante, o resultado é um país instável politicamente e, em geral, ameaçado pelo autoritarismo.

O alto grau de convergência entre empresariado e governo não quer dizer, é claro, que um país está necessariamente no rumo certo. Um exemplo é a Argentina, onde 22% dos empresários entendem que é papel do governo limitar o enriquecimento dos poderosos. Isso indica que o empresariado argentino continua à vontade com a tradição peronista do país, perpetuada pela administração de Cristina Kirchner. No Brasil, apenas 7% dos homens de negócio concordam com essa atribuição populista do estado, contra 26% dos representantes do governo Lula. Essa e outras questões demonstram que, tanto política como economicamente, os empresários brasileiros têm uma visão de mundo mais moderna do que os burocratas de Brasília. Eles valorizam elementos da democracia como o respeito às leis e a liberdade de expressão e são menos favoráveis à interferência do estado na economia. "Os empresários, no entanto, não podem estar muito à frente do sistema político porque precisam se adaptar ao meio em que atuam", diz o cientista político Alberto Carlos Almeida, do Instituto Análise.

Quase a metade dos empresários brasileiros se disse favorável ao aumento dos gastos públicos. Uma contradição, porque o inchaço da máquina pública eleva as despesas com custeio, suga os recursos da sociedade e reduz o dinheiro que sobra para fazer investimentos. Como consequência, as oportunidades de negócio diminuem. Uma possível explicação para essa opinião é o período em que as entrevistas foram feitas: exatamente no início da crise que atualmente se abate sobre as nações. Com ela, ressurgiu com força a ideia de que o estado deve estar mais presente na economia. Outra razão é o cacoete histórico de parte dos empresários de agarrar-se ao estado. Entende-se: até vinte anos atrás, o Brasil era uma economia fechada, com leis que engessavam o empreendedorismo, para benefício de alguns poucos. "Mas está havendo uma mudança de mentalidade: os empresários mais jovens esperam menos do governo, comparados com os mais velhos", diz a socióloga Ana Maria Kirschner, da Universidade Federal Fluminense.

Na Venezuela, a distância entre a visão defendida pelo governo e a defendida pelos empresários foi a mais acentuada dos países pesquisados. Parece óbvio em um país em que o presidente, Hugo Chávez, considera confiscos e expropriações medidas corriqueiras. No Chile, um país com uma economia e um sistema político consistentes, as diferenças de opinião entre empresários e representantes do governo podem ser interpretadas como uma peculiaridade histórica. O empresariado chileno tem ainda vivas na memória as desastrosas políticas socialistas adotadas na década de 70. Daí o rechaço total a posturas populistas, como a de achar que o papel do governo é proteger os pobres. Nos temas essenciais à vocação exportadora do Chile, no entanto, governo e empresários convergem. Lá, nem mesmo as crises conseguem abalar os pilares sobre os quais o país está sendo construído. ■

Invasão do MST

Protesto contra Hugo Chávez

Beneficiária do Bolsa Família

Cristina Kirchner

VALORIZAM O RESPEITO ÀS LEIS COMO ESSENCIAL À DEMOCRACIA		VALORIZAM A LIBERDADE DE EXPRESSÃO		ENTENDEM QUE É PAPEL DO GOVERNO PROTEGER OS MAIS POBRES		DEFENDEM A EXPANSÃO DOS GASTOS PÚBLICOS	
REPRESENTANTES DO GOVERNO	EMPRESÁRIOS	REPRESENTANTES DO GOVERNO	EMPRESÁRIOS	REPRESENTANTES DO GOVERNO	EMPRESÁRIOS	REPRESENTANTES DO GOVERNO	EMPRESÁRIOS
19%	35%	27%	39%	26%	7%	66%	46%
9%	56%	9%	32%	52%	36%	87%	33%
40%	36%	20%	36%	41%	22%	50%	41%
25%	46%	22%	35%	34%	3%	62%	27%

FOTOS JF DIORIO/AE, CHICO SÁNCHEZ/EFE E FERNANDO DONASCI/FOLHA IMAGEM

VIOLADAS E FERIDA

A maioria dos molestadores sexuais de crianças tem a confiança das vítimas: são seus pais, padrastos ou parentes

LAURA DINIZ E LEONARDO COUTINHO

A família e a própria casa são a maior proteção que uma criança pode ter contra os perigos do mundo. É nesse ninho de amor, atenção e resguardo que ela ganha confiança para lançar-se sozinha, na idade adulta, à grande aventura da vida. Mas nem todas as crianças com família e quatro paredes sólidas em seu redor são felizes. Em vez de contarem com o amor de adultos responsáveis, elas sofrem estupros e carícias obscenas. Em lugar do cuidado que a sua fragilidade física e emocional requer, elas são confrontadas com surras e violência psicológica para que fiquem caladas e continuem a ser violadas por seus algozes impunes. No vasto cardápio de vilezas que um ser humano é capaz de perpetrar contra um semelhante, o abuso sexual de meninas e meninos é dos mais abjetos — em especial quando é cometido por familiares. Para nosso horror, essa é uma situação mais comum do que a imaginação ousa conceber. Estima-se que, no Brasil, a cada dia, 165 crianças ou adolescentes sejam vítimas de abuso sexual. A esmagadora maioria deles, dentro de seus lares.

A frequência intolerável com que esse tipo de crime ocorre no país ficou

PEDRO RUBENS

S. DENTRO DE CASA

evidente com a divulgação do caso da menina G.M.B.S., engravidada pelo padrasto aos 9 anos de idade, em Pernambuco. Sua mãe decidiu que ela, grávida de gêmeos, deveria ser submetida a um aborto. Quando, há três semanas, G. chegou ao hospital carregando uma sacola de brinquedos, os médicos encarregados do procedimento ficaram atônitos: não tinham ideia da quantidade de medicamentos que deveriam usar numa gestante tão diminuta — G. mede 1,36 metro e pesava então 33 quilos. "Nunca havíamos atendido uma criança tão pequena", disse o médico Sérgio Cabral. O caso de G. chamou atenção por causa da polêmica sobre o aborto a que, no fim, ela se submeteu, amparada pela lei que autoriza a intervenção nas situações em que a mãe corre risco de vida. Já a gravidez de G., e mesmo a situação que resultou nela, causa menos escândalo no país do que deveria.

As notificações vêm aumentando exponencialmente nos últimos anos graças, em boa parte, à internet. A popularização da rede mudou radicalmente tanto a prática da pedofilia quanto o seu combate. Ela estimulou a propagação desse crime ao facilitar a troca de material pornográfico infantil e aproximar os predadores de suas vítimas potenciais — inocentemente expostas em sites de relacionamento. Além disso, deu aos criminosos voz e uma certa sensação de "legitimidade", como explica a advogada Maíra de Paula Barreto. Em sua dissertação de mestrado sobre o assunto, ela cita um trecho do estudo das psicólogas italianas Anna Oliverio Ferraris e Barbara Graziosi: "Se antes o pedófilo cultivava sua perversão na solidão, hoje tem a possibilidade de conectar-se com outros como ele, de sentir-se apoiado e legitimado em seus desejos". Até o ano passado, era comum encontrar no Orkut comunidades com títulos tão ostensivos como "Sou pedófilo". Dirigida àqueles "que gostam mesmo é das meninas novinhas, sem rugas e com nenhuma experiência", ela abrigava dezenas de participantes que faziam relatos de suas "experiências" e trocavam informações sobre suas relações com crianças com a naturalidade dos que compartilham receitas de doces. Esse tipo de comunidade não deixou de existir, mas já não se apresenta de forma tão escancarada. Vem disfarçada sob siglas como "pthc" — ou "preteen hardcore" ("pornografia explícita com pré-adolescentes"). Isso porque, se a rede ajudou a propagar o crime, também aumentou a visibilidade dos criminosos — bem como a sua punição. De 2006 a 2008, a SaferNet Brasil, ONG destinada a combater a pedofilia na internet, recebeu denúncias sobre 109 000 páginas eletrônicas com conteúdo pornográfico infantil. As que revelavam indícios de crime foram encaminhadas ao Ministério Público e à Polícia Federal.

ALEXANDRO AULER/JC IMAGEM

O CASO DE G. *Nove anos de idade, 1,36 metro de altura, 33 quilos e uma gravidez de gêmeos depois de três anos de abuso pelo padrasto*

Do ponto de vista médico, a pedofilia é um distúrbio psicossexual — para que alguém seja considerado pedófilo, basta que sinta desejo sexual por crianças e nutra fantasias constantes com elas. Já a lei só considera criminoso aquele que, da fantasia, parte para a ação. Em 2003, com a adoção do Disque-Denúncia de Abuso e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes, o problema entrou na agenda do governo federal e passou a ser enfrentado com a ajuda das leis de combate ao turismo sexual. O Congresso se dispôs a tratar do tema no mesmo período, com a instauração da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Exploração Sexual. A CPI da Pedofilia foi instalada em 2008, como consequência da Operação Carrossel 1, da Polícia Federal, que desbaratou uma rede de pedófilos na internet. O fato de a quase totalidade das iniciativas voltadas para o combate a esse crime ser muito recente ajuda a explicar a sobrevivência de hábitos monstruosos em algumas regiões brasileiras. Em sua dissertação, a advogada Maíra Barreto lembra que, em determinadas comunidades ribeirinhas da Amazônia, o costume de um pai iniciar sexualmente suas filhas menores é aceitável. Essa combinação de incesto e pedofilia pode explicar, inclusive, a origem de uma lenda regional: a do boto que, em noites de lua cheia, se transforma em homem e engravida as virgens incautas.

Muitos pesquisadores acreditam que o mito do boto serviria para encobrir os responsáveis por muitas das gestações infantis que ocorrem na região. "Grande parte dos 'filhos de boto' é fruto de incesto", diz a estudiosa. Em relação ao total de nascimentos regis-

“Acho que nunca vou superar”

“Lembro do cheiro do protetor solar que ele usava. Não suporto senti-lo até hoje. Eu tinha 9 anos e treinava natação com ele. Ele passava a mão e o pênis no meu corpo, depois tremia, e eu achava que estava nervoso — não sabia que era uma ejaculação. Demorei a entender o que tinha acontecido, mas aquilo me afetou de várias maneiras. Já mais velha, via minhas amigas tendo todo tipo de experiência, mas eu não tinha coragem nem de beijar um menino — qualquer contato me deixava travada. Tive síndrome do pânico, tomo antidepressivos e tenho medo do escuro até hoje, porque em uma das vezes ele me molestou num quarto escuro. No ano passado, quando o reencontrei no fórum, senti um medo tão grande que não conseguia parar de chorar. Se eu dissesse que é um assunto resolvido, estaria mentindo. Acho que nunca vou superar. É como se fosse uma cicatriz na minha alma.” **Joanna Maranhão,** **21 anos,** *nadadora (Recife-PE)*

trados no país entre 2003 e 2006, a porcentagem de crianças nascidas de mães com idade até 14 anos é de 1,47% no Norte. É o mais alto índice entre as regiões do país. Também é sobretudo nessa parte do Brasil, em localidades como a Ilha de Carapajó, no Pará, que a prática do incesto com meninas é vista como uma “tradição”. “Costuma-se dizer que ‘quem planta a bananeira tem direito a comer o primeiro fruto’”, explica Maria do Carmo Modesto, líder religiosa que coordena trabalhos sociais na região. “Os pais se julgam donos do corpo das filhas, e até quem não concorda com isso não fala nada nem reage”, diz. Já no interior do Nordeste, não é incomum que os “coronéis” das pequenas localidades recrutem crianças para satisfazer seus desejos bestiais. Uma vergonha.

Vergonha é também a palavra exata para definir o que aconteceu em Catanduva, em São Paulo, o estado mais desenvolvido da federação. Em dezembro passado, a polícia e o Ministério Público da cidade receberam denúncias de

TRAUMA
Joanna Maranhão, vítima de abuso aos 9 anos: “É uma cicatriz na alma”

LEO CALDAS/TITULAR

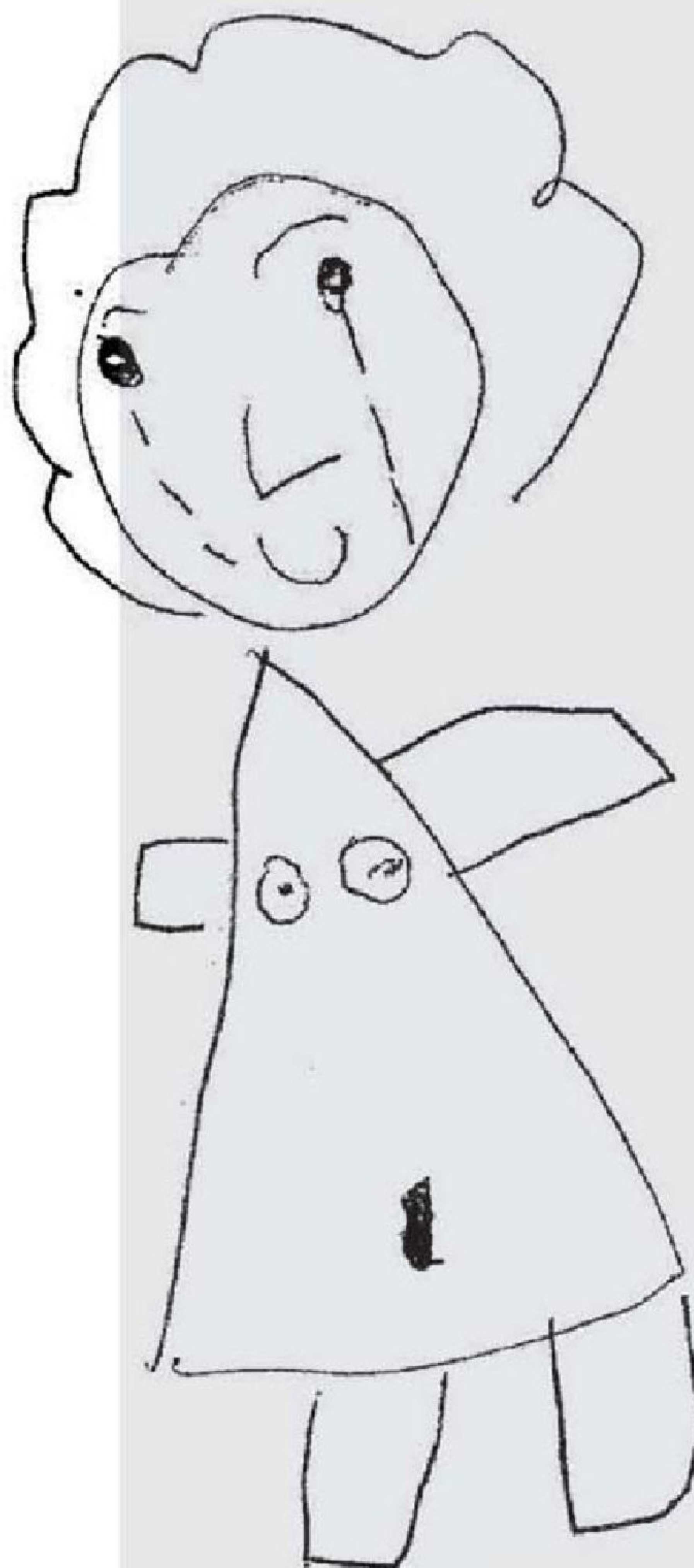
MANOEL MARQUES

MEDO
A dona-de-casa cujo filho foi molestado pelo professor: "Não confio mais em ninguém"

"Soube do meu filho pelo Orkut"

"Um dia, abri o Orkut do meu filho, que tinha 10 anos. Fiquei cega quando vi o e-mail de um homem que dava a entender que tinha feito o pior com ele. Conversamos, ele chorou e contou que o professor de informática havia feito sexo oral nele e tentado beijá-lo. Senti ódio. Registrei queixa na polícia e ele teve de fazer exame de corpo de delito. Foi horrível, nunca vou esquecer a cena: meu filho deitado em posição ginecológica para a perícia. Ele me odiou por fazê-lo passar por aquele constrangimento. Depois disso tudo, ficou agressivo. Começou a mexer com as meninas na escola e fazer brincadeiras bobas com os meninos. Acho que aquilo mexeu com a sua sexualidade. Não tenho mais coragem de ficar longe dele e dos meus outros filhos, nem de deixá-los com ninguém. Perdi a confiança em todo mundo." **R.S.B.S.,** 33 anos, *dona-de-casa (São Paulo-SP)*

mães afirmando que seus filhos foram abusados pelo borracheiro José Barra Nova de Mello, de 46 anos, conhecido como Zé da Pipa. As crianças ouvidas pela polícia relataram que eram obrigadas a assistir a filmes pornográficos e vê-lo nu. Algumas sofreram abusos corporais. Na casa do suspeito, foram encontradas dezenas de fotos e vídeos pornográficos, inclusive com Zé da Pipa como protagonista. Durante a investigação, descobriu-se que William Mello de Souza, de 19 anos, sobrinho de Zé da Pipa, e dois menores participavam do esquema de aliciamento. Os dois maiores foram presos e os menores, mandados para a Fundação Casa, antiga Febem. Todos foram denunciados pelo Ministério Público e a investigação, encerrada.

Inconformadas com a superficialidade do processo, as mães das crianças abusadas procuraram a Justiça para informar que havia muitos outros suspeitos, além dos quatro detidos. No novo inquérito, aberto por ordem judicial, as crianças identificaram — por meio de fotos e das casas onde os abusos ocor-

CHORO
Desenho feito por Y., de 9 anos, vítima do padrasto. Destaque para os genitais é forma de apontar o incômodo

DUPLA DOR
Quando T. contou à mãe que o padrasto abusou dela, ouviu que, "se durou tanto, ela devia estar gostando"

RENATO VELASCO

"Ele me levou para o quarto e me estuprou"

"Quando eu tinha 9 anos e estava vendo TV, meu padrasto começou a passar as mãos na minha perna. Pedi para ele parar, mas ele me levou para o quarto à força, tirou a minha roupa e me estuprou. Quando acabou, disse que, se eu contasse para a minha mãe, ele a mataria e mataria também o meu irmão, filho deles. Fez isso comigo quase todos os dias, enquanto minha mãe trabalhava. Quando falei que ia contar, ele me deu um soco, me bateu com o cinto e disse à minha mãe que eu era malcriada. Ela me deu outra surra. Ele só parou quando eu fiquei menstruada, aos 13 anos. Contei para minha mãe aos 16, quando eles já estavam separados. Ela disse que, se durou tanto tempo, era porque eu devia estar gostando. Mas, depois de falar com ele, ela passou a acreditar em mim. Agora, é meu irmão que sempre volta triste quando vai visitá-lo. Eu pergunto por que e ele não responde." **T.S.,**
17 anos, *estudante (Vitória-ES)*

reram — mais dois suspeitos, um médico e um empresário, e mencionaram a existência de outros quatro. Ou seja, cidadãos de classe média alta. Foi nesse momento que ocorreu uma "trapalhada" da polícia que pode comprometer todas as provas da investigação. Sem mandado judicial de busca e apreensão para vasculhar a casa do médico acusado, a delegada Rosana Vanni ligou para o advogado dele e pediu autorização para entrar. Quando chegou lá, todos os acessórios do computador estavam ligados, mas a CPU, peça que guarda a memória, havia desaparecido. A delegada avisou o suspeito de que ele corria riscos e, assim, lhe deu chance de sumir com as provas do crime.

Promotores do Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco) de São José do Rio Preto, que abrange a região de Catanduva, avaliam que a investigação poderia ter sido conduzida de maneira menos traumática para as vítimas. Diz o promotor João Santa Terra Junior, do Gaeco: "As crianças não deveriam ter sofrido tanto". A suspeita, hoje, é que a rede de pedofilia na cidade do interior paulista era composta de, pelo menos, dez pessoas — que abusaram de cerca de quarenta crianças, de 5 a 12 anos. "As investigações não acabaram, e os números podem aumentar", afirma Santa Terra Junior.

Representantes da CPI da Pedofilia e da Polícia Federal foram a Catanduva para colher informações e tentar descobrir se a rede local tinha ramificações em São José do Rio Preto, São Paulo e Rondônia. Os parlamentares ouviram depoimentos de suspeitos e familiares das vítimas, que falaram com o rosto coberto por máscara, para preservar a identidade das crianças. Apenas depois da pressão feita pela CPI, a prefeitura da cidade anunciou que montaria uma força-tarefa de psicólogos e assistentes sociais para dar apoio às vítimas e suas famílias.

Em geral, as vítimas de abuso sexual demoram a falar sobre o assunto ou jamais o fazem. Os motivos são vários: temem que seus familiares não acreditem na história, sentem vergonha do que aconteceu, têm medo do abusador e se sentem culpadas pela violência que sofrem. Mesmo quando o caso vai parar nos tribunais, é comum que as

SILVA JUNIOR/FOLHA IMAGEM

CATANDUVA *Mãe de vítima da rede de pedófilos descoberta no interior de São Paulo depõe na CPI da Pedofilia com o rosto encoberto para não ser reconhecida*

crianças tenham dificuldade para falar sobre o que as vitimou. Por isso, o Rio Grande do Sul montou uma estrutura que permite o chamado "depoimento sem dano". Lá, as vítimas de pedofilia depõem em ambiente com decoração infantil, diante de uma psicóloga ou assistente social. Juízes, promotores e advogados ficam em uma sala à parte, assistindo à conversa por meio de um circuito de câmeras. "Além de ser menos fustigante para a criança, ajuda a extrair depoimentos mais sinceros", diz o juiz José Antonio Daltoé, da 2ª Vara de Infância e da Juventude de Porto Alegre. Em São Paulo, o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, responsável pela elaboração de avaliações psicológicas de crianças suspeitas de abuso sexual, estimula os pequenos pacientes a participar de brincadeiras e a fazer desenhos que possam ajudar nas análises *(são de alguns deles os desenhos que ilustram esta reportagem)*. Nesses rabiscos, é comum as crianças abusadas destacarem os próprios genitais ou os de integrantes da família. "Isso pode indicar uma curiosidade exacerbada pelo sexo, um comportamento erotizado ou ser uma forma de expressar aquilo que as incomoda ou que foi violado", explica o psicólogo Antonio Serafim. Quando conseguem descrever verbalmente os abusos, seus depoimentos impressionam pela crueza. Três exemplos:

■ "Meu pai me pegava com força, segurava meus braços e tapava minha boca. Depois colocava uma coisa dura em mim. Ele me molhava com uma coisa quente." M., de 8 anos.

■ "Ele me deu bombons e me levou para o terreno da casa dele. Tirou minha roupa de baixo e colocou o pipiu dele. Doeu muito, eu chorei e ele deu bombons de novo." C., de 7 anos, abusada pelo vizinho.

■ "Quando minha mãe não estava em casa, ele tirava minha roupa de baixo, passava a mão e me abraçava apertado. Passava a mão nos meus peitos e ameaçava bater em mim se eu contasse para alguém." R., de 9 anos, abusada pelo padrasto.

A tristemente famosa menina G., que está em um abrigo do governo de Pernambuco desde que saiu do hospital, até

DENÚNCIA
C.,7 anos, violentado pelo pai, retrata a si e aos pais: de novo, o desenho chama a atenção para os genitais

hoje não falou sobre os estupros a que foi submetida por três anos. A psicólogos e assistentes sociais que a acompanham, ela também não dá indícios de saber que passou por uma gravidez e um aborto. Quando estava ainda em Alagoinha, sua cidade natal, e a gestação deu os primeiros sinais, sua mãe pensou que se tratasse de uma verminose. Mesmo depois de descoberta a gravidez, manteve a versão diante da filha: dizia a ela que os enjoos que sentia se deviam à ação de parasitas. "G. se comporta como se nada tivesse acontecido. Com o tempo, vai ter de começar a lidar com os fatos, mas só o desenvolvimento dela determinará como e quando", diz a coordenadora do abrigo, que, por questões de segurança, não pode ter a identidade revelada.

Terapia, acolhimento familiar e o afastamento do agressor são os elementos que ajudam a criança vítima de abuso sexual a recompor os laços de confiança que se romperam com a violência. A convalescença de uma ferida psíquica na criança pode durar meses ou anos. Mas as cicatrizes deixadas pela traição e pela humilhação infligidas por aqueles que deveriam protegê-la, essas ficam para sempre. ■

MENOS DANO
No Rio Grande do Sul, tribunal tem sala especial para tomar depoimento de crianças vítimas de pedofilia

MIRIAN FICHTNER

SAKCHAI LALIT/AP

CAÇA GLOBAL
Canadense é preso na Tailândia por abuso de menino de 13 anos

CRIME E POLÍCIA SEM FRONTEIRAS

Em 2007, a Polícia Federal deflagrou a primeira grande operação de combate à pedofilia na internet originada no Brasil, a Carrossel 1. Depois de rastrear por seis meses a troca de arquivos pornográficos na rede, a PF obteve 103 mandados de busca e apreensão em catorze estados, mais o Distrito Federal. Um sucesso em termos de alcance e um fiasco do ponto de vista do número de presos: apenas três. Isso ocorreu porque, até então, só se podia prender em flagrante quem estivesse enviando ou recebendo arquivos ilegais no momento em que fosse abordado pela polícia. A posse de material pornográfico infantil não era crime. Hoje é. Além disso, as penas para quem produz, distribui, arquiva e vende material ilegal podem ser aplicadas de forma cumulativa: quem alicia uma criança para participar de um vídeo pornográfico, produz, guarda e vende o material, por exemplo, pode pegar de 20 a 40 anos de prisão. A Carrossel 1 coletou informações sobre criminosos de 78 países e contou com a ajuda da Interpol – a rede policial internacional, que também atuou no caso do canadense Christopher Paul Neil, fotografado abusando de crianças e preso pela polícia tailandesa em 2007.

SOB A PROTEÇÃO DA BATINA

Nos Estados Unidos, a punição à pedofilia está seguindo uma tendência já consolidada nos casos de estupro: a predominância dos processos cíveis. Em vez de levar o assunto aos tribunais criminais, as vítimas de abuso estão entrando com ações pedindo reparação em dinheiro pelo dano sofrido. Há duas razões para isso. A primeira é que, nos processos cíveis, as vítimas precisam se expor menos do que nos criminais. A segunda é que a maioria das vítimas só ganha consciência dos abusos ocorridos na infância na idade adulta, quando o crime já prescreveu. Nos últimos cinquenta anos, apenas 10% dos padres acusados de abusos sexuais foram condenados. A maioria, como o padre Paul Shanley, que em 2005 pegou doze anos de cadeia, só pode ser julgada porque alguns estados americanos estenderam os prazos de prescrição. Ainda assim, continua sendo mais fácil processar as instituições responsáveis por permitir os abusos, o que pode ser feito a qualquer momento. Por isso, a Igreja Católica tornou-se a campeã de processos por pedofilia nos Estados Unidos. Em dezembro do ano passado, uma diocese do estado de Vermont foi condenada a pagar 3,6 milhões de dólares para David Navari. Na década de 70, quando era coroinha, Navari foi violentado duas vezes por um padre da diocese de Burlington, cujos superiores sabiam da propensão à pedofilia do religioso. No início de 2008, o mesmo tribunal condenou a diocese a pagar 8,7 milhões de dólares de indenização a outro ex-coroinha. Em ambos os casos, a Igreja não conseguiu fechar um acordo financeiro para que as vítimas desistissem do processo. Um relatório sobre pedofilia divulgado neste mês pela Igreja Católica americana mostra que, nos últimos cinquenta anos, a instituição já pagou 2,6 bilhões de dólares em acordos, honorários de advogados e outros custos relacionados à negligência com que tratou os abusos sexuais cometidos por alguns de seus integrantes. Para pagar a conta, ela está tendo de vender propriedades e sacrificar suas poupanças. Não há indícios de que a proporção de pedófilos na Igreja seja maior do que no resto da população. Mas fica claro que, pelo número de denúncias, a postura da instituição, de acobertar os casos de abuso, bem como a excessiva confiança depositada nos clérigos pelos pais das crianças, facilitou enormemente a ocorrência dos crimes. **DIOGO SCHELP**

CHARLES KRUPA/REUTERS

CONDENADO *Doze anos de cadeia para o padre Shanley*

ÁREA PROIBIDA
Em seu autorretrato, a menina P., de 6 anos, rabiscou a área genital para expressar a violência cometida pelo pai

NARCISISMO CRUEL

Austríaco que manteve a filha durante 24 anos como escrava sexual em porão é condenado à prisão perpétua

Um tribunal austríaco condenou, na quinta-feira passada, à prisão perpétua o engenheiro aposentado Josef Fritzl, de 73 anos — "o monstro do porão", como ficou conhecido em seu país. A pena de Fritzl é fruto de seis crimes: homicídio, escravidão, estupro, cárcere privado, coação grave e incesto. Durante mais de duas décadas, entre 1984 e 2008, Fritzl manteve sua filha Elisabeth, hoje com 42 anos, confinada em um bunker sem luz natural e sem ar fresco construído no porão de sua casa. Lá, ele a estuprou mais de 3000 vezes e a obrigou a dar à luz sete crianças, frutos do incesto, sem nenhum acompanhamento médico. As condições horripilantes em que ocorriam os partos fizeram com que um dos bebês nascesse doente. Como Fritzl se negou a socorrê-lo, o menino morreu. A certa altura, por falta de espaço no cárcere subterrâneo, o pai/avô resolveu levar três dos filhos para a parte de cima da casa, onde vivia com a mulher, Rosemarie. Ela acreditou — ou fingiu ter acreditado — na história do marido de que Elisabeth havia fugido de casa para abrigar-se em uma seita religiosa e entregara seus filhos para que os avós cuidassem deles.

O que levou Fritzl a construir uma espécie de sepultura de segurança máxima, dotada de porta blindada automática e paredes reforçadas, com a intenção premeditada de enterrar viva a própria filha e transformá-la em sua escrava sexual? Elisabeth tinha 18 anos quando foi aprisionada pelo pai. Ela diz ter sido abusada sexualmente por Fritzl pela primeira vez aos 11 anos. Durante a adolescência, tentou fugir de casa duas vezes, para escapar do assédio paterno. Fritzl a aprisionou porque, em sua sanha tirana, não podia aceitar a possibilidade de perder o domínio sobre a filha. No julgamento da semana passada, o júri e o réu assistiram a um vídeo de onze horas em que Elizabeth conta em detalhes os horrores vividos nos 24 anos de cativeiro. Soube-se depois que ela também compareceu ao tribunal, para assistir à reação do pai ao seu depoimento. O advogado de Fritzl disse que os olhos dos dois se cruzaram apenas uma vez. Elisabeth manifestou por escrito o desejo de que seu pai e algoz passe o resto dos seus dias atrás das grades.

A personalidade de Fritzl foi classificada como altamente anormal, caracterizada por uma mistura de narcisismo, instabilidade emocional e desvio grave de preferência sexual. Ele cumprirá a pena em um manicômio judicial. Mas, segundo o testemunho dos psiquiatras que o avaliaram, Fritzl tinha total consciência dos seus atos — tanto que os manteve, sistematicamente, ao longo de 24 anos. Durante os dias do julgamento, no entanto, pouca atenção foi dispensada à única pessoa que de fato poderia ter impedido os crimes de Fritzl: sua mulher, Rosemarie. Na Áustria, estima-se que 90% das mães finjam não ver os abusos cometidos pelo marido ou parceiro contra seus filhos. A negligência de Rosemarie, no entanto, não deixa de ser surpreendente: Fritzl já havia sido condenado por estupro em 1967. Ela não só manteve o relacionamento depois disso como permanece casada com ele até hoje. Terminado o julgamento, Rosemarie finalmente anunciou a intenção de se divorciar de Fritzl. ■ **DIOGO SCHELP**

MONSTRO DO PORÃO

Fritzl no tribunal, na semana passada. Depois de assistir ao depoimento da filha, ele confessou todos os crimes

ROBERT JAEGER/AP

TROLLER NOVO TROLLER T4 2009. DESAFIO VIROU DIVERSÃO.

SCORE 500
RINGS 36
X 5

www.troller.com.br
0800 703 3673
Troller T4 com IPI Reduzido.

Troller, uma divisão da Ford Motor Company Brasil.

CLODOVIL NA LENTE DA VERDADE

O estilista e apresentador de televisão Clodovil Hernandes, quarto deputado mais votado do país nas últimas eleições, morreu na terça-feira da semana passada, vítima de um acidente vascular cerebral (AVC), aos 71 anos. Ele foi internado no Hospital Santa Lúcia, em Brasília, depois que assessores o encontraram inconsciente no chão do apartamento funcional em que morava. Seus últimos quatro anos foram difíceis: Clodovil sofreu de câncer na próstata, teve uma embolia pulmonar e um primeiro AVC, do qual escapou por pouco. Mesmo alquebrado pelos problemas de saúde, desde que chegou à Câmara, em 2007, embalado por quase meio milhão de votos, o deputado fez o que se esperava dele: envolveu-se em muita polêmica. Chamou uma colega de "feia" e disse que "as mulheres hoje são ordinárias, trabalham deitadas e descansam em pé". Em julho do ano passado, Clodovil conversou com o repórter **Diego Escosteguy**, de VEJA, em seu extravagante gabinete na Câmara. A entrevista que se segue, extraída dessa conversa, é um bom retrato de quem era Clodovil — e do que ele pensava. Foi como se o deputado estivesse no quadro A Lente da Verdade, de um de seus programas de televisão.

O senhor gosta de Brasília? É uma cidade que sempre buscou o glamour, mas nunca encontrou. Brasília foi maltratada desde o início, nasceu apanhando. Quem construiu Brasília foi Juscelino *(Kubitschek, ex-presidente)*, mas quem deu os acabamentos foram os primos do demônio: uma gente que fez uns acabamentos de quinta. Em compensação, os empreiteiros, que manipularam as obras, estão riquíssimos.

O senhor fez amizades na Câmara? Não. A maioria só aparece quando precisa de alguma coisa. O Arlindo Chinaglia me ligou uma vez. Falou horas a respeito das qualidades dele, todo pomposo, mas não prestei atenção. Ainda mais porque sei que ele é da turma da Marta Suplicy. Essa eu conheço desde menina. Ela é uma pendurada na influência do ex-marido. Uma pessoa que não muda o sobrenome para explorar a influência do ex-marido é o fim do mundo.

O senhor acha a Câmara malcuidada? Está tudo caindo aos pedaços, velho, cheio de ácaros. Por isso não costumo sair do gabinete. Só saio quando tenho de ir ao plenário votar. Várias pessoas vêm conhecer o meu gabinete. É o mais visitado da Câmara. Você pode até não gostar de branco, mas não pode dizer que o gabinete seja de mau gosto.

É possível resgatar a ética da Câmara? E o brasileiro tem ética, por acaso? A Câmara é o reflexo do Brasil. O problema é que o brasileiro se vende barato. É só o político dar uma cesta básica que ganha o voto. Isso acontece no país inteiro, é uma tradição que vem dos índios. Eles se vendiam por colares e espelhinhos. Esse processo continua igual na escolha das pessoas que vão comandar o país. Elas vêm para Brasília e saem gordas de tanto mamar na vaca profana.

Quem é a vaca profana? É o país, claro. A verdade é que a maioria dos brasileiros não gosta de trabalhar. Quer um emprego para ficar encostado, e só. Gente desse tipo é que é conivente com as poucas-vergonhas, com os Duda Mendonça. Nosso país se fez dessa maneira: de degredados, de índios de má qualidade... Ou as pessoas acordam ou o país vai para o caos.

Por que o senhor entrou na política? Eu não vim para Brasília porque quis. Foi o universo que me mandou, por uma razão que ainda não sei. Meses antes da

DIDA SAMPAIO/AE

PONDO BRASÍLIA DE PERNAS PARA O AR

"A verdade é que a maioria dos brasileiros não gosta de trabalhar. Quer um emprego para ficar encostado, e só"

campanha, quando descobri que estava com câncer, tive um insight. Sonhei com o prefeito de Ubatuba, um sujeito de péssima qualidade. Ele estava com as mãos nos quadris e me disse: "Você quer poder, então vire deputado federal". Não sei por que sonhei com ele. São histórias mirabolantes da minha vida. No dia seguinte ao insight, fui fazer um exame e descobri que meu câncer, que era do tamanho de uma moeda, estava do tamanho de um grão de arroz. Ninguém pôde explicar como diminuiu. Operei depois de uma semana. E eis que apareceu um senhor no hospital e me convidou para ser deputado. Era o Ciro Moura, presidente do PTC. Aceitei na hora.

Um sinal do universo? Evidentemente. Por que aquele senhor apareceu justamente naquela hora? Nós recebemos recados todos os dias. Mas esse cidadão tinha intenções que eu não sabia. Ele queria usar meu nome para dar prestígio ao partidinho dele. Queria me explorar, usar meu nome para eleger outros deputados. Ainda bem que só um entrou pendurado em mim, como suplente. O universo é sábio. A verdade é que os partidos nanicos são desonestos, vivem de sugar dinheiro público. Mudei de partido e eles me processaram. Mas o fato é que os votos foram para mim — não para o partido.

O senhor teve 494 000 votos. O que explica essa votação expressiva? Dizem que a população votou em mim como uma forma de contestação. Na verdade, não foi. Meu voto veio da mãe de família, que induziu o filho e o esposo a votar em mim. Tenho uma história que ilustra bem isso. Quando eu era candidato, dois assaltantes invadiram minha casa. Eu estava pintando de cueca, e de cueca continuei. Eles pediram dinheiro, mas, quando descobriram quem eu era e ouviram um pito, saíram rastejando da minha casa, pedindo desculpas. No dia seguinte, a mãe de um deles me ligou para me agradecer por ter dado aquela lição. E me contou que os dezesseis votos da família dela seriam para mim. Isso não é voto de protesto. É voto de quem acredita nos meus valores.

O senhor venceu um câncer de próstata e sobreviveu sem sequelas a um derrame... Sofri muito com o câncer, mas foi algo que eu mesmo causei. Acho que aquilo aconteceu como uma forma de eu tentar me redimir da minha homossexualidade. Quando o médico me ligou para me informar que eu estava com câncer, fiquei aliviado. Dei graças a Deus.

Por quê? Imagine se fosse aids. Eu poderia ter infectado muita gente. Mas paguei um preço alto pelo câncer. Fiquei impotente. O que eu posso fazer? Nada. Nem tudo pode ser uma maravilha. Às vezes consigo ter um orgasmo seco. Mas tem de haver uma ligação espiritual com o parceiro.

Por que o senhor não apresentou nenhum projeto defendendo o direito dos homossexuais? Deus me livre. Quais direitos? Direito de promover passeata gay? Não tenho orgulho de transar com homem. O primeiro homem que vi transando com outro foi meu pai — era o meu tio, irmão da minha mãe. Eu tinha 13 anos. Foi num domingo, depois da missa. Sentei no chão e pensei: meu Deus, minha mãe não é amada por ninguém. Meu pai nunca soube que eu vi. Quando ele me perguntou, dois anos depois, se eu era gay, não respondi. Nunca mais se falou sobre isso lá em casa. Mas eu poderia ter dito o diabo para ele. ■

Treinando para quando crescer

Em sua segunda incursão como modelo da grife infantil da tia Solange, **SASHA MENEGHEL SZAFIR**, 10 anos, a filha de todo mundo sabe quem, posou para o catálogo da marca e caprichou, principalmente, no olhar. "Minha mãe disse que o olho explica tudo", informa. Nas fotos, Sasha teve a companhia de seus próprios bichos de estimação: uma cacatua *(a Kaka da foto)*, dois cachorros e dois papagaios. Passou a tarde inteira no estúdio da sua casa, na Barra da Tijuca, e, sim, se cansou: "No final, queria tirar logo a maquiagem e o penteado para dormir". Mesmo assim, confessa: tem vontade de ser modelo — "uma vontadona".

BRUNO CASTAING

Uma explosão de cor local

Em sua primeira visita à África, o papa **BENTO XVI** desembarcou em Camarões condenando o uso de preservativos contra a aids (até aí, nada de novo) e criticando a excessiva cor local que os africanos dão ao catolicismo. Não foi indireta, mas podia ser, à formidável cor local ao seu lado: **CHANTAL**, a mulher do presidente eterno **PAUL BIYA**, há 27 anos no poder. Alta e vistosa, Chantal, 38, é 38 anos mais nova que o marido, sobre quem, comenta-se à boca pequena, exerce influência proporcional à altura. Para receber Bento XVI, mandou confeccionar um chapéu decorado com cruzes. Já nas demais missas, liberou a cabeleira cor de fogo.

ALESSANDRO BIANCHI/REUTERS

De novo no batente

Afastada da TV há dois anos, **SILVIA POPPOVIC**, 53, anuncia que voltou para ficar. Na segunda-feira, 23, estreia *Boa Tarde* na Rede Bandeirantes, um programa diário e ao vivo que mistura notícias e debates. A volta se deu de um jeito inusitado. "Eu estava em uma competição hípica e encontrei, por acaso, o Johnny Saad, presidente da Band. Enquanto conversávamos, uma senhora se aproximou e disse a ele que não se conformava em me ver fora da televisão", conta Silvia. "Na hora recebi convite para uma conversa." Para o retorno, Silvia encurtou os cabelos e emagreceu 7 quilos — "que nem devem aparecer. Sou rolicinha mesmo", conforma-se.

LAILSON SANTOS

CHRISTOPHE SIMON/AFP

Senhor rico encontra senhora rica

O perfil do casal é tão apropriado que até espanta: **CARLOS SLIM**, 69 anos, viúvo, multimilionário mexicano, e a rainha **NOOR** da Jordânia, 57 anos, viúva, nascida nos Estados Unidos e muito bem de vida, estão namorando, e já faz um ano. Nem um nem outro confirma, nem há fotos dos dois juntos, mas os inevitáveis "amigos do casal" garantem que os dois vivem viajando em jatinho particular — recentemente passaram um fim de semana num resort de luxo na República Dominicana. Curiosidade: em fevereiro de 1999, quando nem se conheciam, Noor perdeu o marido, o rei Hussein, no dia 7; Slim perdeu a mulher, Soumaya, mãe de seus seis filhos, no dia seguinte.

SIPA PRESS

FELIPE COURZO/REUTERS

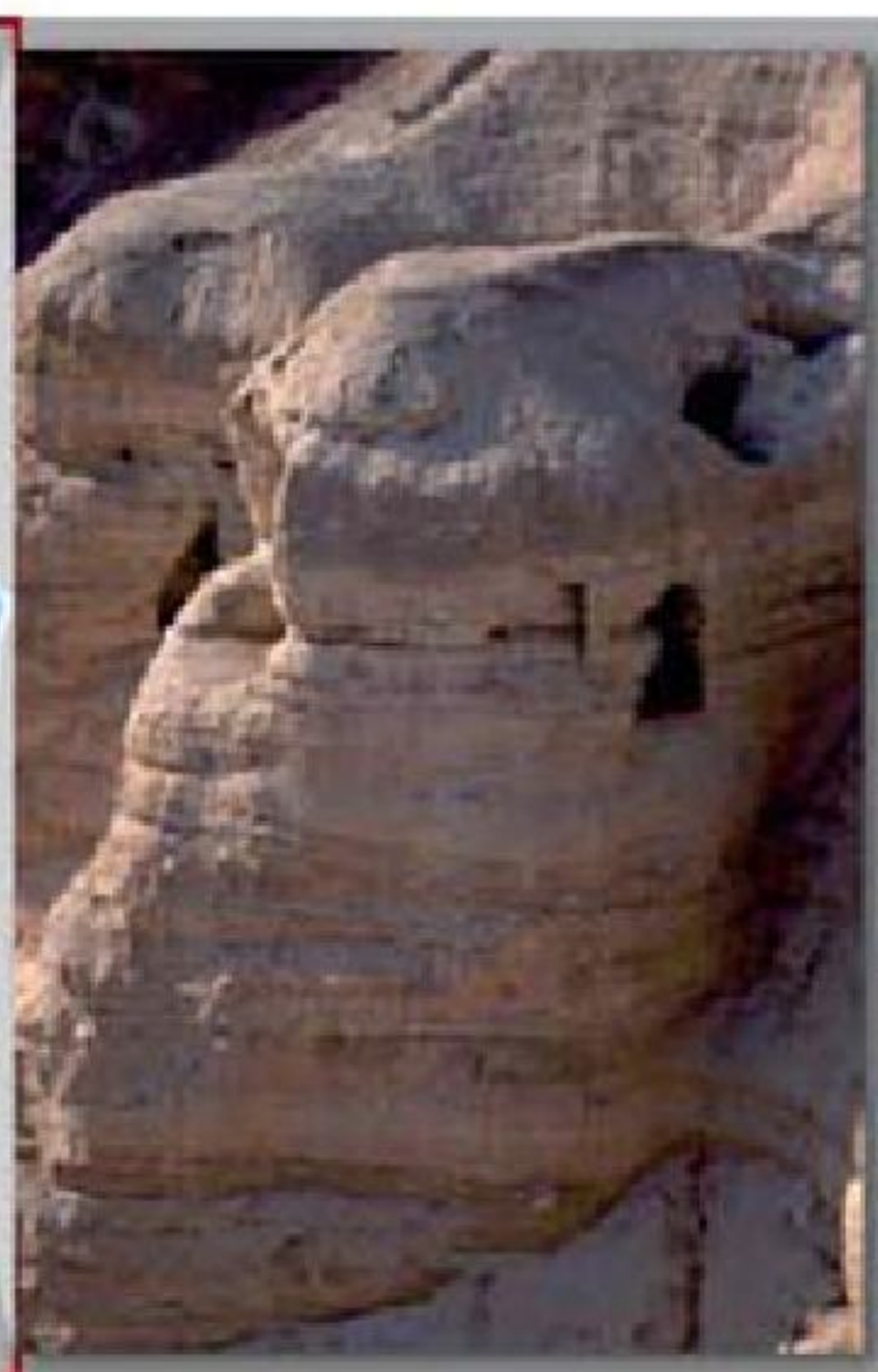
Com Jesus no calçadão

Ser o suposto affair do suposto affair de Madonna não quer dizer nada, mas dá ibope. Flagrada dançando agarradinha numa festa e, no dia seguinte, caminhando na orla com o modelo **JESUS LUZ** — o acompanhante carioca da cantora, que atualmente anda solto no Rio de Janeiro —, a colega modelo **LUCIANA COSTA**, 31 anos, tornou-se instantaneamente alvo preferencial dos tabloides. Aqui, ela relata a experiência:

O QUE ACONTECEU ENTRE VOCÊS DOIS? Fui à festa, dançamos muito, caminhamos na praia no dia seguinte. Só posso falar isso. Espero que as fotos não atrapalhem a carreira dele lá fora.
COMO VOCÊS SE CONHECERAM? Trabalho como modelo de lingerie e em eventos promocionais. Conheci o Jesus nesse meio, há dois anos. É uma pessoa linda por fora e por dentro.
DISSERAM QUE O APARTAMENTO DA FESTA FOI ALUGADO POR MADONNA PARA JESUS. É ISSO MESMO? Nada! A festa foi na casa de uma amiga e reuniu umas trinta pessoas. Não era gente badalada — estavam lá a mãe, as primas dele. Acho que a Madonna nem tinha conhecimento.
VOCÊ JÁ SE IMAGINOU NUMA DISPUTA COM MADONNA? Disputar homem com a Madonna? Estou fora! É entrar para perder.
E O ASSÉDIO INTERNACIONAL, COMO ANDA? Primeiro ligou um jornalista do *The Sun* que falava português. Hoje recebi telefonema de outro jornal inglês, ao qual passei o telefone da minha assessora de imprensa, porque não entendi nada do que falaram.
VOCÊ TEM ASSESSORIA DE IMPRENSA? Logo que as fotos foram publicadas, uma pessoa me procurou e se ofereceu para fazer esse trabalho. Ah, esqueci de contar: também já fiz ensaio sensual e posei nua para uma revista masculina.

GIL RODRIGUES/RIO NEWS

CISJORDÂNIA
Ramallah
Jericó
Jerusalém
Belém
Hebron
ISRAEL
Mar Morto
Local onde foram encontrados os manuscritos

HANAN ISACHAR/LATIN STOCK

AS CAVERNAS DE QUMRAN *Pesquisadora com um fragmento dos manuscritos e o local onde foram encontrados, no deserto*

RICHARD T. NOWITZ/LATINSTOCK

BUSCA PELO AUTOR

Historiadora israelense rejeita a versão de que os essênios escreveram os Manuscritos do Mar Morto. Para ela, a seita de judeus ascetas nem sequer existiu

Entre os 930 textos encontrados por um pastor beduíno nas cavernas de Qumran, no deserto da Judeia, em 1947, estão a versão mais antiga do Velho Testamento (completa, com a exceção do Livro de Ester) e uma variedade de comentários místicos. Conhecido como Manuscritos do Mar Morto e datados de 250 a.C. ao ano 65, o material tem ajudado a entender melhor o judaísmo do passado e as origens do cristianismo, o que faz dele um dos principais achados arqueológicos do século XX. Em parte já reconstituídos e publicados, os manuscritos são objeto de discórdias e acalorados debates acadêmicos. A maioria dos estudiosos acredita que foram produzidos por membros de uma seita de judeus ascéticos, chamados essênios. Uns poucos acham que os essênios nada têm a ver com o assunto, e há quem diga que a seita jamais viveu no deserto. A israelense Rachel Elior, professora de misticismo judaico na Universidade Hebraica de Jerusalém, surge agora com uma explicação radical: ela diz que os essênios jamais existiram.

Depois de dedicar uma década ao estudo dos manuscritos, Elior, que é uma respeitada historiadora, concluiu que os textos pertenciam a um clã de sacerdotes conhecidos como saduceus, e que os essênios não passam de uma ficção literária criada pelo historiador judeu Flávio Josefo, que viveu em Roma no século I. Ela argumenta que a versão fantasiosa foi acatada como verdade desde então, mas que não há uma só menção aos próprios essênios nos manuscritos: "Ao contrário, os autores identificam-se claramente como sacerdotes, filhos de Zadoque". Os saduceus foram banidos de Jerusalém no século II a.C., e Elior acredita que os manuscritos são parte da biblioteca do templo levada por eles para um esconderijo seguro no deserto. Descrições dos essênios feitas por antigos gregos e romanos afirmam que havia milhares deles vivendo em comunidade e que evitavam o sexo. Isso chama atenção, pois ia contra a exortação bíblica de "crescei e multiplicai-vos", respeitadíssima no judaísmo. "Não faz sentido milhares de pessoas terem vivido em desacordo com a lei religiosa e não haver menção alguma a elas em textos ou fontes judaicas do período", argumenta Elior. Os detalhes de sua teoria estarão no livro *Memory and Oblivion* (Memória e Esquecimento, em tradução livre), que será publicado no próximo mês.

"Quase tudo já foi sugerido para explicar a identidade dos autores dos manuscritos e dos antigos habitantes da região de Qumran, mas esta é a primeira vez que alguém afirma que os essênios são uma mera ficção literária", disse a VEJA o historiador israelense Steve Fassberg, diretor do Centro Órion de Estudos dos Manuscritos do Mar Morto, da Universidade Hebraica de Jerusalém, que discorda da tese da colega. Elior não cede aos críticos. "A maioria de meus oponentes só leu Josefo e outras referências clássicas sobre os essênios", diz. "Deveriam ler os Manuscritos do Mar Morto. Neles está a prova." ■

THOMAZ FAVARO

MUDANÇA ATROPELADA

Protesto dos pilotos de Fórmula 1 derruba novo critério para definir o campeão da temporada

Na semana passada, a dez dias do início do campeonato de Fórmula 1 deste ano, a Federação Internacional de Automobilismo (FIA) criou uma tremenda confusão e despertou a ira dos pilotos ao emitir uma inesperada resolução. Nela, a entidade mudava as regras da competição, estabelecendo que, dali em diante, o campeão seria o piloto que colecionasse o maior número de vitórias nas provas da temporada. Pelo regulamento em vigor, leva a taça quem soma mais pontos ao longo do campeonato. A justificativa da FIA para a mudança é que ela tornaria as provas mais emocionantes, já que os pilotos buscariam a vitória a qualquer custo — hoje, a regularidade ao longo da temporada é considerada a melhor estratégia para ganhar campeonatos.

A resolução da FIA, divulgada na terça-feira, levantou um coro de protestos. Os pilotos consideraram a mudança equivocada e, sobretudo, precipitada. O heptacampeão Michael Schumacher, que, embora não corra mais, permanece como consultor da Ferrari, reclamou: "Fiquei espantado com o fato de as regras terem mudado a poucos dias do início da temporada e, além do mais, não vejo sentido em que o campeão tenha menos pontos do que o segundo colocado". O brasileiro Rubens Barrichello considerou as novas regras injustas. O bicampeão espanhol Fernando Alonso disse não entender a mudança e reclamou que a FIA não mantém diálogo com os pilotos. Diante do clamor dos astros da categoria, na sexta-feira a FIA decidiu voltar atrás e anunciou que a nova regra para a escolha do campeão só valerá a partir de 2010. Para a temporada deste ano, que terá início no próximo domingo, 29, em Melbourne, na Austrália, vale a regra atual, baseada nas pontuações.

Desde que a Fórmula 1 foi constituída nos moldes atuais, em 1950, nunca um campeão foi definido pela quantidade de vitórias. O critério sempre foi o da soma de pontos. Na regra que a FIA pretende implantar a partir do ano que vem, o sistema de pontuação permanece para as demais colocações no campeonato, do segundo ao último lugar, e para desempate, no caso de dois pilotos vencerem o mesmo número de provas. **EDUARDO LOPES**

FOTOS MARK THOMPSON E KER ROBERTSON-GETTY IMAGES

AS REGRAS PARA 2010

A partir do ano que vem, ganhará o campeonato o piloto que vencer mais corridas na temporada. Pela regra atual, leva a taça quem somar mais pontos. O sistema de pontuação por corrida permanecerá para as demais colocações no campeonato — do segundo ao último lugar — e para desempate no caso de dois pilotos vencerem o mesmo número de provas. A pontuação também continuará a valer no Mundial de Construtores

A HISTÓRIA REESCRITA

Se as novas regras da Fórmula 1 estivessem em vigor na temporada do ano passado, Felipe Massa (seis vitórias) seria o campeão no lugar de Lewis Hamilton (cinco vitórias). Em toda a história da Fórmula 1, doze campeonatos apresentariam resultado diferente

TEMPORADAS QUE TERIAM OUTROS VENCEDORES	
1958	Stirling Moss no lugar de Mike Hawthorn
1964	Jim Clark no lugar de John Surtees
1967	Jim Clark no lugar de Denny Hulme
1977	Mario Andretti no lugar de Niki Lauda
1979	Alan Jones no lugar de Jody Scheckter
1982	John Watson no lugar de Keke Rosberg
1983	**Alain Prost** no lugar de Nelson Piquet
1984	Alain Prost no lugar de Niki Lauda
1986	**Nigel Mansell** no lugar de Alain Prost
1987	Nigel Mansell no lugar de Nelson Piquet
1989	**Ayrton Senna** no lugar de Alain Prost
2008	**Felipe Massa** no lugar de Lewis Hamilton

O ARQUITETO DO IMPOSSÍVEL

Escolhido para ser coordenador-geral do complexo (memorial, museu e prédios comerciais) que ocupará o lugar do World Trade Center, em Nova York, o arquiteto polonês-americano Daniel Libeskind, 62 anos, foi professor universitário até que se inscreveu no primeiro concurso — o projeto do Museu de Berlim — em 1989, ganhou e não parou mais, seja de concorrer, seja de vencer competições. Hoje, ao lado de Frank Gehry, Rem Koolhaas e Zaha Hadid, é considerado um dos expoentes da chamada nova arquitetura, que se caracteriza por subverter formas estabelecidas. "Por alguma razão, todos os prédios que eu faço criam algum tipo de controvérsia. Não sei por quê. Mesmo quando faço uma casinha, ela provoca debates", brinca Libeskind, que falou, de Nova York, à editora assistente Bel Moherdaui, dias antes de embarcar para o 7º Fórum Internacional de Arquitetura e Construção em São Paulo

MARCO ZERO O novo projeto é uma responsabilidade imensa. É preciso ter fé e paciência. Fizemos muito progresso, diante de tantas controvérsias iniciais. Mas é uma maratona de muito esforço.

AS DORES DO SÍNDICO Acho que ninguém tinha a real dimensão da complexidade do projeto. É bem mais fácil quando há um governo totalitário por trás, decidindo como vai ser e funcionar o prédio. Nós temos justamente o contrário, um consórcio muito democrático. Precisamos lidar com a política, com emoções, com as complexidades da cidade de Nova York, o prefeito, o governador, as famílias das vítimas, os investidores. É complicado, mas, ao mesmo tempo, estimulante.

EFEITOS DA CRISE É claro que, de alguma forma, o novo Marco Zero, um empreendimento muito complexo e de longo prazo, está sendo afetado pelo que acontece ao seu redor. Mas a ideia principal, não: o fato de que não é um lugar qualquer, mas uma construção cheia de simbologias e que será espetacular. Acho que a crise vai atrasar um pouco a construção, por exemplo, dos prédios comerciais grandes.

MERCADO IMOBILIÁRIO Temos tido bastante sorte e até recebido novos investimentos. Nesta crise os investidores e construtores estão dispensando

FOTOS MICHAEL KLINKHAMER E GETTY IMAGES

POESIA CONCRETA *Na prancheta de Libeskind, a coordenação do projeto do Marco Zero, em Nova York* (acima), *e os recortes do Museu de Berlim*

BITTER BREDT

os projetos comuns e mantendo os que são importantes e fazem diferença. Não é hora de abandonar ambições, mas de realizar projetos audaciosos. Falta dinheiro para projetos sem graça, mas sempre haverá necessidade de abrigar as pessoas, criar cidades e lugares bonitos, e essa necessidade crescerá.

ESTILO PRÓPRIO Faço algo que não é apenas mais do mesmo, não segue um estilo, não pretende deixar as pessoas simplesmente acomodadas, mas provocar opiniões. Não gosto de imparcialidade. Meus projetos sempre provocam emoções. É uma arquitetura que não é fria, indiferente. Não é uma continuidade do cinza, mas uma nova cor, uma nova experiência. A arquitetura, como a arte, deve provocar reações sinceras, e não só uma anestesia comercial.

NOVO E ANTIGO Todos os prédios que projetei foram construídos. Dizer que os meus projetos são "inconstruíveis" é um clichê que as pessoas adotam por achar que arquitetura é coisa pronta, acabada. Não é. Eu parto de uma outra ideia sobre o que é possível construir. No meu trabalho, respondo às complexidades da vida e crio espaços que são novos, mas ao mesmo tempo estão conectados a uma tradição, que têm embutida uma verdadeira compreensão do passado. É assim que há oportunidade de abrir um novo caminho.

REI DOS CONCURSOS Ganhar um concurso pode ser muito fácil, mas muitas vezes não leva a lugar algum. O que vem depois é que importa, como você construirá o que propôs. Meu primeiro prédio, o Museu Judaico de Berlim, demorou quase treze anos para ficar pronto. Ele expressa a tragédia do passado e a esperança no futuro. Nas paredes não fiz janelas, mas recortes que remetem, de uma forma muito especial, ao que havia ao redor desse prédio na velha Berlim, que foi destruída. São como traços invisíveis do passado projetados dentro do prédio. Por sua vez, o visitante, do lado de dentro, pode se comunicar por esses ângulos especiais com os lugares onde os judeus alemães viviam antes de a tragédia ser iniciada.

PROCESSO CRIATIVO Trabalho de forma muito tradicional. É até poética. Não gosto simplesmente de sentar com o equipamento e a equipe. Preciso ser movido por algo fantástico. Preciso desenvolver, com desenhos e modelos simples, ideias bem complexas. E obviamente é necessario contar com equipes ótimas no mundo todo, mas muito depende do meu esforço pessoal. É como escrever um poema ou compor uma música. Pode acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar, até num pedaço de guardanapo.

LIMITES Todo projeto tem suas restrições. O preço, a localização, a proposta. Não é uma fantasia. E esse limite dá força criativa, é a moldura que fornece a tensão necessária.

RECONSTRUIR, NUNCA Na arquitetura, não é possível voltar no tempo, e ele é muito determinante no resultado final do projeto. Por isso é importante pensar bastante antes. É impossível refazer. Você pode reescrever um livro, talvez refazer um filme, até a música dá para transformar. Mas a arquitetura, como custa muito dinheiro e demanda o esforço de muita gente, não.

PASSADO MUSICAL Vim para os Estados Unidos com minha família, aos 13 anos, por causa da minha habilidade para tocar acordeão. Ia seguir carreira musical, mas preferi outro caminho. Mais do que eu, minha mulher lamenta o fato de eu ter trocado a música pela arquitetura. Ela acha a vida de músico calma, bonita. Provavelmente eu não precisaria viajar tanto, trabalhar tanto.

ARQUITETURA E ARTE Arquitetura é uma arte cívica. Uma arte pública. Não é para galerias, para ser admirada em privado, ou para ser arquivada e guardada. Ela é parte da consciência coletiva. E a arquitetura está fundada no desenho. O desenho é a forma mais antiga e mais direta de comunicação entre o olho, a mão e o coração. É insubstituível.

TECNOLOGIA Eu não uso computador. Aliás, raramente uso iPod ou telefone. ■

O NOVO SALTO DO iPHONE

A Apple anuncia o lançamento da versão 3.0 para o sistema operacional do seu celular e acirra a guerra com suas concorrentes

AVANÇOS *Scott Forstall, vice-presidente da Apple, em evento na semana passada: o iPhone, ainda mais simples de usar*

PAUL SAKUMA/AP

A Apple anunciou, na semana passada, o lançamento de uma nova versão do sistema operacional do iPhone, hoje o carro-chefe da empresa e um fenômeno mundial de vendas. O novo software, batizado de OS 3.0, poderá ser baixado da internet a partir do segundo semestre por quem possui o celular. Ele traz avanços significativos em relação à versão atual e resolve algumas de suas fragilidades. Um novo recurso, por exemplo, avisa quando qualquer mensagem é enviada ao aparelho. Antes, era preciso abrir os programas para checar. Parece um detalhe, mas significará uma economia de até 60% na bateria. Outra melhoria está na possibilidade de usar o aparelho na posição horizontal para quase todas as funções que ele oferece, o que até agora ficava restrito a poucos aplicativos. Algumas das funções acrescentadas pela Apple a esta versão do sistema operacional — fato raro — já estavam disponíveis em outros smartphones. É o caso de um recurso que permite copiar e colar um texto em diferentes arquivos e de outro que possibilita o envio de mensagens com áudio, vídeo e foto. No conjunto, as mudanças tornaram ainda mais fácil e intuitivo o uso do iPhone — uma de suas características essenciais.

O simples anúncio da Apple já fez a concorrência se mexer. "Mesmo que certos pontos fracos persistam, como o fato de não se poder usar o chip do iPhone em outros aparelhos ou ampliar sua memória, as empresas sempre se apavoram quando a Apple surge com uma novidade", resume o consultor americano Tim Bajarin, especializado em tecnologia. Vem sendo assim desde 2007, quando o iPhone apareceu trazendo ao mundo dos smartphones um novo conceito de touch screen, em que os comandos são dados com um toque na tela. O desafio das empresas, a partir daí, passou a ser conseguir incorporar tal tecnologia, mas com preços mais baixos. A Nokia, líder do mercado, que começou a perder terreno para a Apple, lançou em outubro seu primeiro modelo touch screen, que custará no Brasil 12% menos que o iPhone. A BlackBerry, segunda no ranking, conseguiu aumentar em 70% sua participação no mercado. O aparelho sempre foi voltado aos executivos e centrado em tarefas como a troca de e-mails — mas agora traz também câmera fotográfica com foco automático e funções como gravação de vídeos e GPS. Neste ano, a venda de smartphones deve crescer 35%, enquanto a previsão é que a dos celulares comuns caia 10%. Um bom motivo para as empresas apostarem as fichas nessa guerra. ■

O AVANÇO DA APPLE

O sistema operacional utilizado no iPhone foi o que mais ganhou mercado no último ano. A comparação com os outros sistemas:

	symbian	RIM RESEARCH IN MOTION	Windows Mobile	iPHONE OS	Linux	OUTROS
APARELHOS NOS QUAIS É USADO	Nokia	BlackBerry	Motorola, Samsung e LG, entre outros	iPhone	Motorola e Philips, entre outros	
PARTICIPAÇÃO NO MERCADO EM 2007	63,5%	9,5%	12%	2,7%	9,5%	2,8%
PARTICIPAÇÃO NO MERCADO EM 2008	52,5%	16,5%	12%	8,2%	8%	2,8%
QUANTO VARIOU	–17%	+ 74%	—	+204%	–16%	—

Fontes: *Gartner e Teleco*

Maílson da Nóbrega

Um novo capitalismo (ou mais do mesmo)

Em janeiro passado, líderes políticos, intelectuais e especialistas de variada origem se reuniram em Paris no simpósio "Novo mundo, novo capitalismo", coliderado pelo ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair e pelo presidente francês Nicolas Sarkozy. O objetivo foi discutir a crise financeira, avaliar o capitalismo e a globalização e explorar caminhos para reformar o sistema financeiro.

O simpósio inspirou o indiano Amartya Sen, prêmio Nobel de Economia de 1998, a escrever instigante artigo sobre a evolução do capitalismo. Para ele, a crise não requer um "novo capitalismo", mas a reinterpretação de velhas ideias e instituições para produzir um mundo mais decente. O texto está em www.nybooks.com/articles/22490.

O termo "capitalismo" não foi inventado por Adam Smith, como se pensa. A ele coube a primazia de teorizar sobre a economia de mercado, assinalando o papel da moral e das liberdades individuais na construção de uma sociedade próspera. O termo teria sido utilizado pela primeira vez por Karl Marx para descrever pejorativamente a "elite da sociedade burguesa", que possuía e controlava os "recursos de capital da sociedade".

"Não há alternativa ao sistema capitalista. Nenhum outro libera tanto as energias produtivas da sociedade nem o supera na geração de renda, emprego e bem-estar"

Formas primitivas de capitalismo já existiam nas civilizações do Crescente Fértil, dos fenícios e dos impérios teocráticos fundamentados na agricultura. O Velho Testamento fala no mercado de escravos (a venda de José a mercadores egípcios). No Novo Testamento, Cristo expulsa os vendilhões do templo, indignado com o uso da casa de Deus para a compra e venda de mercadorias (o capitalismo da época).

O que Smith detectou e Marx condenou foi a novidade surgida de transformações institucionais como a Revolução Gloriosa inglesa de 1688: o sistema capitalista sustentado por instituições. A lei prevalece sobre o arbítrio dos reis. Direitos de propriedade e respeito aos contratos são garantidos por um Judiciário independente.

Além do impulso que recebeu de tais mudanças, o capitalismo foi também turbinado por outras transformações criadoras de incentivos para o investimento e os negócios. Incertezas viraram riscos, que podem ser calculados. A ciência e a tecnologia avançaram com a queda de dogmas religiosos. A criação da polícia, começando na Inglaterra, aumentou a segurança. Os holandeses e os ingleses inventaram o atual sistema financeiro, que viabilizou a Revolução Industrial.

Estado e mercado são os irmãos siameses do capitalismo moderno. A partir do século XIX, essa convivência se acentuou com o advento da democracia, da regulação e da intervenção estatal para corrigir falhas de mercado. A aceitação dos resultados do capitalismo demandou políticas públicas para assegurar o acesso dos pobres à educação, à saúde e a uma renda mínima. O bem-estar geral se ampliou.

É pura parvoíce, pois, explicar a crise por um suposto afastamento do estado de seu papel na economia. Perdem tempo os segmentos da esquerda que prognosticam o retorno da intervenção estatal de outros tempos. A não ser por equívoco, não há como ressuscitar o controle de capitais, a estatização de serviços de infraestrutura, os tabelamentos e outras ações estatais cujo fracasso determinou seu sepultamento.

Os debates em curso dizem respeito a uma nova regulação do sistema financeiro, de modo a coibir práticas que levaram à crise. O objetivo é restituir ou reforçar a função essencial do sistema, que é direcionar os recursos da sociedade aos fins mais produtivos. Buscar-se-á evitar regulação castradora do processo de inovação.

Não há alternativa ao sistema capitalista. Nenhum outro libera tanto as energias produtivas da sociedade nem o supera na geração de renda, emprego e bem-estar. Que o digam Cuba e Coreia do Norte. Ao longo do tempo, o capitalismo mostrou capacidade de aprender lições, de se reinventar, de superar crises e de sobreviver aos seus críticos, principalmente Marx e seus seguidores.

Sejam quais forem as mudanças para regular o sistema financeiro e criar "um mundo mais decente", a natureza do sistema econômico não mudará. A ideia é renovar o capitalismo, e não trazer de volta o que não deu certo, menos ainda o socialismo ou sua versão bufa, a da Venezuela de Chávez.

MAÍLSON DA NÓBREGA
é economista

SEM SOFRIMENTO
Na segunda tentativa de fertilização com a nova técnica, Nancy engravidou de Camila

FABIANO ACCORSI

COMO FUNCIONA A MATURAÇÃO OVULAR EM LABORATÓRIO

Fonte: *Alfonso Massaguer, ginecologista e obstetra do Huntington Centro de Medicina Reprodutiva*

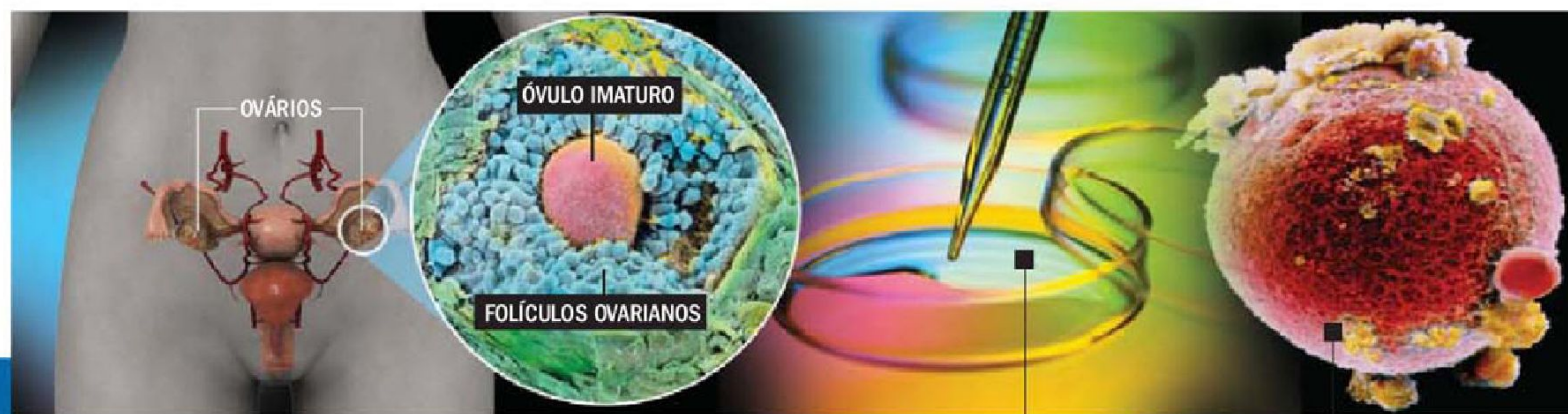
SEM MEDO DE SER FELIZ

Uma técnica permite a maturação dos óvulos em laboratório e livra as mulheres dos penosos efeitos adversos dos tratamentos tradicionais para engravidar

ADRIANA DIAS LOPES

A cada ano, 500 000 mulheres no mundo, 25 000 delas no Brasil, submetem-se a tratamentos de fertilidade. E, dessas, quase a metade se vê obrigada a passar pela estimulação ovariana. Do ponto de vista físico e emocional, trata-se de uma das etapas mais desgastantes de todo o processo. Durante dez dias, as pacientes recebem doses elevadíssimas de hormônios de modo a intensificar a produção de óvulos e, com isso, aumentar as chances de gravidez. Nenhuma delas passa incólume por esse bombardeio hormonal. Nos casos mais leves, elas são acometidas por alterações de humor, inchaço e dores abdominais. Nos mais graves, podem ser vítimas de trombose, infarto e derrame. Mas se está disseminando nas clínicas brasileiras uma técnica que livra as mulheres dos efeitos colaterais das injeções de hormônio. Batizado de IVM (sigla em inglês para maturação in vitro), o procedimento consiste em fazer com que os óvulos se desenvolvam em laboratório. Colhidos ainda imaturos nos ovários, eles são mergulhados em um meio de cultura durante dois dias, para depois ser fertilizados em um tubo de ensaio.

Quando a IVM começou a ser estudada, no início dos anos 90, a chance de uma mulher engravidar por esse método girava em torno dos 10%. Hoje, a probabilidade de sucesso é quase o triplo. Esse aumento é consequência do aprimoramento dos meios de cultura usados para o amadurecimento dos óvulos em laboratório. Compostas de sais minerais e do hormônio FSH, indispensável para a maturação ovular, tais soluções proporcionam um ambiente semelhante ao do organismo feminino. Mesmo assim se está longe do ideal. "Nós conhecemos os principais componentes dessa cultura", diz o ginecologista Alfonso Massaguer, do Huntington Centro de Medicina Reprodutiva. "Mas ainda não conseguimos determinar com precisão as quantidades necessárias para reproduzir à perfeição as condições dos ovários maternos." Por isso, os índices de sucesso obtidos com a IVM são inferiores aos da estimulação ovariana *(veja quadro na pág. 106)*.

Para além de ser menos penosa, a maturação in vitro tem em seu favor o fato de não ter contraindicação, ao contrário da técnica tradicional. Entre as portadoras da síndrome do ovário policístico (distúrbio que provoca constantes alterações no ciclo de ovulação e dificulta a fecundação natural), a estimulação ovariana pode produzir um número enorme de óvulos, o que agrava ainda mais os efeitos colaterais do tratamento. Para as vítimas de câncer de mama, útero ou ovário, que querem congelar seus óvulos antes da quimioterapia, a estimulação ovariana pode fazer com que o tumor se alastre. Há ainda outro aspecto: embora muitos médicos garantam que pacientes com histórico familiar desses tumores não correm risco, é temerário receitar-lhes doses elevadas de hormônios. O estrógeno, por exemplo, que faz parte do

FOTOS SPL/ LATINSTOCK/

Os óvulos imaturos ficam dentro dos folículos ovarianos, espécie de bolsas d'água que lhes servem de proteção. Eles são aspirados por volta do décimo dia depois do início da menstruação — cinco dias antes de amadurecerem por completo — por uma agulha de 3 milímetros de diâmetro, acoplada à cânula de um aparelho de ultrassom transvaginal

Em laboratório, eles são mergulhados em um **composto** que mistura sais minerais à versão sintética do hormônio FSH, imprescindível para a maturação ovular

O amadurecimento ocorre em até dois dias. Apenas metade do material colhido se converte em **óvulos** maduros

Dá-se início ao processo de fertilização in vitro, seguido pelo implante do embrião no útero

A MATEMÁTICA DA OVULAÇÃO

A mulher nasce, em média, com 500 000 óvulos imaturos

A partir da primeira menstruação, todos os meses, **1000 óvulos imaturos** respondem ao estímulo hormonal e começam a amadurecer

Apenas **1 deles** se converte em óvulo pronto para ser fecundado. Os outros morrem e são descartados na menstruação

As técnicas de maturação ovular permitem a produção de, em média, **15 óvulos** a cada mês

Laboratório de medicina reprodutiva: fertilização in vitro

SPL/LATINSTOCK

coquetel pró-gravidez, serve de combustível para o surgimento e a proliferação de células cancerosas.

O desconforto e os problemas causados pela estimulação ovariana ocorrem basicamente por dois motivos. O primeiro refere-se a uma questão meramente de espaço. A mulher foi programada para produzir apenas um óvulo por mês. Com a estimulação artificial, o organismo fabrica, em média, quinze óvulos. Para abrigar todos eles, é natural que os ovários aumentem de tamanho. Com isso, os vasos sanguíneos ao redor de tais órgãos acabam espremidos, o que provoca inchaço e dor abdominais. O grande temor, contudo, refere-se ao risco de trombose, infarto e derrame. A elevação nos níveis de estrógeno favorece a formação de coágulos e aumenta a probabilidade de entupimento das artérias coronárias e cerebrais.

Aos 30 anos, Nancy Rezende e o marido, Geraldo, descobriram que não seriam pais sem ajuda médica. Em 2006, o casal fez a primeira tentativa de fertilização in vitro com estimulação ovariana. Durante o tratamento, Nancy teve dores fortíssimas no abdômen e sofreu oscilações drásticas de humor. Mesmo com todo esse tormento, ela não engravidou. O médico sugeriu, então, a IVM. A gravidez se concretizou na segunda tentativa. A filha dos Rezende, a simpática Camila, hoje com 7 meses, é uma das cinco crianças brasileiras a nascer a partir de um óvulo maturado em laboratório. "Agora, não me assusta mais a ideia de fazer tratamento para ter filhos", diz Nancy. Ela quer mais um no ano que vem. ■

AS DIFERENÇAS ENTRE AS DUAS TÉCNICAS DE MATURAÇÃO OVULAR

TÉCNICA	INDICAÇÃO	EFEITOS COLATERAIS	CUSTO	TAXA DE SUCESSO Aos 35 anos	TAXA DE SUCESSO Aos 40 anos
FERTILIZAÇÃO IN VITRO POR ESTIMULAÇÃO OVARIANA	Mulheres com obstrução em pelo menos uma das trompas ou cujo parceiro produz espermatozoides em baixa quantidade ou de má qualidade	Alteração de humor, inchaço, dor abdominal e risco de trombose, infarto e derrame	15 000 reais por tentativa	55%	20%
FERTILIZAÇÃO IN VITRO POR MATURAÇÃO DOS ÓVULOS EM LABORATÓRIO	Todas acima e também para as mulheres que não podem passar por tratamentos hormonais, como as portadoras de ovários policísticos e câncer	Não há	8 000 reais por tentativa	25%	10%

Praticagem em Santos representa apenas 0,07% das despesas do exportador.

A Praticagem é fator preponderante para que os navios que transportam as cargas entrem e saiam dos portos com segurança. Os preços cobrados pelos serviços de praticagem resultam de livre negociação com os usuários do serviço e são compatíveis com os valores dos congêneres internacionais. Trata-se de uma atividade exercida com reconhecida eficiência pela comunidade marítima, essencial para a segurança da vida humana, das comunidades, do porto, das embarcações e do meio-ambiente e que representa apenas 0,07% das despesas do exportador. Mais informações estão no site **www.santospilots.com.br/sala_imprensa.html**

O prático é um profissional altamente qualificado, sem vínculos empregatícios de qualquer espécie, não recebendo, portanto, vencimento ou salário. No Brasil, a exemplo do que ocorre na maioria dos portos do mundo, esse serviço é prestado por meio de sociedades uniprofissionais, formadas pelos práticos na qualidade de associados, que são responsáveis por toda a infraestrutura necessária. As exigências para o exercício da profissão incluem proficiência no idioma inglês, conhecimento em navegação, além de formação superior e disputa acirrada em processo seletivo conduzido pela Autoridade Marítima Brasileira (Marinha do Brasil) e que se destina à habilitação de Práticos, e não à sua contratação. Por força de acordos internacionais dos quais o Brasil é signatário, a cada cinco anos os práticos são submetidos a curso de reciclagem, para renovação de seus certificados.

A atividade de praticagem consiste, basicamente, na assessoria aos Comandantes e no gerenciamento de riscos, sendo essencial à segurança da navegação, por ocasião da chegada e saída dos navios nos portos. No exercício de suas atividades, os práticos são as sentinelas avançadas das Autoridades Marítima e Portuária, zelando pelo cumprimento das normas de segurança do tráfego aquaviário, minimizando, com a sua atuação, a possibilidade de acidentes que, muitas vezes, podem custar a vida de pessoas, provocar danos ao meio ambiente e, ainda, grandes prejuízos financeiros, no interesse maior da coletividade. Graças à sua expertise, atuam, ainda, como consultores em projetos de expansão das instalações portuárias, bem como na proposição de melhorias visando o incremento da segurança e a otimização do tráfego aquaviário.

Os preços vigentes pelos serviços prestados são decorrentes de livre negociação com os usuários do serviço. Na inexistência de um senso comum, a Autoridade Marítima tem o poder de arbitrar o preço e, enquanto perdurar o impasse, o prático continua obrigado à prestação de serviço sem qualquer interrupção. O pagamento pelos serviços prestados é feito à sociedade de praticagem, e não aos práticos, os quais, como sócios, auferem lucros ou arcam com prejuízos. Seus serviços devem estar permanentemente disponíveis, não recebendo quaisquer subsídios públicos ou privados.

A independência funcional, sem vínculos de subordinação a qualquer usuário do serviço ou a quaisquer outros interessados comerciais, é a principal causa dos ataques que, de tempos em tempos, são desferidos contra o serviço de praticagem. Há grupos internacionais de perfil colonialista que não aceitam que profissionais brasileiros qualificados e independentes, sob a fiscalização da Autoridade Marítima Brasileira, façam cumprir rigorosamente as normas de segurança, em detrimento de eventuais lucros que poderiam ser gerados pela quebra dessas mesmas normas.

As características peculiares do serviço de praticagem já foram analisadas pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica –CADE– e pela Secretaria Especial de Acompanhamento Econômico –SEAE– durante sete anos. Em seu Parecer, a SEAE registrou que a estruturação do mercado brasileiro de praticagem encontra corroboração nas experiências internacionais, destacando que houve tentativas de introduzir a concorrência no mercado de praticagem em alguns países do mundo e, em razão disso, problemas de segurança e qualidade do serviço foram detectados, como nos casos da Argentina e da Austrália.

FRETES MAIS ALTOS NO BRASIL

A Praticagem não interfere na competitividade dos portos brasileiros. Os serviços de praticagem representam, em média, apenas 0,07% das despesas do exportador. Não há qualquer notícia de que algum navio tenha deixado de escalar um porto ou que alguma embarcação tenha passado a freqüentar qualquer localidade em função do preço da praticagem.

O que determina a ida ou não de um navio a um porto é, primeiro, a existência ou não de carga; e, segundo, a disposição ou não do embarcador de pagar o frete estabelecido pelo operador daquele navio. No caso brasileiro, esta "disposição" é quase obrigatória, pois não há opção. Infelizmente, inúmeros fatores leva-

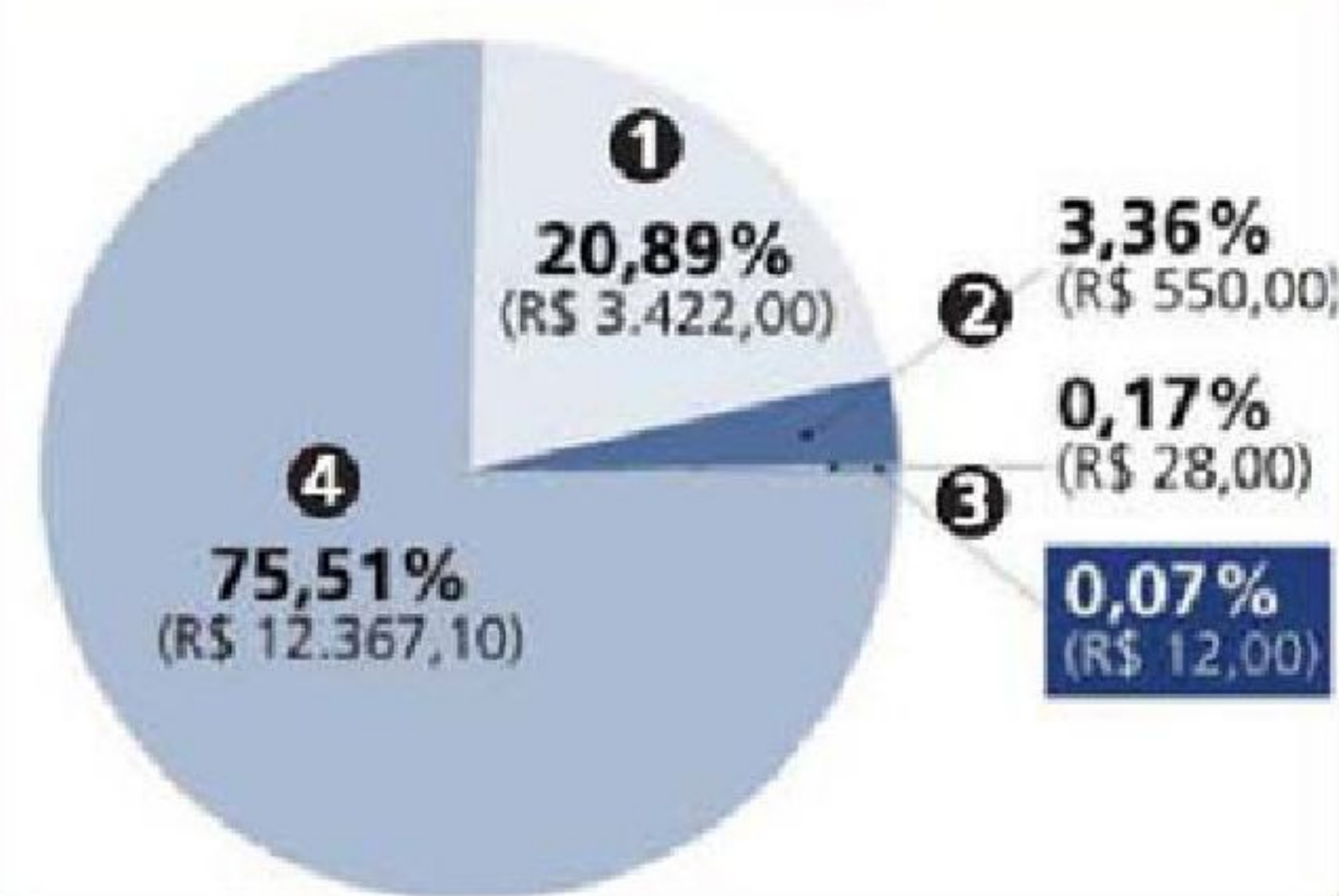
ram o Brasil a abrir mão de sua Marinha Mercante de Estado, cuja característica principal era o comprometimento com os Objetivos Nacionais Permanentes, o que acabou por colocar em mãos estrangeiras nossos comércios marítimos internacional e doméstico. Portanto, hoje, inexiste uma atuação reguladora nacional sobre os valores dos fretes. Corroborando esta realidade, estudo concluído pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em setembro de 2008[1] demonstrou que as exportações latino-americanas para os Estados Unidos pagam taxas de frete oceânico, em média, 70% mais altas do que as taxas pagas por exportações da Holanda.

INFLUÊNCIA DA PRATICAGEM

Recentemente, foram analisados os preços dos serviços de praticagem em Santos em confronto com outros 22 portos no exterior, condizentes com a corrente de comércio exterior brasileira por via marítima, para verificar a sua adequação aos valores em nível mundial, tendo sido constatado que eles se encontram exatamente na média internacional.

De acordo com levantamento da armadora francesa CMA-CGM[2], com dados do mensário estatístico do Porto de Santos[3] e com informações da Global Logistics Corp[4], é possível estabelecer que:

❶ os custos logísticos internos do Exportador (custo para levar a carga até o porto) totalizam, em média, R$ 3.422,00 por contêiner;
❷ o agenciamento e movimentação de carga no porto têm o valor médio de R$ 550,00 por contêiner;
❸ o custo de movimentação do navio em Santos (entrada e saída do porto) é de R$ 28,00 por contêiner, onde está incluída a praticagem, representando R$ 12,00 por contêiner[5];
❹ o frete marítimo estimado Santos-Houston é R$ 12.367,10 por contêiner[6].

Assim, o custo total do exportador seria de R$ 16.367,10 por contêiner. É fácil verificar que a praticagem (R$ 12,00 por contêiner) representa apenas 0,07% do custo total do exportador (R$ 16.367,10).

Importante ressaltar que não foi considerado um outro grupo eventual de custos para o exportador, a sobrestadia (demurrage), que advém de atrasos no embarque ou desembarque da carga. Os exportadores brasileiros de produtos agrícolas, por exemplo, pagaram, em 2006, US$ 1,5 bilhão em sobrestadias (demurrages), geralmente para empresas estrangeiras.

Justamente por isso, é estranho o nível de preocupação que estaria sendo demonstrado com um item que corresponde a 0,07% das despesas do exportador. Principalmente porque, tendo em vista o comportamento do mercado de fretes marítimos, uma transferência efetiva ao exportador, via redução do custo do frete é, no mínimo, duvidosa.

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) já registrava, em seu Relatório Anual de 1997, que eventuais reduções no preço do serviço de praticagem poderiam ter efeitos pequenos, diante da possibilidade dessas reduções de preço serem absorvidas apenas pelas empresas de navegação.

Esta dissociação com eventuais economias é confirmada pelos próprios armadores, conforme demonstra recente declaração do Vice-Presidente do SYNDARMA, na revista Portos e Navios, edição 572, em setembro de 2008, sobre a queda de preço dos combustíveis: "Para Galli, a medida vai trazer um pequeno alívio para as empresas de navegação", mas ressalta que esse "alívio" não vai necessariamente provocar uma mudança no preço dos fretes. "Quando acontece uma alteração no custo, isso não quer dizer que, na mesma hora, essa alteração tenha que ser repassada no preço. O preço para o cliente tem mais a ver com o exercido no mercado", afirma.

A redução no preço da praticagem, portanto, não diminuiria os custos do exportador ou do importador, mas apenas elevaria o lucro dos armadores. É importante, também, ressaltar que a praticagem representa exportação de serviços e ingresso de divisas quando exercida para armadores de origem estrangeira, que constituem praticamente a totalidade dos armadores em atividade no Brasil, visto que as principais empresas brasileiras de navegação já são de propriedade de mega-transportadoras internacionais (Libra da CSAV; Aliança da Hamburg Sud; Flumar da Oldfjell; Mercosul Line da Maersk; etc). Resta claro que redução de preços de praticagem, além de gerar prejuízo maior ao Balanço de Pagamentos do país, reduz a arrecadação dos tributos recolhidos ao Estado Brasileiro.

---

1 MOREIRA, Maurício Mesquita. *Unclogging the Arteries. The Impact of Transport Costs on Latin American and Caribbean Trade.* BID, 2008.

2 CARLINI, Nelson e RAMOS, Danilo. *Riscos e reflexos da infra-estrutura logística para empresas.* CMA-CGM Brasil, 2006 (Apresentação em Power Point).

3 De janeiro a novembro de 2008, o porto de Santos movimentou 2.461.528 TEU, com 2.926 escalas de navios de carga geral: média de 841 TEU movimentados por navio.

4 http://www.iqglobal.com/estimate#top

5 O custo de movimentação do navio é, na verdade, um custo do armador, embutido no frete cobrado do dono da carga. Aqui, apenas para fim didático, foi apresentado separadamente.

6 Contêiner seco fechado de 20 pés; Tara de 2 toneladas; Comprimento de 5,9 metros (232 polegadas); Largura de 2,35 metros (92 polegadas); Altura de 2,4 metros (94 polegadas); Capacidade do contêiner em peso: 22 toneladas com Tara; Capacidade do contêiner em volume: 33 m²

Wendy Kopp

Photo: JEAN-CHRISTIAN BOURCART

Quando decidiu recrutar estudantes formados nas melhores universidades dos Estados Unidos para dar aulas, por dois anos, nas piores escolas públicas do país, a americana Wendy Kopp, 41 anos, foi tachada de louca. Hoje, o seu Teach for America se transformou em um dos programas mais bem-sucedidos na educação. De Nova York, ela falou à repórter Camila Pereira.

De onde surgiu a ideia de fazer um programa como o Teach for America? Nem tinha me formado ainda em relações internacionais por Princeton e executivos de bancos de investimentos e das mais importantes consultorias do país já batiam à minha porta para tentar me convencer a trabalhar no mercado financeiro. Com os meus colegas, a situação era igual. Foi aí que comecei a pensar como seria fora de série conseguir atrair esses jovens de áreas tão diferentes para dar aulas nas escolas públicas americanas. Era preciso, no entanto, recrutá-los com a mesma agressividade dos bancos de Wall Street.

Como sua ideia foi recebida inicialmente? Fui tachada de louca. Logo depois de me formar, passei meses expondo meu projeto a dezenas de pessoas, atrás de financiamento. Tarefa duríssima. Elas olhavam para a lista de universidades das quais eu pretendia recrutar professores e, diante de nomes como Harvard e Yale, gargalhavam. Ninguém acreditava ser possível atrair os mais brilhantes para ensinar numa escola pública.

E como, afinal, a senhora conseguiu fazer isso? Primeiro, oferecendo a esses alunos o que muitos deles procuravam ao sair da faculdade: a chance de realizar um trabalho de grande impacto. Com processos seletivos rigorosíssimos, aos quais só sobrevivem as melhores cabeças, além de propaganda contínua dos nossos resultados, conseguimos conferir ao programa uma aura de prestígio e relevância que fascina esses jovens. Mas não é só o idealismo, evidentemente, que os faz optar pela sala de aula. Há incentivos bastante objetivos — decisivos para atrair os candidatos e ainda convencer seus pais de que não estão cometendo uma insanidade.

A senhora pode dar exemplos desses incentivos? O Teach for America mantém parcerias com algumas das principais escolas de pós-graduação do país. Elas reservam vagas e oferecem bolsas exclusivas para quem saiu do programa. Temos arranjos semelhantes com grandes empresas, como Google e McKinsey, que admitem no ato esses jovens e também lhes dão privilégios, como o patrocínio de bons cursos e cargos mais altos. Tais empresas já sabem que ali encontrarão os melhores do mercado.

É difícil conseguir financiamento? Já foi mais. Atualmente, somos até procurados por gente interessada em nos dar dinheiro. São pessoas movidas pelo pragmatismo. Sabem que, com o treinamento intensivo que os jovens recebem para se tornar professores, os resultados em sala de aula são ótimos. E os empresários estão sempre interessados em associar sua marca a algo que funciona. Hoje, um programa desse tipo precisa ser capaz de provar sua eficácia, com dados objetivos, para conseguir patrocínio.

Por que só os recém-formados estão na mira do programa? Uma de nossas metas é justamente influenciá-los de modo que conservem, no futuro, um radar para a educação, não importa a área em que atuem. A boa notícia é que, pela primeira vez, eles começam a considerar a sala de aula. Não por acaso. O Teach for America foi considerado um dos quinze melhores lugares nos Estados Unidos para um jovem iniciar sua carreira, à frente de várias grandes empresas. Ótimo para os estudantes e, não há dúvida, para o país.

“Recruto professores com a mesma agressividade dos bancos de Wall Street”

www.febraban.org.br

Fácil, rápido, simples, eficiente. Seu banco pode ser assim na hora de resolver seu problema.

Tão importante quanto resolver um problema é ter fácil acesso à sua solução:

Agências: mais de 20 mil em todo o país, com pessoal qualificado para atendimento presencial e capacitado para receber e encaminhar reclamações para as pessoas competentes.

SAC (Serviço de Apoio ao Consumidor): é o canal especializado na solução de problemas. Oferece serviço gratuito (0800) e funciona 24 horas por dia, sete dias por semana.

Fale conosco (internet): atendimento com toda comodidade e conveniência do serviço on-line. Disponível para esclarecer dúvidas e auxiliar o cliente em qualquer tipo de operação ou problema.

Ouvidoria: é a sua voz dentro do banco. O último canal a ser procurado e com autonomia para responder a qualquer questão ainda não esclarecida pelas outras instâncias. É encarregada de fazer valer as regras de Defesa do Consumidor e propor, internamente, melhorias nos serviços prestados pela instituição.

Procure seu banco. Ele é o primeiro a querer resolver seu problema.

FEBRABAN

Federação Brasileira de Bancos

Leo
Rosa

Renata
Dominguez

Amadeus socorre Sofia
e se apaixona por ela.
Agora alguém precisa
socorrer Amadeus
das armações de Nestor.

Luciano Szafir

Uma novela de Tiago Santiago com direção de Alexandre Avancini.

Vai começar mais uma novela de primeira da RECORD.
Você não pode perder os triângulos amorosos, as paixões, obsessões e armações que fazem parte desta trama.
Promessas de Amor. Estreia dia 24 de março.
De segunda a sábado, às 20h45.

Censura livre

PROMESSAS de amor

Estreia dia 24/03, às 20h45.

RECORD
TV DE PRIMEIRA

NO CÉU A TRABALHO E A PASSEIO

O anúncio de que o ambientalista James Lovelock fará um voo suborbital aos 90 anos mostra que viajar ao espaço já não exige treinamento de superatleta

CAROLINA ROMANINI

Quando o cosmonauta russo Yuri Gagarin se tornou o primeiro homem a viajar ao espaço, há quase meio século, o mundo se espantou com a proeza e o transformou em herói. O mesmo ocorreu oito anos depois, em 1969, com os três astronautas americanos que chegaram à Lua. O treinamento a que se submeteram aqueles pioneiros das viagens cósmicas era uma maratona de resistência impensável para um cidadão comum. Os tempos mudaram. Na terça-feira da semana passada, o ônibus espacial Discovery, da Nasa, a agência espacial americana, atracou na Estação Espacial Internacional, onde permanecerá por oito dias. Essa é a 28ª expedição da agência à estação. Desta vez, a missão é entregar um novo conjunto de painéis solares. Viajar ao espaço, e até morar fora da Terra por meses a fio, como ocorre com as equipes que trabalham na estação, tornou-se uma empreitada que não causa mais alarde. Nem mesmo é preciso ser astronauta.

Hoje, é possível se hospedar na Estação Espacial como turista, juntando-se aos astronautas que viajam no ônibus espacial ou na nave russa Soyuz. Para isso, há dois caminhos. O primeiro é viajar no papel de astronauta amador. Passa-se por treinamento semelhante ao dos astronautas de carreira e pagam-se de 10 a 15 milhões de dólares pela viagem. O segundo caminho, como mostra o quadro, é submeter-se a um treinamento apenas simbólico — e desembolsar 35 milhões de dólares, como já fizeram seis milionários, cinco dos Estados Unidos e um sul-africano, desde 2001. O turista nessa situação permanece em média dez dias no espaço, observa o trabalho na estação, tira muitas fotografias e acena para a família nas transmissões de TV.

O turismo espacial está prestes a ganhar um personagem que mostra como ele poderá se banalizar. O inglês James Lovelock, um dos mais respeitados ambientalistas da atualidade, pretende ser o primeiro a voar pela Virgin Galactic, companhia inglesa criada pelo empresário Richard Branson para realizar excursões ao cosmo. A viagem está prevista para dezembro. Detalhe: Lovelock completará 90 anos em julho. Evidentemente, não precisará se submeter a treinamento algum. Os voos da Virgin Galactic serão suborbitais. Durante duas horas, o passageiro vai viajar ao espaço na nave SpaceShipTwo, permanecer por cinco minutos em gravidade zero e voltar à Terra. Lovelock foi convidado para fazer a viagem inaugural e não pagará nada por ela. A partir de 2010, a Virgin promete levar turistas ao espaço por 200 000 dólares o bilhete. Foi-se o tempo em que só militares bem treinados e de compleição física irrepreensível visitavam a imensidão do cosmo. ■

TURISTA ESPACIAL

SOYUZ

3 milhões de dólares

6 meses

10 dias

49 anos

O milionário americano **Dennis Tito**, aos **60** anos

Aprovação em check-up médico convencional

ALTURA MÁXIMA **1,85** metro

ALTURA MÍNIMA **1,60** metro

Russo básico

Qualquer uma

Quanto aguentar

Nenhuma

VALEU CADA CENTAVO

Richard Garriott, turista americano que esteve na ISS cinco meses atrás, repetindo o comentário de todo turista espacial

FOTOS NASA; GETTY IMAGES; PAT SULLIVAN/AP; RICHARD DREW/AP; SHAMIL ZHUMATOV/REUTERS

Estação Espacial Internacional (ISS)

ASTRONAUTA DA NASA

ESPAÇONAVE	ÔNIBUS ESPACIAL
CUSTO DO TREINAMENTO	1 milhão de dólares
TEMPO DE TREINAMENTO	20 meses
TEMPO DE PERMANÊNCIA NA ISS	6 meses, em média
IDADE MÉDIA	36 anos
O MAIS VELHO A VIAJAR	O astronauta aposentado **John Glenn**, aos 77 anos
EXIGÊNCIAS FÍSICAS	Capacidade de nadar seis vezes a extensão de uma piscina semiolímpica, três delas vestido com traje espacial
ALTURA	ALTURA MÁXIMA 1,93 metro; ALTURA MÍNIMA 1,52 metro
IDIOMAS NECESSÁRIOS	Inglês e russo
CIDADANIA	Americana
TREINAMENTO EM SIMULADORES DE POUSO, DECOLAGEM E ACELERAÇÃO	300 horas
AULAS DE PILOTAGEM	4 horas mensais, durante os vinte meses de treinamento

O encontro dos astronautas da Discovery com a tripulação da Estação Espacial Internacional na terça-feira passada: carga de novos painéis solares

UM PEQUENO PASSO PARA O HOMEM, UM SALTO GIGANTE PARA A HUMANIDADE

Neil Armstrong, ao pisar na Lua, em 1969

O AR ESTÁ MAIS LIMPO...

...mas só porque a crise econômica é devastadora para as indústrias ineficientes e poluidoras dos países emergentes

THOMAZ FAVARO

Com a desaceleração econômica causada pela crise global, a maioria dos países viu-se obrigada a rever — para baixo — suas projeções de crescimento. Isso é ruim para todo mundo. Trabalhadores perdem o emprego, os pobres ficam mais pobres e projetos de desenvolvimento precisam ser adiados. No que tange ao aquecimento global, contudo, a crise apresenta aspectos positivos. A previsão é que as emissões globais de gases do efeito estufa terminarão 2009 com uma redução de 3% em relação ao ano passado. Só a União Europeia deixará de lançar na atmosfera 100 milhões de toneladas de CO_2 neste ano. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), no Brasil a emissão de dióxido de carbono na atmosfera já diminuiu 1,8 milhão de toneladas por causa da queda na produção industrial desde o fim de 2008. A leitura a ser feita desses acontecimentos não é a de que só a ruína da economia poderá salvar o planeta. Na verdade, a crise mostra-se especialmente severa com as indústrias mais ineficientes e poluidoras. Isso reforça a tese de que é possível conciliar crescimento econômico com proteção ao ambiente.

"A poluição pode ser vista como um sintoma de problemas de ineficiência energética e da dependência excessiva de combustíveis fósseis", disse a VEJA o economista Rafael Marques, vice-presidente da Bolsa do Clima de Chicago, a primeira do mundo a negociar créditos de carbono. Para Marques, a crise deve ser encarada como um momento propício para investimentos em sustentabilidade, que podem, entre outros benefícios, reduzir os gastos com energia. Entre os 11 trilhões de dólares injetados em pacotes de estímulo na economia mundial estão alguns bilhõezinhos dedicados a essa finalidade. "Os membros do G7, o grupo das nações mais ricas do mundo, vão investir 138 bilhões de dólares em energias renováveis", afirma a economista Camila Ramos, chefe de pesquisas para a América Latina da New Energy Finance, consultoria com sede em Londres. Nos Estados Unidos, o presidente Barack Obama propõe a criação de 5 milhões de "empregos verdes" por meio da duplicação da produção nacional de energias alternativas e da fabricação de 1 milhão de carros híbridos. O governo do Reino Unido vai incentivar consultorias em eficiência energética a expandir suas atividades no exterior.

Como as empresas mais ineficientes são, em geral, as que mais desprezam as leis ambientais e as mais suscetíveis às mudanças drásticas na economia, elas se tornaram as primeiras vítimas da crise nos países emergentes.

ÍNDIA

Na região de Délhi, a segunda metrópole da Índia, com mais de **130 000** pequenas indústrias, quase uma centena de siderúrgicas parou de funcionar. Com o desaparecimento desses focos de poluição, a concentração de dióxido de enxofre na região

caiu 85%

BRASIL

O ritmo do desmatamento na Amazônia

caiu 32%

no último semestre. Devido a essa redução, o Brasil deixou de emitir **18 milhões de toneladas** de dióxido de carbono na atmosfera

CHINA

Em Guangdong, de onde sai um terço das exportações chinesas, **60 000** empresas, a maioria delas pequenas indústrias, já fecharam as portas. Com isso, o nível de poluição da região

caiu 5%

AMIT GUPTA/REUTERS

RODRIGO BALEIA/FOLHA IMAGEM

DAVID GRAY/REUTERS

Na província de Guangdong, de onde sai um terço das exportações da China, mais de 60 000 fábricas já fecharam as portas. Em sua maioria, eram pequenas unidades que terceirizavam a produção de calçados, brinquedos e bugigangas e não davam a mínima às regras antipoluição. Guangdong foi o cenário das reformas liberais de Deng Xiaoping no fim da década de 70, e a herança desse período de vale-tudo é uma das regiões mais poluídas do planeta. Muitas empresas chegaram a pedir o relaxamento da legislação ambiental até terminar a crise econômica, de forma a facilitar a sobrevivência do negócio. Mas o governo da província preferiu aproveitar a oportunidade para se livrar das unidades poluidoras.

Hoje, a empresa que não respeita a legislação antipoluição é punida com a perda de crédito oficial. "O governo tenta agora estimular a chegada de investimentos estrangeiros para transformar a indústria local em fabricante de alta tecnologia", disse a VEJA o chinês Li Kui-wai, professor de economia da Universidade da Cidade de Hong Kong. No México, onde a produção industrial despencou desde que a crise estourou no país vizinho, no ano passado, o tráfego de caminhões na fronteira com os Estados Unidos caiu 40%. Na Índia, o quinto maior produtor mundial de aço, dezenas de pequenas siderúrgicas tiveram de fechar as portas por causa da diminuição da demanda do produto. O efeito sobre a qualidade do ar na região de Délhi, onde se concentra grande parte da produção nacional, foi imediato. A concentração de dióxido de enxofre, substância responsável pela chuva ácida, caiu 85% em comparação com o ano anterior.

No Brasil, com o preço da soja e da carne em queda, há menos incentivos para derrubar a floresta e substituí-la por pastos ou lavouras. Entre agosto e janeiro foram desmatados 2 639 quilômetros quadrados da Floresta Amazônica, 32% menos que no mesmo período do ano anterior. Com isso, o país deixou de mandar 18 milhões de toneladas de CO_2 para a atmosfera. Um relatório publicado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) na semana passada mostra que esse impacto positivo deve durar pouco. Se por um lado haverá redução na demanda por madeira e demais produtos agrícolas que levam ao desmatamento, por outro também haverá menos dinheiro para investimentos em manejo florestal e estratégias de exploração sustentável de longo prazo. Mais uma prova de que é preciso conciliar desenvolvimento econômico com preservação ambiental — com ou sem crise. ■

NANA, NENÉM, POR FAVOR

Pesquisa internacional revela que o sono dos bebês é um problema universal causado pelos pais. A solução? Disciplina, persistência e muita paciência

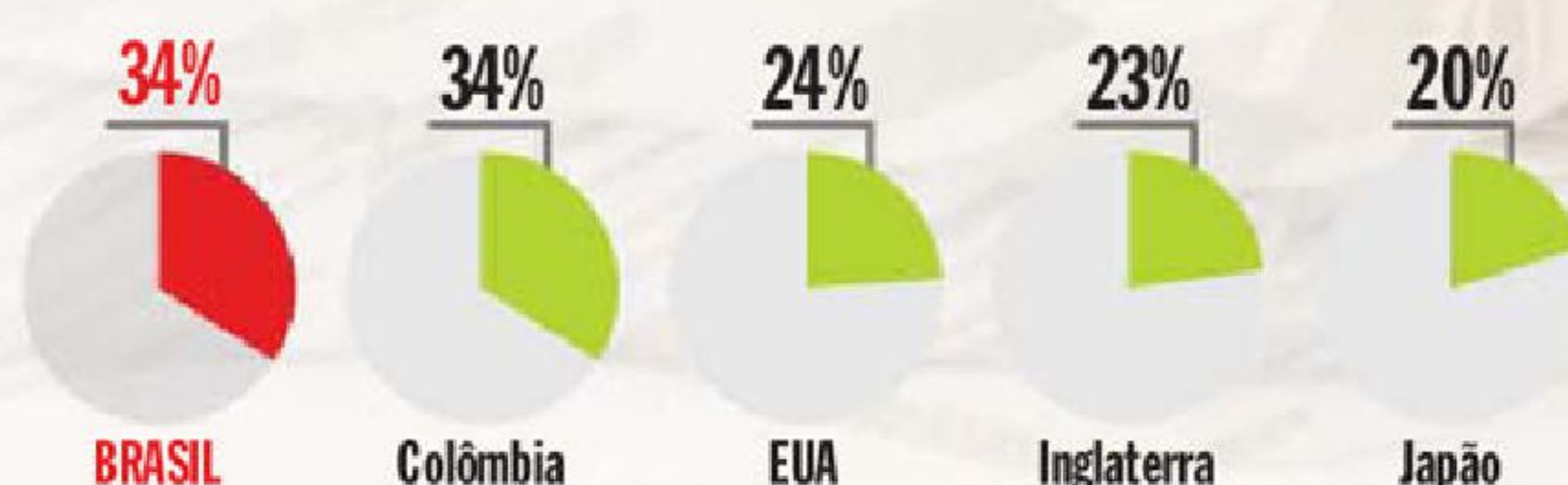
BEL MOHERDAUI

É até com certo orgulho que pais e mães de recém-nascidos exibem suas olheiras, símbolo do trabalho que dá seu bebê em fase de adaptação a um mundo que não conhece. Tudo natural e esperado. E quando a criança já consegue andar mas ainda não é capaz de dormir uma noite inteira sozinha? Aí há problema, sim, e muitíssimo frequente. "Ela agora dorme, mas só até as 6 e meia da manhã. E acorda de hora em hora", conta, meio conformada, a professora de pilates Renata Winkel Schneider, mãe da catarinense Marina, 8 meses. "Primeiro, resmunga. Se não atendo rápido, ela começa a chorar", diz Renata, que desde que a filha nasceu não sabe o que é uma noite de sono tranquila. Atire a primeira fralda descartável quem nunca ouviu uma mãe recla-

SONO LEVE

Os pais de bebês brasileiros não são os únicos a acordar cansados. Algumas médias de noites maldormidas aqui e em outros países

O SONO DO BEBÊ É UM PROBLEMA

BRASIL	Colômbia	EUA	Inglaterra	Japão
34%	34%	24%	23%	20%

HORÁRIO EM QUE O BEBÊ DORME

BRASIL	Japão	Colômbia
21h43	21h17	21h08

Fonte: *pesquisa global sobre o perfil do sono dos bebês realizada pela Johnson & Johnson*

mar que o bebê exige atenção a noite inteira. Aos pediatras, cabe separar os casos de base patológica, que exigem intervenção médica, daqueles comportamentais, em que os maus hábitos do bebê são incentivados ou até criados inadvertidamente pelos próprios pais. Uma pesquisa mundial sobre o perfil do sono das crianças até 3 anos patrocinada pela Johnson & Johnson mostrou, pela primeira vez, que pelo menos em número de casos a insônia dos bebês é mais de responsabilidade dos pais do que de doenças subjacentes — mas eles não têm consciência disso.

A pesquisa revela que 35% dos pais brasileiros acreditam que seus bebês têm algum problema, da mesma forma que 25% dos americanos, 76% dos chineses e 23% dos ingleses. "De cinco anos para cá, o número de atendimentos em ambulatório de pediatria por queixas de sono dobrou", diz a neuropediatra Márcia Pradella-Hallinan, coordenadora do setor de pediatria do Instituto do Sono da Universidade Federal de São Paulo e uma das consultoras da pesquisa. "Mas os casos extremos não aumentaram. A questão maior é comportamental. Os pais estão mais atentos ao sono dos filhos, descobrem que não conhecem o assunto, e isso os deixa ainda mais ansiosos."

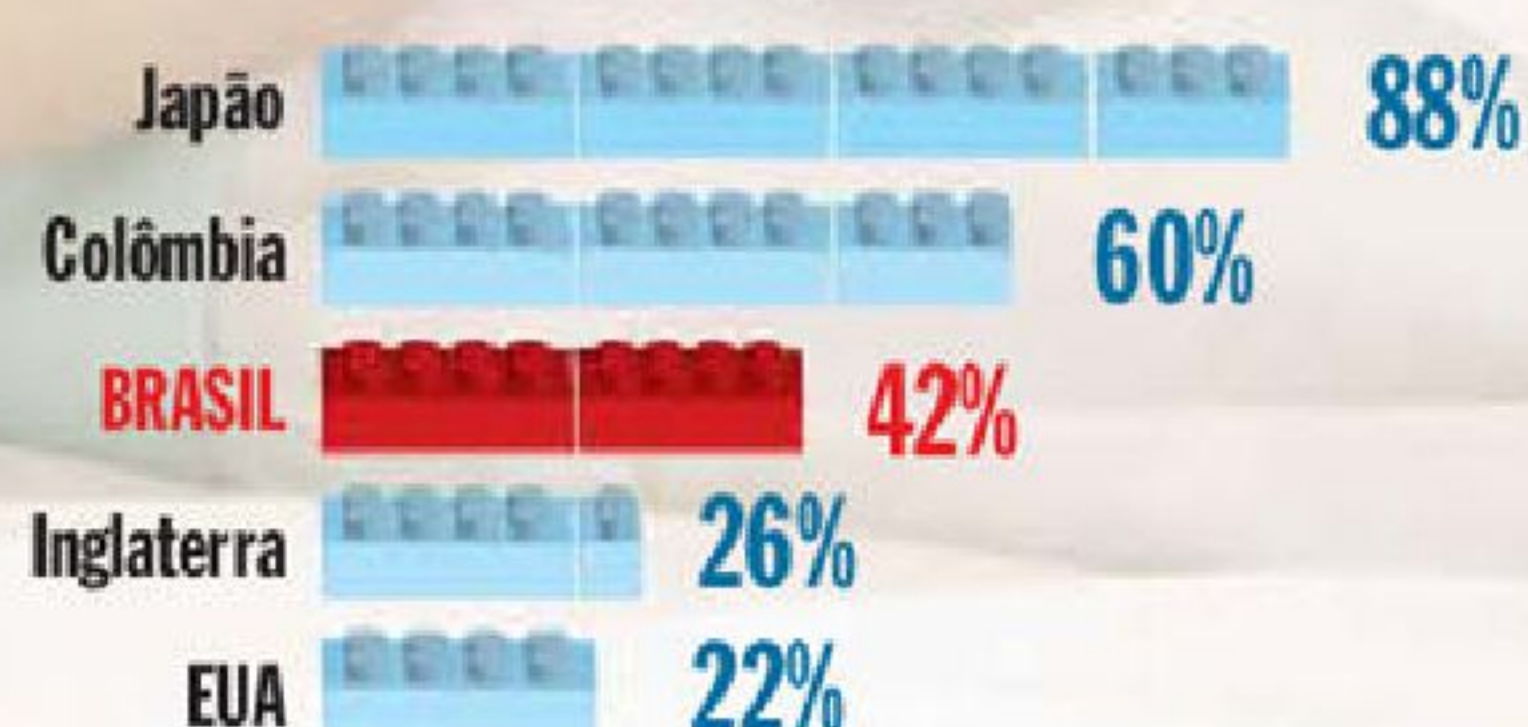
Realizada com 35 000 pais (4 000 só no Brasil), a pesquisa esquadrinhou os hábitos de sono de crianças pequenas em dezenove países da Europa, Ásia, Oceania, América Latina e do Norte. Primeira conclusão: "Os problemas de sono são uma questão universal", disse a VEJA uma das coordenadoras, a psicóloga americana Jodi Mindell, diretora do Centro do Sono do Hospital Infantil da Filadélfia e da Fundação Nacional do Sono dos Estados Unidos. "E acredito firmemente que os pais têm enorme responsabilidade por esse problema." Segundo Jodi, os principais indicadores da existência de problemas de sono nas crianças pequenas são: dormir muito tarde (em geral após as 21 horas), não ter uma rotina pré-berço e exigir a presença dos pais durante a noite, seja para ser alimentadas ou só ninadas. No Brasil, os bebês dormem, em média, às 21h40 — tarde, em comparação com os neozelandeses, que se deitam às 19h30, e cedo, perto dos argentinos, que passam das 22h30. O fofíssimo Guilherme, 1 ano, vai para o berço depois das 23 horas e acorda várias vezes durante a noite. "Até os 6 meses ele dormia na minha cama e eu

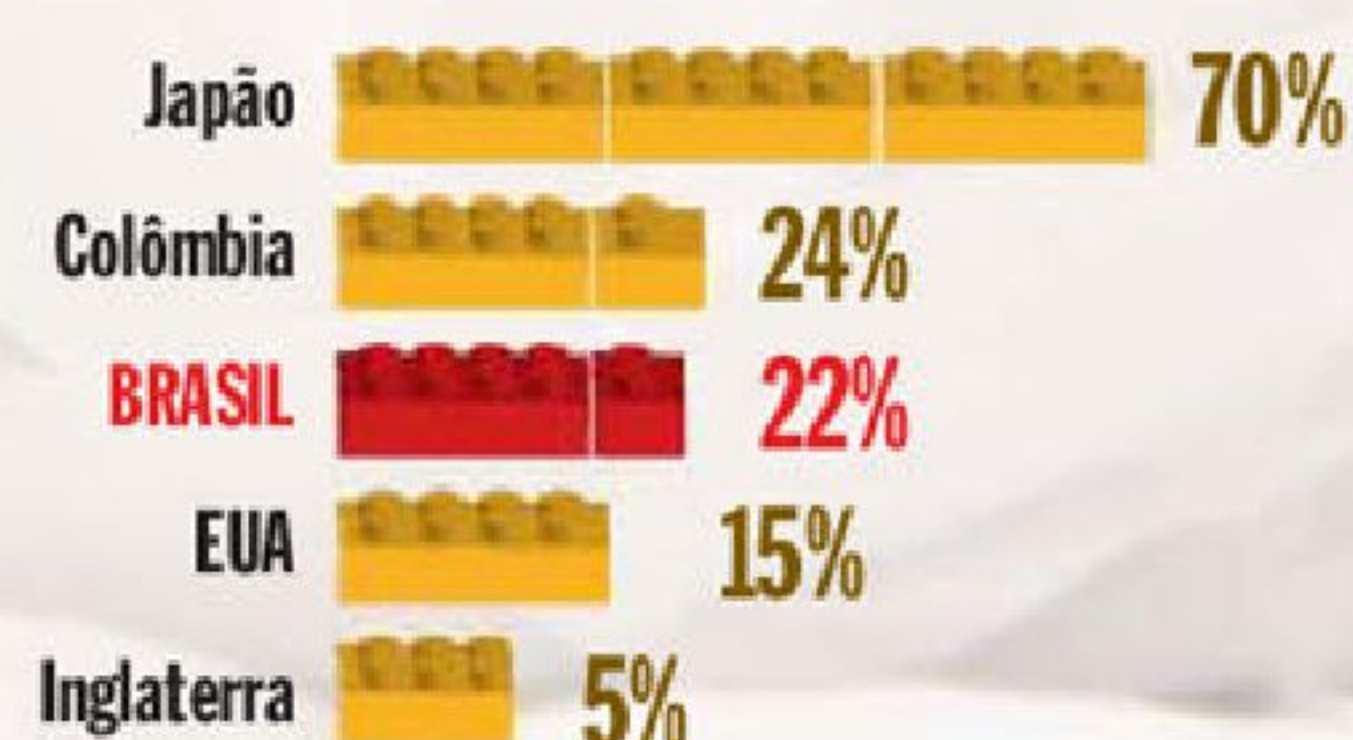
DURO NA QUEDA
Lindinho e sorridente, Guilherme, 1 ano, ainda acorda no meio da noite para mamar e ganhar um carinho da mãe, Luciana

LAILSON SANTOS

20h52	19h55
EUA	Inglaterra

O BEBÊ DORME NO QUARTO DOS PAIS

País	%
Japão	88%
Colômbia	60%
BRASIL	42%
Inglaterra	26%
EUA	22%

O BEBÊ DORME NA CAMA DOS PAIS

País	%
Japão	70%
Colômbia	24%
BRASIL	22%
EUA	15%
Inglaterra	5%

SEMPRE ALERTA *Marina, 8 meses, acorda de hora em hora, resmunga e ganha o colo de Renata*

EDUARDO MARQUES

ficava esmagada no cantinho. Agora já dorme no berço, em outro quarto, mas ainda acorda de três em três horas", conta a arquiteta paulistana Luciana Alves. "Sei que é dengo. Já chegamos a colocá-lo no carro de madrugada, de pijama, para ver se pegava no sono direito", diz. Como Guilherme, 42% dos brasileirinhos pesquisados dormem no quarto dos pais, sendo 22% na cama deles *(veja o quadro nas páginas anteriores)*, hábitos desencorajados pelos médicos, primeiro pelo risco de acidentes e depois porque, como confirma o estudo, os bebês que dormem no próprio quarto dormem mais, mais cedo, e acordam menos vezes durante a noite. "Na Ásia, é cultural a questão de pôr as crianças para dormir com os pais. Já aqui a conotação é outra. Os pais têm pena do filho, acham que não dão a atenção devida, que ele sente a falta. Ou então o colocam na própria cama porque eles precisam dormir e ali fica mais fácil cuidar da criança", explica Márcia. A atendente de telemarketing Thaís Rocha Ramos, mãe de Kalanie Shikay, 10 meses, confirma que o faz pelo próprio conforto. "Na maioria das vezes ela passa para a minha cama porque estou morrendo de sono. Mesmo assim, acorda a cada três horas", conta Thaís. E confessa: "Já deixei que chorasse e ela dormiu, vencida pelo cansaço. Mas, como moro com meus pais, incomodou todo mundo".

O caminho para a solução do problema, dizem os especialistas, exige muita paciência e disciplina. "O sono é uma função aprendida. O bebê precisa aprender a dormir", receita a pediatra Eduardina Tenenbojm, do Grupo de Pesquisa Avançada em Medicina do Sono do Hospital das Clínicas da USP. "Os problemas médicos que podem provocar distúrbios de sono não chegam a 5% dos casos. Em geral, as dificuldades podem ser amenizadas se os pais adotarem comportamentos diferentes", diz. Ressalta, porém, que "os pais não erram por mal. Eles também sofrem". E como. "A Melissa vai fazer 1 ano no fim do mês e dorme oito horas por noite, mas acorda a cada três ou quatro para mamar. Basta dar a mamadeira que ela volta a dormir. O pediatra diz que é manha, mas, se eu não dou, ela chora tanto que acorda o prédio inteiro. Ela sente fome", argumenta a mãe, a paulistana Camila Rossi, 33 anos. A mãe de Marina, Renata, já notou inclusive uma queda na própria imunidade por causa da privação de sono. "Vira e mexe pego alguma infecção. Sem contar que fico muito irritada e explodo com qualquer coisa", lamenta.

Entre os passos do aprendizado dos pais estão determinar — e seguir religiosamente — um horário e uma rotina de sono e ensinar a criança a dormir sem ajuda externa (*veja o quadro ao lado*). Gustavo Milani Augusto, 6 meses, segue um regime suavemente militar desde que nasceu e, segundo a disciplinadíssima mãe, a professora Lívia, 31 anos, dorme que é uma beleza. "Às 17 horas eu dava banho. Às 18, colocava música, apagava as luzes, desligava os barulhos da casa e fazia massagem nele. Às 19, estava dormindo. Hoje, por volta desse horário ele desliga e dorme doze horas direto. Quando acorda, não chora, brinca na cama, entretém-se com os bonecos e, se eu deixar, é capaz de dormir de novo. Foi treinamento", acredita. Atenção, porém, adeptos de mais um costume que a pesquisa confirma e os especialistas condenam: ver televisão, como fazem 28% dos pequenos brasileiros antes de dormir, excita, desperta e não põe a criança nem um milímetro mais perto de uma noite feliz, para ela e para os pais. ■

TODA NOITE, TUDO IGUAL

É difícil, todo mundo sabe. Mas os especialistas indicam alguns truques para ajudar a criança a dormir bem à noite:

- Estabeleça uma rotina simples que possa ser repetida todas as noites (exemplo: banho, massagem e mamadeira). O ideal é iniciá-la por volta das 20 horas para aproveitar a ação do hormônio melatonina, que induz e mantém o sono e atinge seu pico em torno da meia-noite.
- Ponha a criança para dormir no mesmo horário todos os dias. Um pouco antes, reduza atividades que excitam, como visitas, brincadeiras e som alto.
- Deixe que a criança aprenda a pegar no sono sozinha. Assim, se ela acordar no meio da noite, não precisará dos pais, da mamadeira ou de ajuda externa.
- Se for preciso amamentar durante a noite, não acenda a luz. No máximo, use uma lâmpada bem fraquinha.
- Quando a criança dormir durante o dia, reduza a luminosidade do quarto, mas conserve a luz e os barulhos normais da casa. À noite, apague tudo e mantenha silêncio.

FOTOS LESLEY HOWLING/CORBIS/JENNIE WOODCOCK/CORBIS/ZOE/CORBIS/LATINSTOCK

Atalho para VISAS e ANVISA.

Empresários que precisam normatizar produtos e serviços nas Vigilâncias Sanitárias locais (VISAS) e na federal (ANVISA) já podem encurtar caminhos: usar empresas de assessoria em licenças e registros. Especialistas no assunto e muito ágeis, representam economia de tempo. E, principalmente, de dinheiro.

As empresas que atuam na área da saúde devem estar em dia com as Vigilâncias Sanitárias. Suas rigorosas normas garantem produtos próprios para consumo e são bem diferentes para cada tipo de empresa. É justamente aí que começam as dificuldades dos empresários. E é aqui que terminam: contratando-se assessorias especializadas em licenças e registros. Elas sabem tudo de assuntos regulatórios e preparam a documentação de acordo com a legislação em vigor. Não se perde tempo com vai e volta de papéis, nem dinheiro com preenchimentos indevidos de taxas, pois o trabalho não fica nas mãos de funcionários não especializados na área. O empresário fica tranqüilo para focar seu pensamento só na construção de marcas fortes. E aqui, as assessorias, novamente, ajudam a encurtar caminhos. Fazem implantação e certificação em sistemas de qualidade que reduzem perdas na fabricação, em alguns casos, de até 30%, e que melhoram a qualidade e a competitividade dos produtos. E esses, sim, precisam trilhar um longo caminho pela frente.

É difícil obter licenças e registros nas vigilâncias sanitárias?
Para se retirar uma licença nas VISAS é necessário atender a uma série de exigências, muitas vezes, complexas para quem não entende do assunto. Imagine um empresário implantando Sistemas de Qualidade na empresa. Sem orientação fica quase impossível. É ainda mais difícil vencer a burocracia para se obter um registro de produto na ANVISA. Os processos englobam tanto a parte administrativa como a técnica, que devem ser elaboradas de acordo com as Resoluções da Diretoria Colegiada da ANVISA, que tratam de Registros de Produtos. Existem inúmeras portarias e resoluções e cada empresa deve seguir caminhos e exigências bem diferentes.

Quais são os prazos para as renovações?
As licenças estaduais ou municipais valem por um ano e sua renovação é feita, em média, três meses antes do vencimento. Já os registros de produto na ANVISA têm validade de cinco anos e precisam ser renovados com, no mínimo, seis meses de antecedência. Nossa assessoria também pode ser utilizada nessas etapas, deixando o empresário despreocupado.

Quais os serviços prestados pela ML Assessoria? E para que tipo de empresas?
Somos especializados em licenças nas VISAS e em autorizações e registros de produtos na ANVISA. Atendemos fabricantes de cosméticos, alimentos, saneantes e domissanitários, equipamentos e materiais médicos e cirúrgicos. Atendemos, ainda, hospitais, laboratórios e prefeituras, enfim, toda e qualquer empresa ou autarquia estadual ou federal sujeitas às normas da Vigilância Sanitária ou da ANVISA. Oferecemos treinamentos e implantações em Qualidade, Gestão Empresarial e Certificação de Boas Práticas de Distribuição e Fabricação. Hoje, essa certificação é item classificatório em licitações governamentais.

Miguel Leite, presidente da ML Assessoria, empresa com 30 anos de atuação no mercado nacional e internacional.

55 -16 - 3942-8507
55 -16 - 3947-5401
mlassessoria@mlassessoria.com.br
www.mlassessoria.com.br

ML assessoria

QUALIDADE TOTAL

Carros

A opção dos seminovos

EM DEZEMBRO DO ANO PASSADO, O GOVERNO REDUZIU EM 7% O IMPOSTO SOBRE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS (IPI), QUE ONERA OS AUTOMÓVEIS NOVOS, O QUE ESTIMULOU O SEU CONSUMO. COMO CONSEQUÊNCIA DISSO, USADOS E SEMINOVOS SE ACUMULARAM NAS CONCESSIONÁRIAS — E PERDERAM VALOR.

Hoje, esses carros estão 20% mais baratos, em média, do que cinco meses atrás. Isso significa que comprá-los voltou a ser um negócio atraente, que até mesmo os apaixonados pelo proverbial "cheirinho de carro novo" deveriam estudar. "O consumidor tem mais poder de barganha na compra de um seminovo do que na de um zero", diz George Chahade, da Associação dos Revendedores de Veículos Automotores de São Paulo.
Uma ponderação adicional: nos últimos anos, a distância tecnológica entre o novo e o usado estreitou-se. Peças e acessórios têm vida útil mais longa, e um motor com 60 000 quilômetros rodados ainda pode ser considerado novo. Tendo em vista essas novas condições do mercado, VEJA ouviu especialistas e preparou um roteiro do que é preciso ter em mente antes de comprar (ou vender) um carro usado.

PARA QUEM QUER COMPRAR

Circunstância: você está na dúvida entre um carro zero-quilômetro e um seminovo.
Dica: o seminovo, neste momento, é muito mais negócio. Como as montadoras oferecem promoções e descontos para desovar estoques, o preço dos usados caiu bem mais do que o dos novos. E comprar um seminovo significa evitar os gastos extras que vêm com um zero, como o emplacamento e o IPVA. Dê preferência aos carros com até três anos de uso, prazo em que boa parte deles ainda tem a garantia de fábrica.

Circunstância: você precisa reduzir ao máximo os custos com a compra do novo carro.
Dica: como o momento é favorável a quem compra, barganhe à vontade: peça descontos significativos, negocie prazo maior de garantia e também a transferência de documentos. Ronaldo Samadello, 29 anos, analista de sistemas, foi a um feirão de fábrica disposto a comprar um zero. Saiu de lá com um Ford Fiesta Sedan 2007 com 33 000 quilômetros rodados. Negociou descontos, e o carro novo saiu por 3 000 reais abaixo da tabela. Além disso, conseguiu garantia de três meses e transferência grátis. "Foi um bom negócio. Investi pouco e levei um modelo mais completo, com acessórios que o zero não teria", diz.

Circunstância: você pretende ficar pouco tempo com o carro que vai comprar.
Dica: se você precisa imediatamente de um carro e pretende vendê-lo em pouco tempo, daqui a seis meses, por exemplo, vale mais a pena pegar um modelo de giro alto, ou seja, um daqueles que são líderes de venda. Modelos compactos e hatch têm saída mais rápida nas lojas e, portanto, desvalorizam-se menos. Já os importados e os carros que saíram de linha são os campeões da desvalorização. Se for um carro importado raro, e ainda por cima amarelo, a tendência é que, na hora de vendê-lo, seu preço esteja lá embaixo.

Circunstância: na concessionária o carro é mais caro, mas você teme comprar de um particular.
Dica: as compras mais seguras são feitas na concessionária ou nos feirões de fábrica, que normalmente oferecem carros menos rodados, com revisão e garantia. Como as concessionárias precisam vender muitos seminovos, já que o lucro delas com os carros zero é pequeno, dá para negociar bastante o valor. Comprar de particular tem a vantagem do preço melhor: não há o lucro do lojista embutido – mas também nenhuma garantia mecânica nem de procedência. Se o carro apresentar algum defeito tempos depois, não haverá nada a fazer. Neste caso é sempre recomendável levá-lo a um mecânico, especialmente se o carro tiver mais de 40 000 quilômetros rodados ou mais de três anos de uso.

Circunstância: os sites de compra e venda de carros têm boas ofertas, mas você não confia nos preços.
Dica: sites como WebMotors, Carsale e iCarros são boa opção para comparar muitas ofertas de um mesmo modelo no conforto de casa ou do escritório. Os lojistas também se utilizam desses sites para ofertar seus estoques. Mas não se esqueça de que os vendedores publicam ali não o valor real do carro, mas quanto gostariam de ganhar. Como o momento é bom para negociar, insista no preço que você considera justo e razoável. E, já que a maioria dos sites mostra quando o anúncio foi atualizado, é possível ter uma boa ideia do tempo em que o carro está parado e por quanto é possível negociá-lo. A análise ao vivo é indispensável.

PARA QUEM QUER VENDER

Circunstância: seu carro se desvalorizou muito e você não quer perder dinheiro na troca por um mais novo.
Dica: será impossível vender o seu a preço de tabela e comprar outro com valor 30% abaixo dela. Portanto, concentre-se na diferença de preço entre o carro que você tem e o que quer para fechar o negócio. O melhor é pesquisar muito e tentar fazer um negócio casado, ou seja, deixar um e pegar outro. Cuidado com a conversa do vendedor – ele sempre dirá que o seu carro é de uma cor difícil de vender, que existe uma versão melhor, que o final da placa não ajuda... E, por outro lado, dirá também que o modelo que você quer comprar é riquíssimo em acessórios e disputado no mercado. Ignore-o. Estabeleça um valor de diferença máximo a pagar e insista nele.

Circunstância: a concessionária paga muito pouco pelo seu usado.
Dica: o valor que será oferecido por qualquer lojista pelo seu carro sempre será abaixo do que você esperava. Por isso, pesquise em várias lojas e faça uma média dos valores ofertados para ter uma ideia de quanto, de fato, pode conseguir por ele. Existe a possibilidade de alcançar um preço melhor vendendo-o a um particular. Anunciar em jornais, sites ou ir a feiras de automóveis é uma opção, mas lembre-se de que há um custo para isso e que o retorno não é garantido.

Circunstância: seu carro tem pequenos reparos a ser feitos. Vale a pena o investimento antes da venda?
Dica: faça as contas de quanto custa o conserto e quanto você conseguiria a mais no preço. Se o valor ao menos empatar, já vale a pena. Isso pode acelerar a venda. Lembre-se de que há excesso de oferta no mercado e um carro em mau estado ou não despertará o interesse dos compradores ou será ainda mais desvalorizado. Uma visita à oficina deixará o carro com aparência e mecânica novas, o que ajuda a fechar o negócio.

SEMINOVO NO LUGAR DO ZERO
"Fiz a opção por um modelo melhor com um investimento menor", diz Ronaldo Samadello

LAILSON SANTOS

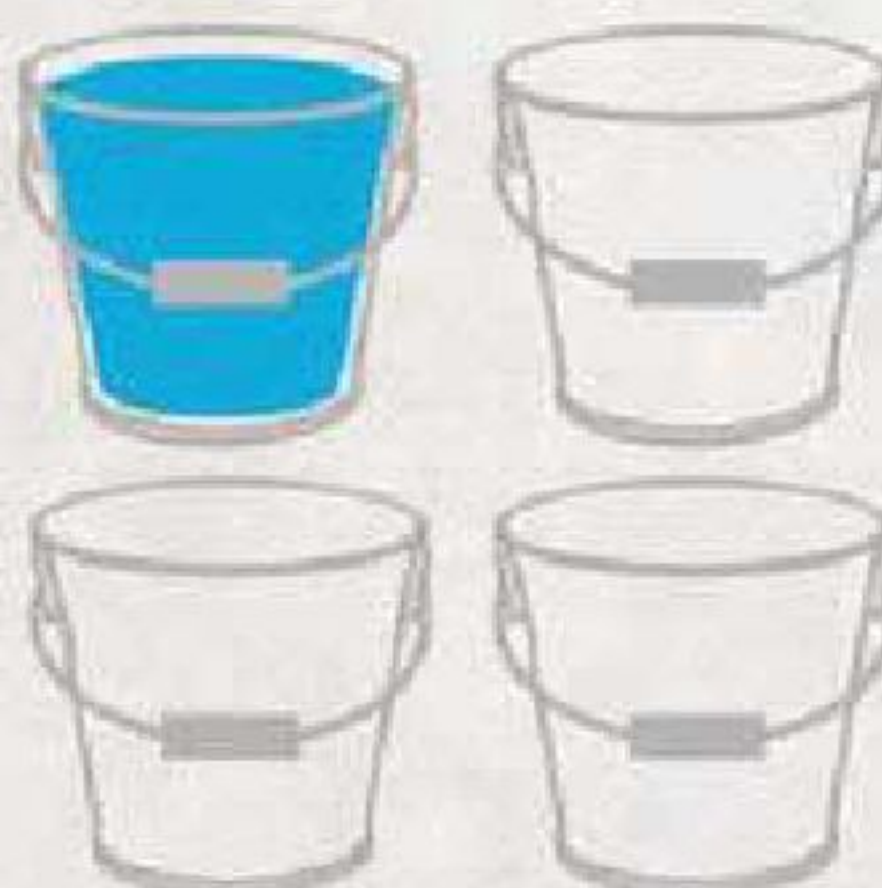
PLANETA sustentável
conhecimento por um mundo melhor

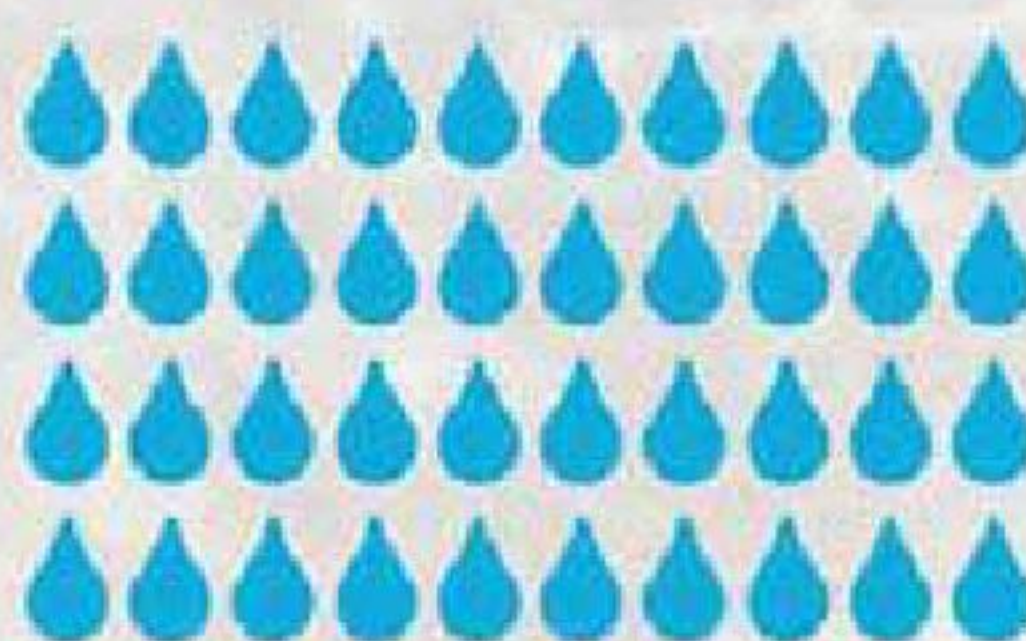
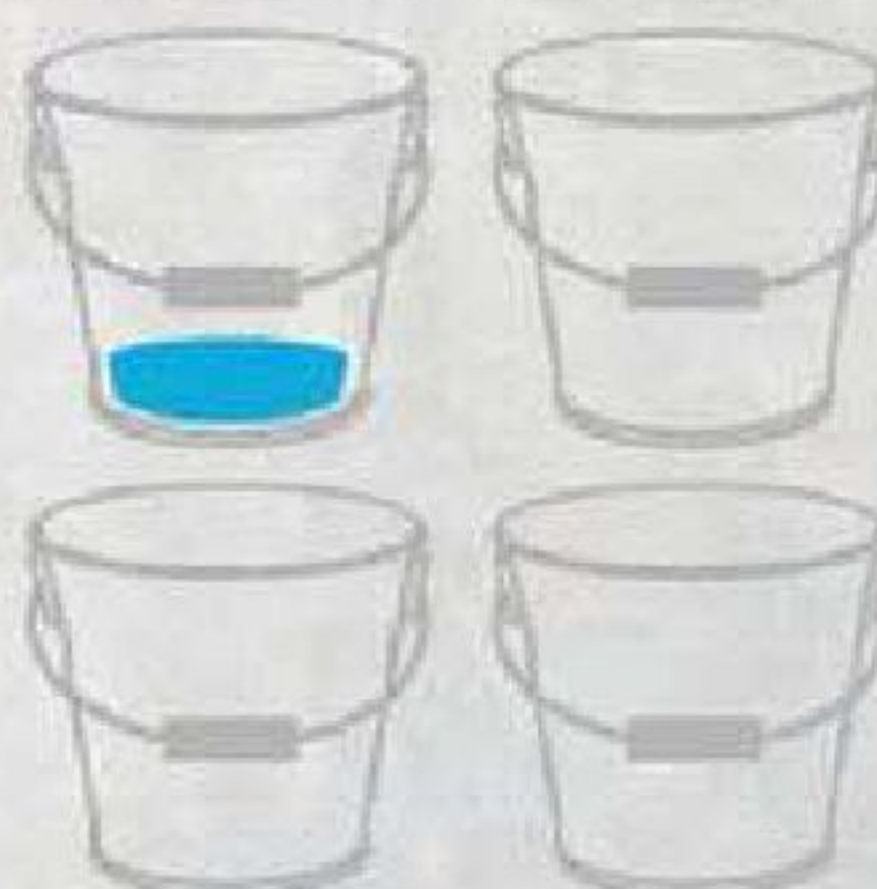
22 de março é o

Aproveitamos para lembrar como ela é essencial, não só para matar a sede. Veja quanta água potável é gasta para produzir alguns itens do dia-a-dia:

1 unidade
Carro
400.000 litros

1 unidade
Computador
1.500 litros

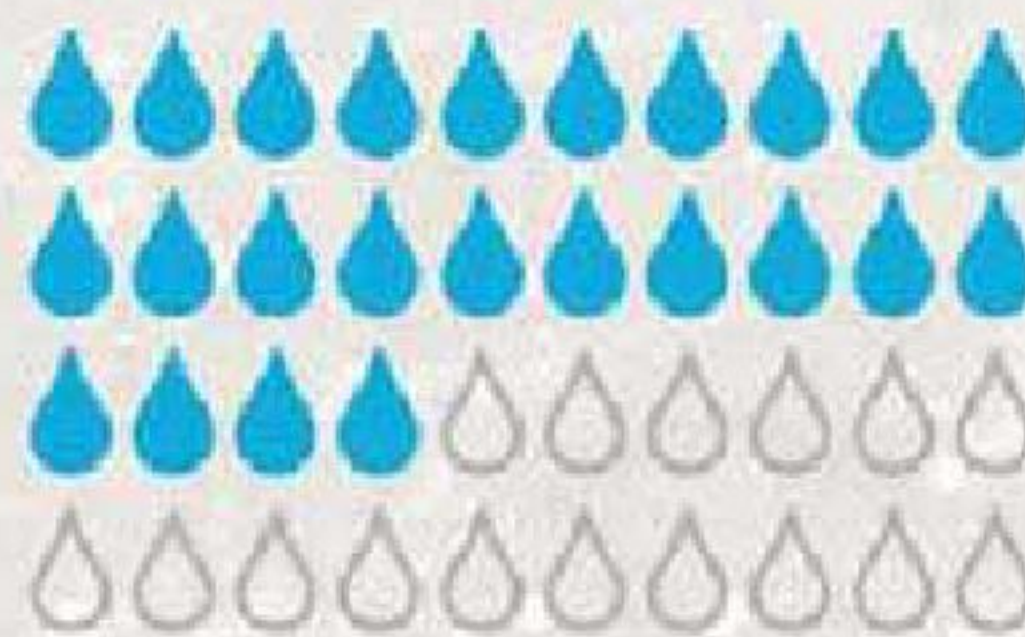
1kg
Alumínio
$Al(OH)_3$
100.000 litros

1 kg
Frango
2.800 a 4.500 litros

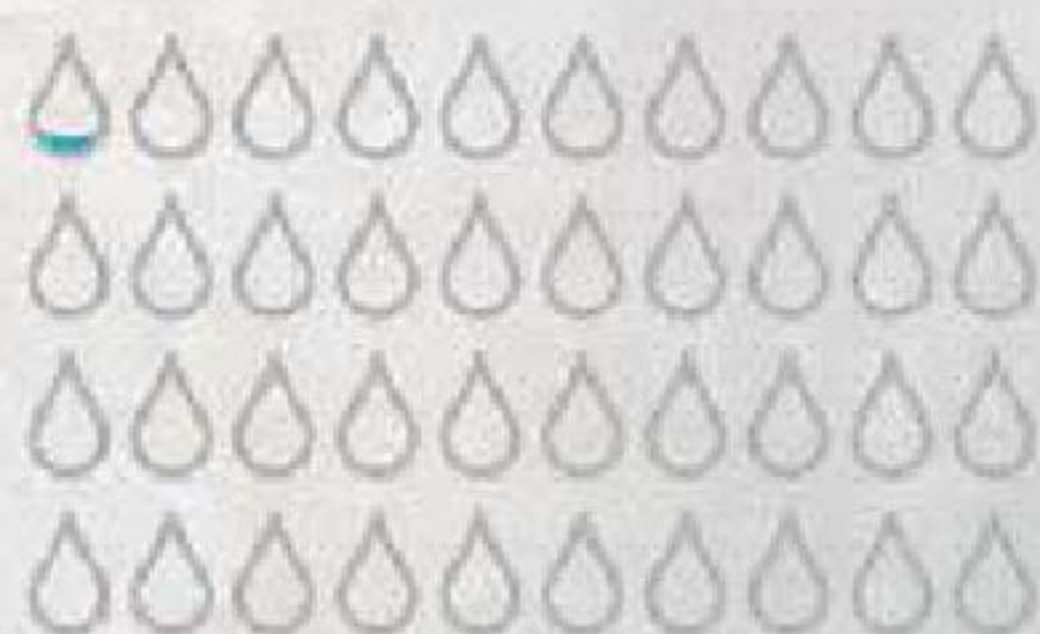
1 kg
Carne de Porco
4.600 a 5.900 litros

1 kg
Carne de Boi
13.500 a 20.700 litros

Dia Mundial da Água

1kg
Trigo
1.150 a 2.000 litros

1kg
Manteiga
18.000 litros

1litro
Leite
560 a 860 litros

1kg
Arroz
1.400 a 3.600 litros

1 litro
Cerveja
4 a 7 litros

Fonte: Sabesp

Por isso é tão importante proteger as matas à beira de mananciais e evitar o desperdício e a poluição

Compra sem surpresas

As seis regrinhas básicas para comprar um carro usado — sem a ajuda do mecânico

1 Peça o manual e verifique a realização das revisões programadas. Carro com a última revisão feita próxima à quilometragem atual é sinal de veículo bem cuidado. Compare a diferença entre as revisões: se no manual a última foi aos 30 000 quilômetros e o carro está com 100 000 quilômetros rodados, esse é um indício de que depois do término da garantia a manutenção foi deixada de lado

2 Se o veículo não tiver manual, pergunte ao vendedor se ele passou por revisão antes de ser posto à venda. Questione quais itens foram revisados e quais peças foram trocadas. Exija a nota fiscal do serviço — o que comprovará se os itens foram de fato trocados

3 Desconfie de veículos com quilometragem baixa. Se o carro estiver com 30 000, 40 000 ou até 50 000 quilômetros mas apresentar desgaste acentuado nos bancos, nos pedais e na alavanca do câmbio, isso pode ser indício de adulteração da quilometragem

4 Sempre dirija o carro antes de fechar negócio. Procure dirigi-lo em várias condições e avalie o veículo, ainda que sem nenhum conhecimento técnico. Preste atenção em barulhos estranhos no motor e na suspensão. Rodas amassadas ou pneus de marcas diferentes denunciam mau uso. Verifique faróis e lanternas, fumaça em excesso e ligue e desligue o carro algumas vezes. Ele morre, tem dificuldade para pegar, apresenta ruídos estranhos? Procure outro

5 Certifique-se de que todos os documentos estão em ordem. Verifique se o número do chassi bate com o impresso no documento e se a placa traseira está com o lacre. Consulte o número do Renavam na internet para saber se há multas ou restrições e pendências legais

6 Se estiver em dúvida entre modelos diferentes, consulte o preço do seguro de cada um deles antes de fechar negócio. O valor do seguro pode variar muito de um carro para outro, ainda que eles sejam da mesma categoria, como compacto ou luxo, por exemplo

Attilio

ISTOCKPHOTO

A opinião de quem entende do negócio

No momento da compra de um carro usado, ouvir o que diz um mecânico de sua confiança é fundamental. Todos os anos, uma pesquisa revela os modelos que eles mais recomendam. Os critérios, aqui, são qualidade e resistência dos materiais, facilidade de encontrar peças de reposição e propensão a apresentar defeitos. Eis os carros mais recomendados por 1 200 mecânicos de todo o país:

1° LUGAR
GOL
Motivos: a boa qualidade da mecânica e do projeto

2° LUGAR
PALIO
Motivos: o conforto e a melhor relação custo-benefício

3° LUGAR
CORSA
Motivos: a durabilidade das peças e o valor de revenda

Especialistas consultados: José Palácio, do Instituto da Qualidade Automotiva, e George Assad Chahade, da Associação dos Revendedores de Veículos Automotores do Estado de São Paulo

Com reportagem de Marcos Rozen

TERRA ARRASADA

A internet está destruindo a cultura, diz Andrew Keen, autor de *O Culto do Amador* — livro que acusa a rede de pecados graves

ILUSTRAÇÕES ROB

Anonimato

É fácil assumir identidades falsas na rede. Pedófilos, fraudadores de cartão de crédito e propagandistas políticos podem esconder suas verdadeiras (e más) intenções

Ignorância

Em um meio em que todos podem escrever — e até contribuir com verbetes para enciclopédias como a Wikipedia —, o conhecimento dos especialistas tem menos valor que os equívocos da massa

Rede de bobagens

Num ensaio provocador, Andrew Keen, ex-empresário da área de tecnologia, acusa a internet de promover a ditadura da ignorância

JERÔNIMO TEIXEIRA

No conto *A Biblioteca de Babel,* de 1941, o escritor argentino Jorge Luis Borges descreve uma biblioteca infinita, que guarda todos os livros que a combinação das letras do alfabeto permitiria compor. Já foi dito que essa coleção inesgotável de textos seria uma prefiguração da internet. Só que a biblioteca de Borges não é o repositório amigável do conhecimento que a rede pretende ser. Trata-se, ao contrário, de uma versão do inferno, com inumeráveis salas repletas de livros ininteligíveis. O britânico Andrew Keen, ex-empresário pontocom convertido em crítico cultural, repisa a analogia entre a biblioteca imaginária de Borges e a rede planetária em ***O Culto do Amador*** (tradução de Maria Luiza X. de A. Borges; Jorge Zahar; 208 páginas; 39 reais), que acaba de chegar às livrarias brasileiras. Keen sugere que a internet também pode ser um pesadelo cultural — um acúmulo inabarcável de tolices criadas por uma multidão de narcisistas ansiosos para se expressar on-line. A argumentação de Keen é muitas vezes alarmista — mas seu livro traz provocações incômodas, que merecem ser consideradas seriamente.

Nos anos 90, Keen lançou o site Audiocafe, dedicado a distribuir música em formato digital. Sua desilusão com a internet aflorou mais tarde, em uma conferência de empreendedores do Vale do Silício, promovida pelo guru da tecnologia Tim O'Reilly, em 2004. O'Reilly popularizou a expressão Web 2.0 para designar uma nova e mais dinâmica fase da internet com banda larga. Keen começou a se sentir desconfortável com a retórica utópica de O'Reilly e seus apóstolos: no mundo revolucionário anunciado por essa turma, qualquer pessoa que dispusesse de um computador poderia se tornar músico, escritor, crítico, jornalista. A autoridade dos especia-

Pirataria
A noção de direito autoral foi posta em xeque pelo download de músicas, filmes e livros na rede, causando prejuízos a empresas e artistas

Impunidade
Na imprensa tradicional, os jornalistas podem responder judicialmente pelo que escrevem. A internet, ao contrário, é anônima e irresponsável — um território livre para caluniadores

INIMIGO DO ILUMINISMO? *Jimmy Wales, o criador da Wikipedia: quase tão acurada quanto a enciclopédia* Britannica

RICK FRIEDMAN / CORBIS / LATINSTOCK

listas seria esvaziada, e os palpiteiros ditariam os rumos da cultura do alto de seus blogs. "Público e autor estavam se tornando uma coisa só, e estávamos transformando cultura em cacofonia", escreve Keen. A Wikipedia seria o epítome dessa cultura do amadorismo. Idealizada pelo empresário Jimmy Wales, pretende ser uma enciclopédia democrática, cujo conteúdo é produzido pelos usuários (embora um grupo de editores voluntários detenha o poder de determinar a forma final dos verbetes). Keen acusa Wales de ser um agente do contrailuminismo: seu empreendimento coletivo mina a autoridade de enciclopédias tradicionais como a *Britannica* (parcial na escolha de dados, Keen não discute o estudo comparativo dos verbetes científicos das duas enciclopédias realizado em 2005 pela conceituada revista *Nature,* no qual se constatou que a *Britannica* quase se iguala à Wikipedia no número de erros e imprecisões).

A Web 2.0, argumenta Keen, realiza o velho adágio segundo o qual um grupo de macacos que batucasse infinitamente sobre máquinas de escrever um dia acabaria compondo uma obra coerente. *O Culto do Amador* responsabiliza a rede pela queda na circulação dos grandes jornais americanos e pelos prejuízos da indústria fonográfica, vítima da pirataria digital. Seu ataque à internet, porém, não se centra na economia, mas na moral. Na visão de Keen, a rede é um faroeste virtual dominado por pistoleiros anônimos. Isenta de qualquer controle ou fiscalização, seria território livre para o plágio, a calúnia, a boataria irresponsável e a propaganda sub-reptícia. As mais abiloladas teorias conspiratórias ganham repercussão indevida: *Loose Change,* documentário amador que acusa o governo Bush de ter montado os atentados de 11 de setembro, já foi visto mais de 2 milhões de vezes no YouTube.

A internet de fato comporta todos os crimes de que é acusada por Keen *(veja o quadro nas págs. 130 e131)* — mas nada disso significa que a morte da cultura delineada em *O Culto do Amador* seja um risco iminente. Esse tipo de crítica conservadora e catastrofista é recorrente sempre que uma nova tecnologia de comunicação emerge — cada um em seu turno, a imprensa, o cinema, a televisão já foram considerados o veículo dos bárbaros para pôr fim à civilização. Falta à análise de Keen uma certa perspectiva histórica, que permita dimensionar os tais estragos da internet. A música digital ameaça a indústria fonográfica? Talvez — mas, se Bach, Mozart e Beethoven compuseram o melhor do repertório ocidental antes da existência dessa indústria, não há razão para imaginar que a eventual falência das gravadoras silenciaria a música. A calúnia anônima tampouco precisa de computadores para vigorar — na imprensa do século XIX, artigos injuriosos assinados por pseudônimos eram comuns. Há considerações pertinentes — e preocupantes — em *O Culto do Amador.* Mas Keen também padece da superficialidade que ele atribui ao objeto de sua crítica. ■

TRECHO DO LIVRO EM veja.com
www.veja.com.br

ALEXANDRIA 2.0

Um ermitão que lesse *O Culto do Amador,* de Andrew Keen, sem nunca ter tido contato efetivo com a internet imaginaria um deserto intelectual em que a pornografia e vídeos amadores seriam as únicas formas de cultura. Mas a rede tem, de fato, o potencial para ser uma espécie de biblioteca universal, um catálogo compreensivo do conhecimento humano. Há bons projetos para compilar bibliotecas digitais. O mais conhecido é o do Google, que está patrocinando o escaneamento de milhões de livros em bibliotecas universitárias. No fim do ano passado, o Google Book Search, que permite pesquisar essas obras, chegou a um acordo judicial com associações de editores e autores americanos que o acusavam de violar direitos autorais. O acordo deverá permitir que mais livros sejam disponibilizados on-line. Um concorrente do Google Book Search é o Openlibrary.org, que recrutou 135 livrarias no mundo todo para escanear mais de 1 000 livros por dia. Trata-se de uma iniciativa do empresário americano Brewster Kahle, que ficou milionário criando empresas e programas que depois foram vendidos para gigantes da internet como o AOL e a Amazon. Kahle não é modesto nas suas ambições. "Quero construir a Alexandria 2.0", disse à revista *The Economist,* aludindo à legendária biblioteca da Antiguidade.

BEN MARGOT / AP

BIBLIOTECA DIGITAL *Brewster Kahle: concorrente do Google Book Search*

MILITANTE DA DIVERSÃO

Um dos mais populares nomes do pop, o Pet Shop Boys está lançando seu décimo disco. Nesta entrevista, Neil Tennant, vocalista da dupla, fala de música, dos direitos dos gays e de Tony Blair

PEROU / CAMERA PRESS / OTHERIMAGESPRESS

Em 1981, o jornalista Neil Tennant juntou-se ao amigo Chris Lowe, então um estudante de arquitetura, para formar o Pet Shop Boys — uma das mais influentes e populares bandas de música pop das últimas décadas. A dupla criou hits como *West End Girls* e *Being Boring*, vendeu 50 milhões de discos — e, de quebra, produziu discos de cantoras como Dusty Springfield e Liza Minnelli. Tennant é uma das figuras mais articuladas do pop. Gay assumido e engajado em movimentos de direitos dos homossexuais, não faz, no entanto, proselitismo barato em suas músicas — seu negócio é diversão, não pregação. O cantor falou com o repórter Sérgio Martins sobre sua carreira e sobre *Yes*, o décimo disco dos Pet Shop Boys, que chega às lojas nesta semana no Brasil.

Qual a principal colaboração do Pet Shop Boys para a música? Sem falsa modéstia, criamos um estilo único. Sou fã de cantoras como Dusty Springfield. Inspirado na dramaticidade dela, criei uma maneira original de cantar. Ninguém na música pop canta do mesmo jeito que eu. Creio que também criamos uma sonoridade bastante original, que mistura música eletrônica e elementos da música dos anos 60.

O Pet Shop Boys é um grupo gay? O Pet Shop Boys é um grupo de música pop. Eu sou homossexual assumido, mas é restritivo rotular nosso estilo musical dessa maneira. As pessoas que ouvem nossas músicas e compram nossos discos o fazem porque gostam do ritmo e das letras. Não temos sucesso porque fazemos pregação, mas por causa da qualidade de nossas composições. Não importa que eu seja gay: a música da minha banda é feita para ser consumida por gays e héteros.

Mas o senhor, ao lado de Elton John, é um árduo defensor da causas homossexuais na Inglaterra. Sim, e continuarei sendo. Muita coisa, aliás, melhorou a partir dessa luta. Hoje em dia, atores e jornalistas saem do armário sem receio. A idade do consentimento na Inglaterra, que estabelece um limite legal para quem quiser ter relações sexuais, hoje é a mesma — 16 anos — para homossexuais e heterossexuais. Até 2000, o limite para gays do sexo masculino era mais alto, de 18 anos. Mas é sempre importante separar a militância do trabalho artístico.

Nos anos 80, o senhor trabalhou como jornalista na revista *Smash Hits*, que cobre o mundo da música pop. O que aprendeu com a profissão? Aprendi a escrever textos sobre música — e espero jamais ter de escrevê-los novamente. Não é que eu tenha ojeriza pela profissão. Mas sou melhor cantor e compositor do que jornalista. Fiquei pouco mais de dois anos na *Smash Hits*. Não foi tempo suficiente para que eu amasse a profissão. Hoje em dia, até fico lisonjeado quando alguém me pede para escrever um artigo musical — mas prefiro continuar cantando.

***Legacy*, música do disco *Yes*, é inspirada na trajetória do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair. Qual sua avaliação do governo dele?** Essa música é uma carta de despedida para Blair. A primeira frase da canção — "Tudo o que eu pude fazer, eu fiz certo" — foi tirada do próprio discurso de renúncia dele. Eu não acho que ele tenha sido um péssimo político, mas errou ao aderir à Guerra do Iraque. E saiu com a reputação manchada entre os ingleses. ■

SEM FALSA MODÉSTIA *Neil Tennant, o original: "Ninguém na música pop canta do mesmo jeito que eu"*

FOTOS DIVULGAÇÃO/TV RECORD/CBS/TV GLOBO/SBT

QUADROS DA MISÉRIA HUMANA

Do *Troca de Família* ao *BBB9*, os reality shows renovam os suplícios e humilhações impostos aos participantes. E alguns já chegam a extremos perigosos

MARCELO MARTHE

Na semana passada, o reality show *Troca de Família*, da Record, contrapôs os costumes de um lar argentino aos de uma família negra brasileira. "Como quase não há negros na Argentina, nós esperávamos reações racistas", diz o diretor Johnny Martins. Mas a mãe brasileira, transplantada para a outra casa, se deu bem com seus parentes postiços — e o produto final foi um programa morno. A situação ilustra o dilema dos produtores do *Troca de Família*. A atração (originada de um formato da rede americana Fox) explora os conflitos, digamos, antropológicos resultantes do intercâmbio entre clãs com valores diferentes. Após duas temporadas, contudo, a fórmula se tornou manjada. Os participantes, escaldados, tendem a posar de vestais da correção política. A estratégia da Record para driblar o problema foi radicalizar. A mulher de um delegado entrou em pânico ao ser despachada para uma colônia hippie (os cabeludos tentaram até extorqui-la). Uma palmeirense fanática assumiu o lugar da esposa do presidente da maior torcida organizada do arquirrival Corinthians. Num programa que vai ao ar em breve, apela-se para o bizarro: uma senhora católica passa uns tempos com um praticante de sadomasoquismo e seus filhos, que vivem numa boate paulistana em meio a jaulas, correntes e escravos sexuais.

O *Troca de Família* chega a extremos perigosos. No episódio que enfocou o intercâmbio entre torcedores de times rivais, a presença da mãe palmeirense na quadra da torcida rival causou tanto tumulto que ela teve de ser retirada às pressas. Na semana passada, os bispos da Record ainda decidiam se abortarão a transmissão de uma história que, no começo deste ano, terminou em tragédia. Nesse episódio, a participante Deborah expôs sua inusitada situação conjugal: seu marido, o roqueiro Oswaldo Vecchione, do jurássico grupo Made in

TERAPIA DE CHOQUE

As principais provações enfrentadas pelos participantes dos reality shows

TROMBADAS CULTURAIS

Exemplo: *Troca de Família* (Record)
A ideia é pôr em conflito clãs de valores opostos. Uma senhora católica foi morar com um bando de sadomasoquistas

TORTURA PSICOLÓGICA

Exemplo: *Big Brother Brasil 9* (Globo)
Na atual edição, recorreu-se a uma técnica usada nos interrogatórios da CIA — a privação sensorial. Um participante passou mal ao ser confinado no "quarto branco"

SOFRIMENTOS FÍSICOS

Exemplos: *Survivor* (People + Arts) e *The Amazing Race* (AXN)
Os participantes têm de gastar suas forças até o limite (ou além dele). No primeiro, são obrigados a comer vermes e insetos. No segundo, velhinhos tiveram de praticar rapel

HUMILHAÇÃO

Exemplo: *10 Anos Mais Jovem* (SBT)
A cada edição, uma mulher passa por intervenções estéticas radicais — mas antes o programa derruba a autoestima de suas vítimas. Exposta às provocações do público numa gaiola de vidro no centro de São Paulo, a moça ao lado caiu no choro

Brazil, se dividia entre ela e uma amante. Deborah tinha histórico de depressão e se suicidou semanas depois da gravação. É impossível saber até que ponto o programa a afetou, se é que a afetou — mas expor uma pessoa com essa delicada condição psicológica revela, no mínimo, falta de critérios.

Desde o seu surgimento, há cerca de quinze anos, a fórmula do reality show se mostrou elástica. Há programas que abraçam o assistencialismo, como o *Extreme Makeover — Home Edition,* em que uma família necessitada ganha uma reforma em sua casa. O *American Idol* (do qual derivou o brasileiro *Ídolos)* rejuvenesceu os programas de calouros, e o *American Inventor*, dos mesmos produtores, tem até certo caráter edificante, enaltecendo o empreendedorismo. Há, ainda, as mil variações de gincanas sobre moda e decoração. Mas a nota dominante do gênero é a do voyeurismo sádico: os programas mais populares são aqueles que submetem as pessoas a toda sorte de provações. Voluntariamente, é claro: aparentemente, a fama passageira conquistada nesses programas compensa toda a degradação.

Os suplícios físicos sempre fizeram parte do *Survivor,* sucesso desde o início da década na televisão americana. Na gincana, refeições à base de vermes e insetos são corriqueiras. E também o risco de ferimentos: em sua edição mais recente, que se passa nos cerrados do Tocantins, um participante perdeu um dos dentes numa prova de mergulho. Nos chamados programas de transformação, apela-se a outra forma de terapia de choque: a humilhação. No *10 Anos Mais Jovem,* que estreou há duas semanas no SBT, mulheres ganham plásticas e novos cortes de cabelo, mas antes têm de passar pela execração pública numa gaiola de vidro. Há também a tortura psicológica. O *Big Brother Brasil 9* já se valeu de uma técnica militar de interrogatório — a privação sensorial, por meio do "quarto branco". As trombadas culturais do *Troca de Família* completam esse quadro da miséria humana. ■

Diogo Mainardi

podcast em www.veja.com.br/diogomainardi

A costela do bispo

Deus e o Diabo em 2010. Deus: Edir Macedo. Diabo: Zeca Diabo. Edir Macedo é dono da Rede Record. Zeca Diabo é dono de Dilma Rousseff, segundo um relatório armazenado no computador do delegado Protógenes Queiroz. Quem é Zeca Diabo? Isso mesmo: José Dirceu.

O dono da Rede Record, Edir Macedo, e o dono de Dilma Rousseff, José Dirceu, aliaram-se abertamente na última semana. O colunista Daniel Castro, da *Folha de S.Paulo*, informou que uma das costelas da Rede Record, a Record News — ou CNN do dízimo —, é um completo fracasso. Na TV aberta, dá zero de audiência. Na TV a pagamento, dá zero de audiência. Pior ainda: a Record News tinha uma meta de faturamento de 100 milhões de reais. No ano passado, pelas contas de Daniel Castro, o resultado foi um décimo disso. A Igreja Universal do Reino de Deus é conhecida por seu desprendimento material. Por seu desinteresse por dinheiro. Mesmo assim, é duro imaginar que algum pastor tenha festejado o rombo.

"A Igreja Universal é conhecida por seu desprendimento material. Mesmo assim, é duro imaginar que algum pastor tenha festejado o rombo da Record News"

O *Jornal da Record* reagiu furiosamente ao artigo de Daniel Castro. Depois de atacar a *Folha de S.Paulo* por mais de sete minutos, acusando-a de ter perdido "qualidade editorial" e de passar por uma séria "crise de credibilidade", a emissora prometeu usar seus telejornais para constranger todos aqueles que a importunassem. Um dos gerentes da Rede Record, Celso Teixeira, mandou uma circular aos jornalistas, reiterando a mensagem intimidadora: "A partir de agora, a empresa vai se posicionar publicamente e judicialmente contra os ataques que recebeu nos últimos tempos". Isso quer dizer o seguinte: se alguém publicar um comentário que desagrade à Record, terá de enfrentar um bombardeio na TV e uma dezena de processos no Acre.

O dono de Dilma Rousseff, José Dirceu, imediatamente apoiou o dono da Record, Edir Macedo, denunciando a tendenciosidade da *Folha de S.Paulo*. Em 2010, ocorrerá o oposto: a Record, que pertence a Edir Macedo, apoiará Dilma Rousseff, que pertence a José Dirceu. Quando a Record News foi inaugurada, em 2007, Lula declamou ridiculamente: "Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós". O plano do PT era estimular o surgimento de uma imprensa plenamente domesticada, que ocupasse o lugar de quem ainda insistia em fazer jornalismo, noticiando os abusos do lulismo. Em particular: VEJA, Globo, *Folha de S.Paulo*. O plano deu errado. VEJA, Globo e *Folha de S.Paulo* continuam aí. A Record News, por outro lado, com zero de audiência na TV aberta, com zero de audiência na TV a pagamento, está tomada por comerciais da Polishop. Em 2010, em vez de Dilma Rousseff, o eleitor acabará comprando uma grelha. Um modelador de cabelo. Um fatiador de pepino.

RABO DE SAIA

Os romances indianos da novela das 8 continuam mornos, mas o rebolado da fogosa Norminha anima a trama

Um forró de quinta categoria abala a supremacia da *bhangra,* a dança indiana, na trilha de *Caminho das Índias.* A faixa *Você Não Vale Nada*, de um grupo que atende pelo gracioso nome de Calcinha Preta, é martelada sempre que Norminha, a dona-de-casa interpretada por Dira Paes, entra em cena. A popularidade da música — muito mencionada pelos espectadores que ligam para a central de atendimento da Globo — reforça o sucesso da personagem (e vice-versa). Norminha faz excursões sexuais de madrugada, depois de providenciar um "leitinho com canela" para o maridão guarda de trânsito cair no sono. E, com seu rebolado provocativo, movimenta a inacreditável pastelaria hindu que Glória Perez encravou no bairro carioca da Lapa — uma variação do bar da dona Jura, de *O Clone* (2001). É mais uma personagem caricatural no currículo da atriz que fez Solineuza, a doméstica abilolada do humorístico *A Diarista*. O humor popularesco e o clima de gafieira são, afinal, especialidades de Glória Perez. Como se tornou praxe em seus folhetins, mais uma vez uma trama cômica paralela quebra o marasmo — já que Juliana Paes e Márcio Garcia ainda não empolgaram como par romântico (no diagnóstico de executivos da Globo, o fato de os dois terem virado grandes amigos prejudica a concentração em cena). Perto do furacão Norminha, o *kama sutra* dos pombinhos é um sonífero. ■

MARCELO MARTHE

RAFAEL FRANÇA/TV GLOBO

GAFIEIRA *Dira Paes: melhor que o* kama sutra

SÓ O MITO, E NADA DO HOMEM

Che finge contar como Guevara virou um líder da Revolução Cubana — mas não passa de uma peça de propaganda encoberta

Depois de *Diários de Motocicleta*, mais um filme se dedica — e "dedicar-se", aqui, não é força de expressão — a romantizar Che Guevara e reforçar o mito do revolucionário que se martirizou em prol da justiça para os oprimidos. Na primeira parte de ***Che*** (Estados Unidos/ Espanha/ França, 2008), que estreia nesta sexta-feira no país, o argentino Guevara, interpretado por Benicio Del Toro, conhece Fidel Castro, junta-se à luta armada liderada por ele em Cuba e passa dois anos na selva da ilha, transformando camponeses em guerrilheiros, galgando a hierarquia do movimento e trabalhando incansavelmente pela revolução, sem se deixar abater pelos recursos escassos nem pelos graves ataques de asma. Às vezes manifesta sua inflexibilidade ou ordena a execução de algum traidor ou desertor. O filme do diretor Steven Soderbergh, de *Traffic* e *Onze Homens e Um Segredo*, termina às vésperas da entrada na capital, Havana, e da vitória; a segunda parte, que ainda não tem data de lançamento aqui, retoma a trajetória de Guevara vários anos mais tarde, já na Bolívia, onde sua tentativa de organizar uma revolta campesina fracassou e ele foi assassinado pelo Exército boliviano. Entre as duas partes de *Che* há uma elipse e tanto: justamente os anos do poder, sobre os quais seria preciso mencionar a atuação catastrófica de Guevara como ministro da Indústria e presidente do Banco Nacional e as centenas de execuções que determinou enquanto diretor da prisão de La Cabaña. (Del Toro, que foi a Cuba conhecer muitos correligionários de Guevara mas esqueceu de ouvir seus críticos, aparentemente teve notícia dos assassinatos pela primeira vez durante uma entrevista a uma furiosa repórter de uma TV de Miami, cidade lotada de refugiados cubanos que têm pouca paciência para com as tentativas de santificação do "Comandante".)

Soderbergh ilustra bem o método pelo qual o mito de Guevara segue sendo reiterado em certos círculos — método que envolve alguma habilidade e um tanto de safadeza. *Che* respalda suas omissões numa estrutura dramática que trata do "sonho" revolucionário, e assim fica livre para descartar a crescente atrocidade de Guevara e o barbarismo em que cairiam os movimentos sociais que adotaram a luta armada. Mas, como o diretor permite uma ou outra espiadela nos pés de barro do santo, pode fingir-se de íntegro e voltar as acusações sobre Guevara contra quem as faz. Soderbergh assim descartou as objeções dos que ele define como "anti-Che": "Qualquer quantidade de barbaridades que incluíssemos no filme não bastaria para satisfazê-los". Por essa inversão, quem tem sede de sangue são os detratores de seu personagem — e não o próprio personagem. Uma manobra ágil, e perfeitamente desonesta. ■

ISABELA BOSCOV

TRAILER DO FILME EM veja.com
www.veja.com.br

REVOLUÇÃO ROMÂNTICA
Del Toro, como Che (à esq.), *e Santiago Cabrera como Camilo Cienfuegos: de "puro", só o charuto Montecristo*

DIVULGAÇÃO

HORA DA AULA

Um filme tirado de um livro de autoajuda, como *Ele Não Está Tão a Fim de Você,* parece exótico. Mas é só impressão: a lição de moral ou comportamento está no DNA do cinema americano

ISABELA BOSCOV

Com o intuito de dar um chacoalhão nas mulheres mais românticas — e portanto iludidas, e sujeitas a decepções em série —, o best-seller de autoajuda *Ele Simplesmente Não Está a Fim de Você* desdobrava em todas as facetas possíveis a afirmação do título. Por exemplo: se ele não ligou nem marcou um novo encontro, não é porque ele é tímido, teve de viajar, perdeu seu número de telefone ou sofreu um acidente; é porque *não quis*. Se vocês estão juntos, mas ele dá em cima de outras mulheres, não é porque os homens são assim mesmo; é porque ele está menos comprometido do que você imagina; e assim por diante. Como é quase regra nesse filão editorial, o livro de Liz Tuccillo e Greg Behrendt (ambos com créditos na equipe de criação da série *Sex and the City),* publicado aqui pela Rocco, é um tanto pedestre e estica o assunto além da conta. E, claro, não tem enredo, o que indicaria que a adaptação de um manual como esse para o cinema sairia um purgante. Surpresa: ***Ele Não Está Tão a Fim de Você*** *(He's Just Not That Into You*, Estados Unidos, 2009), que estreia nesta sexta-feira no país, é suficientemente lúcido, bem escrito e atento aos seus personagens para se destacar da massa medíocre em que o gênero da comédia romântica se converteu de uma ou duas décadas para cá.

Mais surpreendente ainda é que esse resultado positivo se deve em parte à matéria-prima da qual o filme se origina. O ensinamento moral está no genoma da produção cultural americana, das jeremiadas — os longos textos de exortação produzidos pelos puritanos — e da Declaração de Independência à corrente da autoajuda, oficialmente inaugurada na década de 1930 com o perene *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas*. Nestes séculos de prevalência, adquiriu fortes características narrativas e deixou marcas indeléveis no cinema: a produção de Hollywood abomina as pontas soltas e os desfechos abertos, sem lição, da mesma maneira que o cinema europeu detesta os finais fechados e amarrados. No filme romântico, essa inclinação para arrumar a casa tem se traduzido, à medida que a qualidade dos roteiros declina (e ela está, sim, declinando), numa mesmice insuportável. Ao buscar inspiração na fonte primeira dessa tendência, contudo, *Ele Não Está Tão a Fim de Você* salta uma barreira. Como o livro descreve uma série de situações distintas, o filme não tenta fazer aquela ginástica desgraciosa de resumi-las em um par principal. Em vez disso, opta por seguir um punhado de personagens ligados entre si — mas com uma boa folga — pelo trabalho, pela amizade ou pelas circunstâncias, e então identificar neles os equívocos e armadilhas comuns nos relacionamentos amorosos.

Dirigido por Ken Kwapis, do igualmente honesto *Quatro Amigas e Um Jeans Viajante*, o filme faz a cortesia de trocar o batidíssimo cenário de Nova York pela mais aconchegante Baltimore. Lá, Jennifer Aniston e Ben Affleck

MULHERES, APRENDAM
Cooper e Jennifer discutem a relação: se ele não liga, é porque não quer ligar

batem de frente porque, depois de sete anos de vida em comum, ele continua achando que o casamento é uma formalidade desnecessária. Bradley Cooper tenta se lembrar das razões pelas quais se casou com Jennifer Connelly, e descobre que fica ainda mais difícil puxar pela memória quando está perto de Scarlett Johansson, que conheceu por acaso. Kevin Connolly também tem um fraco por Scarlett, mas não vê que ela só o procura à cata de reforço positivo. Na trama mais bem desenvolvida, Ginnifer Goodwin se entusiasma com Kevin (como se entusiasma com qualquer um) depois de um encontro às escuras, e interpreta mal (como sempre) os supostos sinais de afinidade que ele emitiu. Enquanto o persegue, conhece o ótimo Justin Long, um gerente de bar que prefere ciscar a se comprometer, e que tenta mostrar a Ginnifer os estratagemas que ela usa para se enganar a respeito dos homens que encontra. Nenhum dos personagens é perfeito, tampouco um canalha — e todos falam uma língua reconhecível e se comportam como pessoas que estão do lado de cá, e não de lá, da tela. O que, em vista da produção recente, é uma lição e tanto a ensinar. ■

TRAILER DO FILME EM veja.com
www.veja.com.br

MORAL DA HISTÓRIA

As lições (em geral bem óbvias) que alguns sucessos americanos se propõem a ensinar ao espectador

A FELICIDADE NÃO SE COMPRA (1946)

O enredo: um anjo mostra a um homem exausto e falido, que contempla o suicídio, como seria a vida em sua cidadezinha se ele não existisse

A lição: o sucesso deve ser medido não por conquistas materiais, mas pelo bem que se faz ao próximo a cada dia

FOTOS EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE

TOMATES VERDES FRITOS (1991)

O enredo: uma dona de casa infeliz ouve de uma velhinha num asilo a história de uma mulher que desafiou tudo e a todos na juventude

A lição: viver de acordo com as regras que os outros impõem não garante a aprovação alheia nem a realização — apenas a frustração

CASAMENTO GREGO (2002)

O enredo: uma moça gordinha, de origem grega, teme estar ficando para titia. Quando se apaixona por um sujeito que nada tem de grego, sua família fica horrorizada

A lição: primeiro, nunca se deve ter vergonha de ser quem se é; segundo, é possível achar um compromisso entre a tradição e a individualidade

DIVULGAÇÃO

SUPERBAD (2007)

O enredo: três adolescentes tentam levar bebida alcoólica para uma festa. Embebedar as meninas, acreditam, é a única maneira de conseguir que elas fiquem com eles

A lição: nem todas as mulheres julgam os homens pela aparência e popularidade — aliás, as que valem a pena não costumam ligar para essas coisas

veja Recomenda

DISCO *Nelson Freire: novas interpretações de Debussy, que o pianista descobriu aos 12 anos*

DIVULGAÇÃO

CINEMA *Sally Hawkins em* Simplesmente Feliz: *bom humor tão imperturbável que chega a irritar*

CINEMA

SIMPLESMENTE FELIZ (*HAPPY-GO-LUCKY*, INGLATERRA, 2008. ESTREIA NESTA SEXTA-FEIRA)

■ Poppy (a excelente Sally Hawkins) é sempre tão bem-humorada que chega a irritar: acena para gente que não conhece na rua, nunca perde a paciência com seus alunos da pré-escola e não fica brava nem quando lhe roubam a bicicleta ("nem tivemos tempo de nos despedir!", é sua única queixa). A tarefa a que o filme do inglês Mike Leigh (de *Segredos e Mentiras*) se propõe é mostrar que Poppy é feliz não porque é uma tonta que não vê o que se passa no mundo, mas porque prefere relevar o ruim e atentar ao bom. Nem Poppy, porém, é páreo para Scott (o também ótimo Eddie Marsan), seu instrutor de autoescola, um homem que odeia tudo e a todos com fúria. Da colisão entre os dois personagens, Leigh tira uma bela reflexão sobre como a maneira como se vive é fundamentalmente uma escolha.

veja.com

LIVROS

OS DESBRAVADORES, DE FELIPE FERNÁNDEZ-ARMESTO (TRADUÇÃO DE DONALDSON M. GARSCHAGEN; COMPANHIA DAS LETRAS; 536 PÁGINAS; 62 REAIS)

■ Professor das universidades de Oxford e de Londres, Fernández-Armesto é um historiador voltado para panoramas amplos. Em *Milênio*, por exemplo, construiu uma narrativa original dos últimos 1 000 anos. *Os Desbravadores* vai até mais longe: começa das primeiras andanças dos humanos primitivos, a partir da África, há pelo menos 150 000 anos, e chega ao mundo globalizado de hoje. O livro examina os feitos de navegadores e exploradores como o português Vasco da Gama e o escocês David Livingstone. Mas o foco central não está nos feitos heroicos desses aventureiros: Fernández-Armesto examina sobretudo os encontros e choques culturais envolvidos na exploração da Terra.

veja.com

CÓDEX ARQUIMEDES, DE REVIEL NETZ E WILLIAM NOEL (TRADUÇÃO DE RACHEL SHWARTZ; RECORD; 322 PÁGINAS; 49 REAIS)

■ Um dos mais importantes pensadores da Grécia antiga, Arquimedes deixou uma obra fundamental para a física e para a matemática. A descoberta recente de um manuscrito seu é inestimável para a história da ciência. Netz, professor de ciência antiga da Universidade Stanford, e Noel, diretor do projeto Palimpsesto de Arquimedes, contam a história desse achado em *Códex Arquimedes.* O livro refaz a longa trajetória do manuscrito, da Antiguidade até um leilão de 1998, em Nova York, e explica as técnicas usadas em seu deciframento. Na Idade Média, o manuscrito foi raspado para que se escrevesse um novo texto sobre ele. Técnicas modernas de raio X foram usadas para chegar às palavras de Arquimedes.

veja.com

CINEMATECA veja

■ Durante a Guerra do Vietnã o Capitão Willard (Martin Sheen) percorre o Rio Mekong, em território inimigo, para localizar o Coronel Kurtz (Marlon Brando), que instalou uma república de selvageria no Camboja. O espectador, então, adentra uma obra-prima feita com uma ambição e com um brilhantismo que simplesmente não existem mais no cinema americano. *Apocalypse Now Redux,* que a Cinemateca VEJA lança nesta semana em São Paulo e no Rio de Janeiro, ficou notório também como uma das mais arriscadas e tumultuadas filmagens da história. Não à toa, o diretor Francis Ford Coppola o apresentou no Festival de Cannes, em 1979, dizendo que seu filme não era sobre a guerra — era a própria guerra.

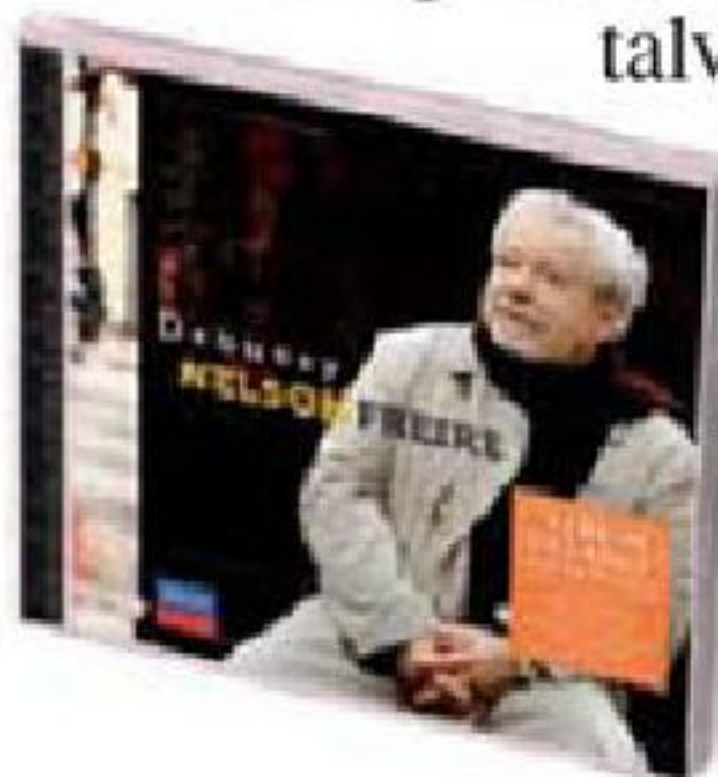
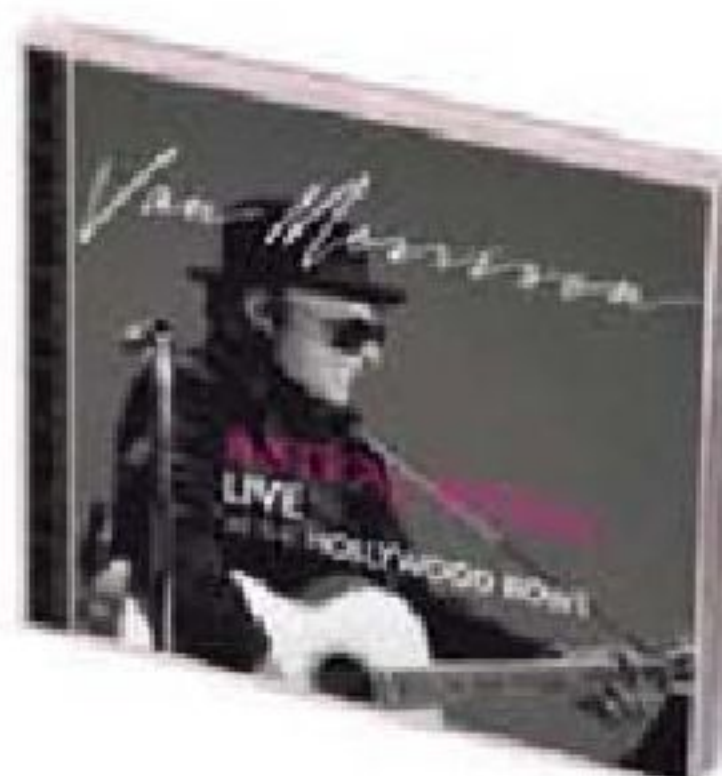
EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE

DIVULGAÇÃO

DISCO *Van Morrison: um disco de quarenta anos atrás, reenergizado ao vivo*

DISCOS

DEBUSSY, NELSON FREIRE (UNIVERSAL)

■ Nelson Freire tinha 12 anos quando descobriu a música do francês Claude Debussy, graças ao incentivo de seu professor de piano, que insistiu para que o aluno incluísse obras de impressionistas ao repertório. Desde então, Debussy incorporou-se a todos os recitais do instrumentista mineiro. Freire recentemente gravou Chopin, Schumann e Beethoven, mas talvez nenhum disco do pianista seja tão especial quanto este retorno ao compositor que o apaixonou na adolescência. O CD traz os Prelúdios — as versões de *La Sérénade Interrompue* e *La Cathédrale Engloutie* ficaram magistrais — e *Children's Corner*. Freire consegue dar até novo colorido a *Clair de Lune*, uma das mais populares (e desgastadas) músicas de Debussy.

ASTRAL WEEKS: LIVE AT THE HOLLYWOOD BOWL, VAN MORRISON (EMI)

■ Lançado em 1968, *Astral Weeks* é um dos melhores trabalhos do cantor irlandês Van Morrison. Gravado em apenas duas sessões, reuniu grandes músicos (como o baixista Richard Davis, que trabalhou com Sarah Vaughan) para interpretar composições calcadas no rock, no jazz e na música erudita. Em 2008, numa apresentação em Los Angeles, Morrison tocou o repertório de *Astral Weeks* na íntegra. O show deu origem a este CD ao vivo, no qual ele modificou e reenergizou as músicas originais (*Slim Slow Slider*, por exemplo, dobrou de tamanho) e ainda incluiu duas faixas que não faziam parte do álbum — *Listen to the Lion/The Lion Speaks* e *Common One*. É um disco empolgante tanto para os fãs do original quanto para os neófitos.

veja.com ASSISTA E LEIA EM www.veja.com.br

Os mais vendidos

FICÇÃO

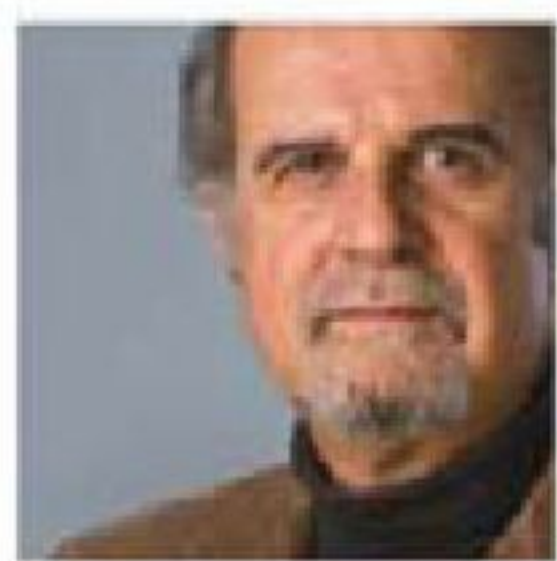
1. **A Cabana** — *William Young* [1 | 28] SEXTANTE
2. **Crepúsculo** — *Stephenie Meyer* [2 | 42#] INTRÍNSECA
3. **Eclipse** — *Stephenie Meyer* [3 | 9] INTRÍNSECA
4. **Lua Nova** — *Stephenie Meyer* [4 | 23] INTRÍNSECA
5. **O Vendedor de Sonhos** — *Augusto Cury* [5 | 36] ACADEMIA DE INTELIGÊNCIA
6. **O Leitor** — *Bernhard Schlink* [6 | 6] RECORD
7. **O Menino do Pijama Listrado** — *John Boyne* [7 | 12#] COMPANHIA DAS LETRAS
8. **A Menina que Roubava Livros** — *Markus Zusak* [8 | 102#] INTRÍNSECA
9. **O Pequeno Príncipe** — *Antoine de Saint-Exupéry* [9 | 13#] AGIR
10. **Paixão Índia** — *Javier Moro* [0 | 2#] PLANETA

NÃO FICÇÃO

1. **Mentes Perigosas** — *Ana Beatriz Barbosa Silva* [6 | 17#] FONTANAR
2. **Comer, Rezar, Amar** — *Elizabeth Gilbert* [1 | 50] OBJETIVA
3. **Marley & Eu** — *John Grogan* [2 | 126#] PRESTÍGIO
4. **Uma Breve História do Mundo** — *Geoffrey Blainey* [3 | 60#] FUNDAMENTO
5. **Marilyn e JFK** — *François Forestier* [7 | 3] OBJETIVA
6. **1808** — *Laurentino Gomes* [5 | 75] PLANETA
7. **Gomorra** — *Roberto Saviano* [4 | 11] BERTRAND BRASIL
8. **Uma Breve História do Século XX** — *Geoffrey Blainey* [8 | 17] FUNDAMENTO
9. **Dewey** — *Vicki Myron e Bret Witter* [10 | 15#] GLOBO
10. **Fazendo as Malas** — *Danuza Leão* [0 | 11#] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **O Código da Inteligência** — *Augusto Cury* [3 | 18] THOMAS NELSON BRASIL
2. **O Monge e o Executivo** — *James Hunter* [1 | 214] SEXTANTE
3. **A Arte da Guerra** — *Sun Tzu* [4 | 53#] VÁRIAS EDITORAS
4. **Vencendo o Passado** — *Zibia Gasparetto* [2 | 15] VIDA & CONSCIÊNCIA
5. **Quem Me Roubou de Mim?** — *Fábio de Melo* [5 | 17] CANÇÃO NOVA
6. **A Cabeça de Steve Jobs** — *Leander Kahney* [6 | 6#] AGIR
7. **Casais Inteligentes Enriquecem Juntos** — *Gustavo Cerbasi* [8 | 150#] GENTE
8. **O Segredo** — *Rhonda Byrne* [9 | 95] EDIOURO
9. **Nunca Desista de Seus Sonhos** — *Augusto Cury* [7 | 185#] SEXTANTE
10. **Os Segredos da Mente Milionária** — *T. Harv Eker* [10 | 102#] SEXTANTE

[A | B#] – A| posição do livro na semana anterior B| há quantas semanas o livro aparece na lista #| semanas não consecutivas

Roberto **Pompeu** de Toledo

Palavras que ferem, palavras que salvam

"Posso ajudar?" Eis duas palavrinhas que nos soam mais que familiares. Entra-se numa loja e lá vem: "Posso ajudar?". Está desencadeado um processo durante o qual não mais conseguiremos nos livrar da prestimosa oferta. Ao entrar numa loja, o ser humano necessita de um tempo de contemplação. Precisa se acostumar ao novo ambiente, testar a nova luminosidade, respirar com calma o novo ar. Sobretudo, necessita de solidão para, por meio de um diálogo consigo mesmo, distinguir entre os objetos expostos aquele que mais de perto fala à sua necessidade, ao seu gosto ou ao seu desejo. A turma do "posso ajudar" não deixa. Mesmo que se diga "Não, obrigado; primeiro quero examinar o que há na loja", ela só aparentemente entregará os pontos. Ficará por perto, olhando de esguelha, como policial desconfiado.

"É só aguardar? Só mesmo? Só gozar as delícias desta sala de espera, mais apinhada do que a Faixa de Gaza? Ou desta fila, comprida como a Muralha da China?"

Onde a situação atinge proporção mais dramática é nas livrarias. Livraria é por excelência lugar que convida ao exame solitário das mesas e das prateleiras. É lugar para passar lentamente os olhos sobre as capas, apanhar e sentir nas mãos um ou outro volume, abrir um ou outro para testar um parágrafo. Um jornal certa vez avaliou como critério de qualidade das livrarias a rapidez com que o atendente se apresentava ao freguês. Clamoroso equívoco. Boa é a livraria em que o atendente só se apresenta quando o freguês o convoca. As melhores, sabiamente, dispensam o "posso ajudar". As mais mal administradas, desconhecedoras da natureza de seu ramo de negócio, insistem nele.

Ainda se fossem outras as palavrinhas — "Posso servi-lo? Precisa de alguma informação?" Não; o escolhido é o "posso ajudar", traduzido direto do jargão dos atendentes americanos ("May I help you?"). A má tradução das expressões comerciais americanas já cometeu uma devastação no idioma ao propagar o doentio surto de gerúndios ("Vou estar providenciando", "Posso estar examinando") que, do telemarketing, contaminou outros setores da linguagem corrente. O "posso ajudar" é caso parecido. Tal qual soa em português, mais merecia respostas como: "Pode, sim. Meu carro está com o pneu furado. Você pode trocá-lo?". Ou: "Está quase na hora de buscar meu filho na escola. Você faz isso por mim? Assim me dedico às compras com mais sossego".

Pode haver algo mais irritante do que o "posso ajudar"? Pode. É o "é só aguardar". Este é próprio dos lugares em que se é obrigado a esperar para ser atendido — o banco, o INSS, o hospital, o cartório, o Detran, a delegacia da Polícia Federal em que se vai buscar o passaporte. Ou bem há uma mocinha distribuindo senhas ou um mocinho organizando a fila. Chega-se, a mocinha dá a senha, o mocinho aponta o lugar na fila, e tanto a mocinha quanto o mocinho dirão em seguida: "Agora é só aguardar".

Só? Só mesmo? O que vocês estão dizendo é que o mais difícil, que foi apanhar essa senha ou ouvir a instrução sobre em qual fila entrar — ações que não me custaram mais que alguns segundos —, já passou? Agora é só gozar as delícias desta sala de espera, mais apinhada do que a Faixa de Gaza? Ou apreciar as maravilhas desta fila, comprida como a Muralha da China? Um traço característico da turma do "é só aguardar" é que ela nunca cometerá a descortesia de dizer "é só esperar". Seus chefes lhes ensinaram que é mais delicado, menos penoso, "aguardar" do que "esperar". É um pouco como quando se diz que fulano "faleceu", em vez de dizer que "morreu". A crença geral é que quem falece morre menos do que quem morre. No mínimo, morre de modo menos drástico e acachapante.

◆◆◆

Há outras ocasiões em que o uso inábil da língua vem em nosso socorro. Exemplos:

"Foi movido contra você um processo nº 01239/2009 por danos morais, conforme a Lei nº 9.099, na segunda vara penal. Caso não compareça no lugar especificado no arquivo em anexo poderá implicar em chamada de segunda instância e/ou recolhimento da sociedade".

"Todos os clientes MasterCard, devem recadastrar o seu cartão em 72 horas. Este procedimento está sendo ocorrido mundialmente. Caso nosso sistema não reconhecer o recadastramento, ele bloqueia o cartão, isto é, ficando impossibilitado de novas compras. Clique no link abaixo e recadastre".

Quem frequenta a internet sabe do que se trata: e-mails de golpistas, ladrões de senhas. Quando não oferecem outros indícios, eles se denunciam pelo incontornável costume de estropiar o idioma. Que bom que a escola brasileira é tão ruim.

BEBA COM MODERAÇÃO.

GELAAAAAADA!

SOL

SOL SHOT,
A ÚNICA
GARRAFA
250 ML.